



INICIAÇÃO À DOCTRINA ESPÍRITA

4

ASPECTO FILOSÓFICO DO
ESPIRITISMO

Astolfo Olegário de Oliveira Filho



INICIAÇÃO À DOCTRINA ESPÍRITA

4

ASPECTO FILOSÓFICO DO ESPIRITISMO

Astolfo Olegário de Oliveira Filho

Data de publicação: 28/4/2022

PUBLICAÇÃO:

EVOC – Editora Virtual O Consolador

Londrina - Paraná – Brasil

www.oconsolador.com

Dados internacionais de catalogação na publicação

O47inic

Oliveira Filho, Astolfo Olegário de.

Iniciação à doutrina espírita: 4 - Aspecto Filosófico do Espiritismo / Astolfo Olegário de Oliveira Filho; revisão de Thiago Bernardes; capa de Cláudia Rezende Ribeiro. - Londrina, PR EVOC, 2022.
161 p.

1. Espiritismo-estudo e ensino. 2. Doutrina espírita-história. 3. Materialismo. 4. Panteísmo.
I. Bernardes, Thiago. II. Ribeiro, Cláudia Rezende. III. Título.

CDD 133.9
19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Índice

Ao Leitor, 6

Sobre o Autor, 8

1. A existência de Deus, 9

2. O infinito e o espaço universal, 13

3. Materialismo e panteísmo, 18

4. Elementos gerais do Universo: espírito e matéria, 23

5. O Universo e sua formação, 30

6. Formação dos mundos e dos seres vivos, 36

7. Os quatros reinos da Natureza, 43

8. Pluralidade dos mundos habitados, 48

9. Inteligência e instinto, 54

10. Diferentes ordens de Espíritos: escala espírita, 59

11. Diferentes ordens e progressão dos Espíritos, 64

12. Forma e ubiquidade dos Espíritos, 68

13. Espíritos errantes: sorte das crianças após a morte, 74

14. Ensaio teórico sobre as sensações e percepções dos Espíritos, 78

15. Ocupações e missões dos Espíritos, 83

16. Almas gêmeas e metades eternas, 87

17. Simpatias e antipatias espirituais, 91

18. Escolha das provas, 95

19. Separação da alma e do corpo, 100

20. Perturbação espiritual depois da morte, 105
 21. As penas eternas na visão espírita, 109
 22. O reino de Deus e o paraíso perdido, 114
 23. Determinismo e fatalidade, 119
 24. Livre-arbítrio, 125
 25. Os fundamentos da justiça da reencarnação, 130
 26. As provas da reencarnação, 135
 27. Justificativas do esquecimento do passado, 141
 28. Prelúdio da volta do Espírito à vida corporal, 147
 29. A infância, 152
 30. A encarnação nos diferentes mundos, 156
- Bibliografia, 160

“O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações.

Podemos defini-lo assim:

O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.”

KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*,
Preâmbulo

Ao Leitor

Publicada com o título geral de **Iniciação à Doutrina Espírita**, esta série tem como alvo as pessoas que estão dando seus primeiros passos em matéria de Espiritismo. Trata-se, pois, de uma publicação cujo propósito é preparar o leitor iniciante para que, dotado de um conhecimento preliminar sobre os ensinamentos espíritas, possa na sequência aprofundar-se no estudo da obra de Allan Kardec e de seus continuadores.

A série compõe-se de 5 volumes:

1º volume - **Iniciação à Doutrina Espírita**: 1 - Noções gerais e princípios básicos

2º volume - **Iniciação à Doutrina Espírita**: 2 - As leis morais segundo o Espiritismo

3º volume - **Iniciação à Doutrina Espírita**: 3 - Aspecto científico do Espiritismo

4º volume - **Iniciação à Doutrina Espírita**: 4 - Aspecto filosófico do Espiritismo

5º volume - **Iniciação à Doutrina Espírita**: 5 - Aspecto religioso do Espiritismo.

Conteúdo desta obra

O e-book ora publicado, que é o 4º volume da série **Iniciação à Doutrina Espírita**, é formado por 30 capítulos.

Na obra são focalizados inúmeros temas e questões diretamente relacionados com o chamado aspecto filosófico do Espiritismo.

Entre esses temas e questões, são objeto de capítulos específicos no livro, entre outros:

- A existência de Deus

- Materialismo e panteísmo
- Formação dos mundos e dos seres vivos
- Pluralidade dos mundos habitados
- Inteligência e instinto
- Escala espírita
- Erraticidade
- Ocupações e missões dos Espíritos
- Reencarnação e suas provas
- Perturbação espiritual depois da morte
- As penas eternas na visão espírita
- Determinismo e fatalidade
- Livre-arbítrio
- A infância.

Sobre o Autor

Astolfo Olegário de Oliveira Filho é diretor de redação do jornal espírita "O Imortal" e da revista espírita **O Consolador**, fundada em 18/4/2007 por ele e seu colega José Carlos Munhoz Pinto.

Natural de Astolfo Dutra (MG), reside desde os 18 anos no Paraná, estado para o qual se mudou com vistas a cursar a faculdade, graduando-se então no curso de Ciências Econômicas.

Filho de Astolfo Olegário de Oliveira e Anita Borela de Oliveira, é casado com Célia Maria Cazeta de Oliveira, sendo pai de quatro filhos, avô de oito netos e bisavô de Leonardo, filho de sua neta Bruna.

Escreveu e manteve por 13 anos, de 1980 a 1992, a coluna "Espiritismo" publicada aos domingos pela "Folha de Londrina".

É autor dos livros "20 Lições sobre Mediunidade" e "Lições para ontem, hoje e amanhã", bem como dos volumes 1, 2 e 3 da série "Iniciação à Doutrina Espírita", todos publicados no formato digital pela EVOC – Editora Virtual O Consolador.

No final de 2021 transferiu residência para a cidade de Araongas (PR), deixando assim de participar das atividades que realizou por várias décadas no Centro Espírita Nosso Lar e na Comunhão Espírita Cristã de Londrina, instituição localizada na periferia da cidade, da qual é, ao lado de sua esposa e vários amigos, um dos fundadores.

Fundou e dirigiu a Editora Leopoldo Machado e é atualmente diretor da EVOC - Editora Virtual O Consolador, de Londrina (PR), sendo também editor do blog Espiritismo Século XXI – <http://espiritismo-seculoxxi.blogspot.com.br/>

A existência de Deus

Sumário: Princípios fundamentais da Doutrina Espírita. Conceito espírita de Deus. Argumento dos materialistas contrário à existência de Deus. Provas da existência de Deus.

A existência de Deus é um dos princípios fundamentais do Espiritismo

1. Um dos princípios da Doutrina Espírita é o da existência de Deus como o Criador necessário de tudo o que existe. Outro princípio, igualmente fundamental, é o da existência dos Espíritos, e outro ainda é o princípio da natureza espiritual da alma humana, que constitui a individualidade consciente, permanente e imperecível do homem.

2. Tudo o mais que os Espíritos revelaram – a pluralidade dos mundos habitados, a reencarnação, a lei de causa e efeito, o princípio da necessidade das provas como meio de progresso – é decorrência natural dos princípios básicos citados. Fulge, no entanto, luminoso e à frente de todos, o princípio da existência do Eterno Criador.

3. Kardec iniciou sua principal obra, *O Livro dos Espíritos*, com um capítulo inteiramente consagrado a Deus e às provas de sua existência. Nesse livro o codificador da doutrina espírita perguntou aos Espíritos onde se pode encontrar a prova de que Deus existe, e eles assim responderam: “Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá” (*O Livro dos Espíritos*, questão 4).

4. Em *A Gênese*, sua última obra, depois de explicar, no capítulo I, o caráter da revelação espírita, o codificador trata novamente da existência de Deus logo na abertura do capítulo II, mostrando que ela constitui o mais importante princípio da Doutrina Espírita.

Deus não se mostra, mas se revela por suas obras

5. Nesse livro, o codificador do Espiritismo examina em seguida a opinião dos que opõem à tese da existência de Deus o pensamento de que as obras ditas da Natureza são produzidas por forças materiais que atuam mecanicamente, em virtude das leis de atração e repulsão, sob cujo império tudo ocorre, quer no reino inorgânico, quer nos reinos vegetal e animal, com uma regularidade mecânica que não acusa a ação de nenhuma inteligência livre. O homem – dizem tais opositores – movimenta o braço quando quer e como quer. Aquele, porém, que o movimentasse no mesmo sentido, desde o nascimento até à morte, seria um autômato. Ora, as forças orgânicas da Natureza são puramente automáticas.

6. “Tudo isso é verdade, redarguiu Kardec, mas essas forças são efeitos que hão de ter uma causa.” São elas materiais e mecânicas, mas são postas em ação, distribuídas, apropriadas às necessidades de cada coisa, por uma inteligência que não é a dos homens. A aplicação útil dessas forças é um efeito inteligente, que denota uma causa inteligente.

7. O Espiritismo dá o homem uma ideia de Deus que, com a sublimidade da Revelação, está conforme à mais perfeita e justa racionalidade.

8. Convince-nos da existência do Criador sem necessidade de recorrer a outras provas que não as que provêm da simples contemplação do Universo, onde Deus se revela através de leis sábias e de obras admiráveis que constituem um conjunto grandioso de tanta harmonia e onde há perfeita adequação dos meios aos fins, que se torna

impossível não ver por trás desse extraordinário mecanismo a ação de uma Suprema Inteligência, como os Espíritos Superiores fizeram questão de asseverar na resposta dada à pergunta de abertura de *O Livro dos Espíritos*: “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (Obra citada, questão 1).

A mecânica celeste não se explica por si mesma

9. Assim o compreendem, numa inata intuição de sua existência e de seu poder, todos os que não se deixaram empolgar totalmente pelo terrível entorpecedor da inteligência e do sentimento humanos, que é o orgulho, e reconhecem no mecanismo que entretém os movimentos universais a existência imprescindível de um primeiro motor transcendente. “A mecânica celeste não se explica por si mesma – escreveu Léon Denis -, e a existência de um motor inicial se impõe. A nebulosa primitiva, mãe do Sol e dos planetas, era animada de um movimento giratório. Mas quem lhe imprimira esse movimento? Respondemos sem hesitar: Deus.”

10. Assim como Léon Denis, também Albert Einstein reconheceu a existência de Deus como fonte necessária da energia que dá o primeiro impulso a tudo o que se move no Universo. E, muito antes dele, Isaac Newton teve de admitir a existência necessária de uma causa transcendente e de um primeiro motor para explicar o movimento dos planetas, declarando-se impotente para explicar tais movimentos somente pelas leis da Mecânica.

Questões para fixação da leitura

1. Quais são os princípios fundamentais da Doutrina Espírita mais relevantes?

A existência de Deus como o Criador necessário de tudo o que existe; a existência dos Espíritos; a natureza espiritual

da alma humana, considerada como Espírito encarnado; a pluralidade dos mundos habitados; a reencarnação e a lei de causa e efeito.

2. Os materialistas opõem à tese da existência de Deus um argumento interessante que eles consideram irrespondível. Que argumento é esse?

Eles opõem à tese da existência de Deus o pensamento de que as obras ditas da Natureza são produzidas por forças materiais que atuam mecanicamente, em virtude das leis de atração e repulsão, sob cujo império tudo ocorre, quer no reino inorgânico, quer nos reinos vegetal e animal, com uma regularidade mecânica que não acusa a ação de nenhuma inteligência livre, porque as forças orgânicas da Natureza seriam, segundo eles, puramente automáticas.

3. Qual é o principal argumento apresentado pelo Espiritismo como prova da existência de Deus?

Segundo o ensino espírita, a prova de que Deus existe pode ser encontrada num axioma aplicável às ciências: não há efeito sem causa. Procuremos a causa de tudo o que não é obra do homem e a razão nos responderá. Aos materialistas, Kardec diz que as forças orgânicas da Natureza, que eles consideram automáticas, são na verdade efeitos que hão de ter uma causa.

4. Como a Doutrina Espírita conceitua Deus?

Deus é, segundo o Espiritismo, a inteligência suprema, a causa primária de todas as coisas.

5. Eram ateus os gênios da Física Albert Einstein e Isaac Newton?

Não. Einstein reconhecia a existência de Deus como fonte necessária da energia que dá o primeiro impulso a tudo o que se move no Universo e Newton, muito antes dele, declarou-se impotente para explicar os movimentos dos astros somente pelas leis da Mecânica.

O infinito e o espaço universal

Sumário: Definição de Universo. Deus como autor do Universo. A infinitude do espaço universal. Conceito de tempo. Definição de espaço.

O espaço universal é, segundo o Espiritismo, infinito

1. Sendo o conjunto de tudo o que existe, o Universo - ensina o Espiritismo - é obra de Deus e dele fazem parte o próprio homem, ser pensante e racional, mas que é apenas uma criatura, um filho do Criador. No Universo há que considerar desde logo o espaço, que é a extensão onde tudo existe, e, ligado ao espaço, é preciso considerar ainda o tempo. Espaço e tempo, em termos universais e em relação a Deus, têm as dimensões do infinito e da eternidade.

2. Lemos na questão 35 de *O Livro dos Espíritos*: "O espaço universal é infinito ou limitado? Resposta: Infinito. Supõem-no limitado: que haverá para lá de seus limites? Isto te confunde a razão, bem o sei; no entanto, a razão te diz que não pode ser de outro modo. O mesmo se dá com o infinito em todas as coisas. Não é na pequenina esfera em que vos achais que podereis compreendê-lo."

3. Por infinito devemos entender "o que não tem começo nem fim: o desconhecido", tal como afirmaram os Espíritos Superiores no questão 2 de *O Livro dos Espíritos*.

4. No cap. VI de *A Gênese*, de Allan Kardec, o Espírito de Galileu, valendo-se da mediunidade de Camille Flammarion, trata do assunto. Eis nos itens seguintes, de forma resumida, o que Galileu escreveu sobre o espaço e sua infinitude.

5. Espaço é uma dessas palavras que exprimem uma ideia primitiva e axiomática, de si mesma evidente, e a cujo respeito as diversas definições que se possam dar nada mais fazem do que obscurecê-la. Todos sabemos o que é o espaço e apenas queremos firmar que ele é infinito.

6. Dizemos que o espaço é infinito pela simples razão de ser impossível imaginar-se-lhe um limite qualquer e porque, apesar da dificuldade que temos para conceber o infinito, mais fácil nos é avançar eternamente pelo espaço, em pensamento, do que parar num ponto qualquer, depois do qual não mais encontrássemos extensão a percorrer.

Deus semeou mundos por toda a parte no espaço infinito

7. Para figurarmos a infinidade do espaço, suponhamos que, partindo da Terra para um ponto qualquer do Universo, com a velocidade prodigiosa da centelha elétrica [1], e que, havendo percorrido milhões de léguas [2] desde que deixamos o globo, nos achamos num lugar donde apenas o divisamos sob o aspecto de pálida estrela. Passado mais algum tempo, seguindo sempre a mesma direção, chegamos a essas estrelas longínquas que mal percebemos de nossa estação terrestre. A partir de certo momento, não só a Terra nos desaparece inteiramente ao olhar, como também o próprio Sol com todo o seu esplendor.

8. Animados sempre da mesma velocidade, a cada passo que avançamos na extensão, transpomos sistemas de mundos, ilhas de luz etérea, estradas estelíferas, paragens suntuosas onde Deus semeou mundos na mesma profusão com que semeou as plantas nas pradarias imensas.

9. Ora, há apenas poucos minutos que caminhamos e já centenas de milhões de milhões de léguas nos separam da Terra, bilhões de mundos nos passaram sob as vistas e, entretanto, em realidade, não avançamos um só passo que seja no Universo.

10. Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares e sempre com a mesma velocidade do relâmpago, nem um passo igualmente teremos avançado, qualquer que seja o lado para onde nos dirijamos e qualquer que seja o ponto para onde nos encaminhemos, a partir deste grãozinho invisível donde saímos e que chamamos Terra. Eis aí o que é o espaço!

11. Vista a lição do Espírito de Galileu sobre o espaço, vejamos agora o tempo, que, segundo Kardec, "é a sucessão das coisas" e está ligado à eternidade, do mesmo modo que as coisas estão ligadas ao infinito.

O tempo existe por causa dos movimentos celestes

12. O tempo - adverte Hermínio C. Miranda - é apenas uma medida relativa de sucessão das coisas transitórias. A eternidade não é suscetível de medida alguma, do ponto de vista da duração, porque para ela não há começo nem fim: tudo lhe é presente.

13. O espaço existe por si mesmo, mas se passa o contrário com relação ao tempo. Se é impossível supor a supressão do espaço, não é assim com relação ao tempo. O tempo, assevera Camille Flammarion, é criado pela medida dos movimentos celestes. Se a Terra não girasse, nem astro algum, se não houvesse sucessão de períodos, não existiria o tempo. Foi a Astronomia que nos permitiu determiná-lo. Suprimido o Universo, continuará a existir o espaço, mas o tempo cessará, desvanecer-se-á, desaparecerá.

14. Albert Einstein descartou-se do conceito de tempo absoluto - um fluxo universal, inexorável de tempo, firme, invariável, que corre de um passado infinito para um futuro infinito. Muito da obscuridade que envolve a Teoria da Relatividade procede da relutância do homem em reconhecer que o senso do tempo, como o senso da cor, é uma forma de percepção.

15. Assim como não há cor sem olhos para observá-la, de igual forma, uma hora ou um dia nada são sem um evento que os assinale. Como o espaço é simplesmente uma ordem possível de objetos materiais, o tempo é simplesmente uma ordem possível de eventos.

16. O tempo seria, então, um conceito meramente subjetivo; estaria exclusivamente na dependência de um observador para apreciá-lo em determinado ponto e, portanto, inescapavelmente subordinado à relatividade de sua posição quanto a tudo o mais no Universo que o cerca.

Questões para fixação da leitura

1. Como podemos definir o Universo?

O Universo é o conjunto de tudo o que existe, incluindo o próprio homem, que dele também faz parte.

2. Quem, segundo o Espiritismo, é o autor do Universo?

Segundo o Espiritismo, o autor do Universo é Deus.

3. O espaço universal é limitado ou infinito?

Conforme aprendemos na questão 35 de *O Livro dos Espíritos*, o espaço universal é infinito.

4. Como definir o tempo?

O tempo é a sucessão das coisas e está ligado à eternidade, do mesmo modo que as coisas estão ligadas ao infinito. O tempo é uma medida relativa de sucessão das coisas transitórias.

5. Podemos dizer que o tempo é, do mesmo modo que o espaço, uma coisa objetiva?

Não. O tempo é um conceito meramente subjetivo. Depende da existência de um observador para apreciá-lo em determinado ponto e encontra-se, portanto,

inescapavelmente subordinado à relatividade de sua posição quanto a tudo o mais que o cerca.

[1] A velocidade da luz foi medida no século XIX. No vácuo, ela é de 300 mil km por segundo. Na água, sua velocidade cai para 225 mil km por segundo.

[2] Léguas é uma antiga unidade brasileira de medida itinerária, equivalente a 3.000 braças, ou seja, 6.600 metros.

Materialismo e panteísmo

Sumário: Origem e definição do materialismo. As teses tradicionais defendidas pelo materialismo. Escolas que se opuseram às ideias materialistas. O panteísmo e sua doutrina.

O materialismo nasceu com Tales na Grécia antiga

1. Materialismo é a doutrina filosófica segundo a qual não existe essencialmente no Universo coisa alguma além da matéria, quer como causa, quer como efeito. Implica um sistema de mundos em que o fundamento único é a matéria, incriada e eterna, isto é, existente por si mesma, necessária e suficiente, sem interferência alguma de Deus. Essa concepção é muito antiga e vem desde os primeiros filósofos gregos.

2. Nos tópicos seguintes apresentamos um resumo das ideias materialistas ao longo da história.

3. O materialismo, como doutrina, ensino ou escola, nasceu com Tales de Mileto, na Grécia antiga, por volta do século VI a.C. O materialismo dos filósofos jônicos arrola algumas teses que se tornariam características das doutrinas materialistas posteriores:

I - A filosofia deve explicar os fenômenos não por meio de mitos religiosos, mas pela observação da própria realidade.

II - A matéria, incriada e indestrutível, é a substância de que todas as coisas se compõem e à qual todas se reduzem.

III - A geração e a corrupção das coisas obedecem a uma necessidade não sobrenatural, mas natural, não ao destino, mas às leis físicas.

IV - A matéria não é estática, mas se acha em constante movimento, em permanente metamorfose.

V - A experiência sensível é a origem do conhecimento.

VI - A alma faz parte da natureza e obedece às mesmas leis que regem o seu movimento.

4. Para Tales de Mileto, a substância primordial era a água; para Anaximandro, a matéria indeterminada. Os fenômenos da natureza consistiriam em transformações do mesmo princípio material, independentemente de qualquer interferência divina.

5. Anaxágoras entendia que a natureza se constituía de homeomerias, unidades que contêm os elementos de todas as coisas em proporções infinitesimais. Demócrito sustentava que o princípio de todas as coisas eram os átomos. Tudo o que existe seria material, e a matéria que constitui os átomos é qualitativamente idêntica, determinando os diferentes fenômenos da natureza em função da diversidade quantitativa dos átomos. A alma humana, feita também de átomos, estaria sujeita à decomposição e à morte. A natureza – dizia Demócrito – se explica por si mesma, e os acontecimentos que hoje se produzem não têm causa primeira, pois preexistem de toda a eternidade no tempo infinito, contendo, sem exceção, tudo o que foi, é e será.

A escola platônica se opôs desde cedo ao materialismo

6. As teses materialistas citadas reinaram até o século XIII, havendo em contraposição a elas as escolas espiritualistas – sobretudo a platônica e a neoplatônica – e aquelas que tentaram conciliar o materialismo com a teologia, como a escola aristotélica.

7. No longo período que constituiu a Idade Média, o materialismo foi sofrendo algumas alterações, sempre, porém, rejeitando a ideia de um Criador supremo. Para

Francis Bacon (1561-1626), as ciências físicas e naturais constituíam “a verdadeira ciência”.

8. Hobbes (1588-1679) concebeu por essa mesma ocasião um sistema materialista perfeitamente coerente. Imaginando o mundo à maneira de Descartes, a geometria como paradigma do pensamento lógico e a mecânica de Galileu como ideal da ciência da natureza, ele considerou o mundo um conjunto de corpos materiais, definidos geometricamente, por sua forma e extensão. O homem seria um corpo, como os demais; a alma não existiria e os organismos não passariam de engrenagens do mecanismo universal.

9. John Locke (1632-1704) negava as ideias inatas e afirmava que todas as ideias humanas têm origem na experiência. No século XVIII, Julien Offroy de la Mettrie (1709-1751) afirmou que o prazer e o amor-próprio são os únicos critérios da vida moral e os fenômenos psíquicos resultam de alterações orgânicas no cérebro e no sistema nervoso. Na mesma época, Claude-Adrien Helvétius (1715-1771), que é considerado o precursor ideológico da Revolução Francesa, defendeu a tese de que todas as ideias são sensações provocadas pelos objetos materiais e a personalidade é produto do meio e da educação.

10. Encerrando o século XVIII, Paul Henri Dietrich (1723-1789) insistia na negação das ideias inatas, da existência da alma e de Deus, além de considerar o Cristianismo contrário à razão e à natureza. Para Dietrich, o comportamento religioso não passava de despotismo político.

Não é só o materialismo que nega a existência de Deus

11. Com Karl Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895) surge, no século XIX, o chamado materialismo histórico e dialético. Segundo o marxismo, as organizações políticas e jurídicas, os costumes e a religião são estritamente

determinados pelas condições econômicas, pelo estado da indústria e do comércio, da produção e das vendas.

12. Como se vê, os materialistas só creem na matéria. Contudo, não podem deixar de ver a ordem existente no Universo, uma ordem inteligente que reconhecem, mas que, para eles, não necessita de uma causa inteligente que a preceda, conceba e presida.

13. Não é, porém, apenas o materialismo que nega Deus e a existência dos Espíritos. O panteísmo também os nega. Para os que professam essa doutrina – entre os quais avulta a mentalidade vigorosa de Spinoza – Deus, embora sendo o Ser Supremo, não é um Ser distinto, pois o consideram resultante da reunião de todas as forças, todas as inteligências do Universo. Comentando tal ideia, Kardec diz que ela é tão inconsistente que, se verdadeira, derogaria os atributos de Deus mais importantes.

14. Com efeito, com o panteísmo, Deus seria em ponto grande o que somos em ponto pequeno. Como a matéria se transforma sem cessar, nenhuma estabilidade Ele teria. Achar-se-ia sujeito a todas as vicissitudes e mesmo a todas as necessidades humanas, e lhe faltaria um dos atributos essenciais da Divindade, que é a imutabilidade.

15. A inteligência de Deus se revela em suas obras como a de um pintor no seu quadro, mas as obras de Deus não são o próprio Deus, assim como o quadro não é o pintor que o concebeu. Materialismo e panteísmo se confundem, pois, na mesma negação de Deus como um Ser distinto, que é, no ensino dos Espíritos Superiores, a Inteligência Suprema do Universo e a Causa primária de todas as coisas.

Questões para fixação da leitura

1. Em que consiste o materialismo?

O materialismo é a doutrina filosófica segundo a qual não existe essencialmente no Universo coisa alguma além da

matéria, quer como causa, quer como efeito. Seu fundamento único é a matéria, incriada e eterna, isto é, existente por si mesma, necessária e suficiente, sem interferência alguma de Deus.

2. Quais foram as principais teses defendidas, ao longo dos tempos, pelo materialismo?

A matéria, incriada e indestrutível, é a substância de que todas as coisas se compõem e à qual todas se reduzem.

A geração e a corrupção das coisas obedecem a uma necessidade não sobrenatural, mas natural.

A matéria não é estática, mas se acha em constante movimento, em permanente metamorfose.

A alma faz parte da natureza e obedece às mesmas leis que regem o seu movimento.

3. Que escolas desde cedo se opuseram às doutrinas materialistas?

As escolas espiritualistas – sobretudo a platônica e a neoplatônica – e aquelas que tentaram conciliar o materialismo com a teologia, como a escola aristotélica.

4. Em que se resume o panteísmo?

Para os que professam o panteísmo, Deus não é um Ser distinto, mas o resultante da reunião de todas as forças, todas as inteligências do Universo. De acordo com o panteísmo, Deus seria em ponto grande o que somos em ponto pequeno. Como a matéria se transforma sem cessar, nenhuma estabilidade Ele teria e se acharia, pois, sujeito a todas as vicissitudes e a todas as necessidades humanas.

5. Que diz o Espiritismo a respeito de materialismo e panteísmo?

O Espiritismo combate tanto um como o outro, porque ambos se confundem na mesma negação de Deus como um Ser distinto, como a inteligência suprema do Universo e a causa primária de todas as coisas.

Elementos gerais do Universo: espírito e matéria

Sumário: Definição de matéria conforme a Ciência. Conceito de matéria segundo o Espiritismo. Os elementos gerais do Universo. O fluido universal, que é e em que consiste, na visão espírita.

A matéria existe em estados que o homem ignora

1. Além da Ciência, que é a fonte dos conhecimentos que o homem pode adquirir com o próprio esforço, aplicando a inteligência, a lógica dos raciocínios e o método experimental, tem ele na revelação outra importante fonte de aquisição de conhecimentos. Deus permite que a revelação lhe seja feita por intermédio de Espíritos Superiores, no domínio exclusivo da ciência pura, isto é, sem quaisquer objetivos utilitaristas, aplicação prática ou tecnológica.

2. A Ciência terrena limitou-se até hoje a considerar como únicas realidades existentes a matéria e a energia. Aprofundando-se, no entanto, no estudo desses dois elementos, o homem chegou à conclusão de que estão eles de tal modo e tão estreitamente relacionados, que representam, em verdade, duas expressões de uma só e mesma realidade, não sendo a matéria mais do que energia condensada ou concentrada, limitada em sua força e dinamismo próprios, verdadeiramente escravizada, encerrada em âmbitos restritos para formar as massas densas dos corpos materiais.

3. Inversamente, em determinadas condições, é a matéria atingida em sua massa, desconcentrando-se, descondensando-se, desintegrando-se e libertando energia

em radiações diversas de natureza corpuscular. Há, assim, sempre, lado a lado no Universo, matéria densa e energia livre em interações recíprocas, que condicionam os dois processos inversos de condensação e de libertação de energia. Enorme já é o acervo de conhecimentos que sobre esse aspecto do Universo a Ciência e a tecnologia permitiram ao homem acumular, mas que, evidentemente, escapa aos objetivos deste livro.

4. É importante, no entanto, assinalar que a Ciência não considera, na constituição do Universo, senão o elemento material, quer em seu estado denso, quer em suas manifestações energéticas. A revelação espírita não procedeu assim e foi além, ao ensinar que existem fundamentalmente dois elementos gerais no Universo: o elemento material e o elemento espiritual. E mais: o elemento material não abrange somente as formas densas, visíveis e tangíveis, dotadas de massa e ponderabilidade, extensão e impenetrabilidade, mas também estados sutis, inacessíveis aos nossos sentidos, em que desaparecem a tangibilidade e a ponderabilidade e surge a característica penetrabilidade, com relação à massa densa.

5. Ao tratar do assunto, em resposta a uma pergunta formulada por Kardec, os Espíritos Superiores esclareceram que a matéria existe em estados que o homem ignora e pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que nenhuma impressão causa aos sentidos. Definindo-a, eles disseram: "A matéria é o laço que prende o Espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação" (L.E., item 22).

Matéria e espírito são os elementos gerais do Universo

6. Conforme o ensinamento que os Espíritos transmitiram naquela oportunidade, dois seriam os elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito, e acima de tudo, Deus, o Criador, o Pai de todas as coisas.

Deus, espírito e matéria constituem, portanto, o princípio de tudo o que existe, mas – informaram os Espíritos Superiores – ao elemento material é preciso juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, que é por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela.

7. Embora seja lícito classificá-lo como elemento material, o fluido universal dele se distingue por propriedades especiais. Ele está colocado entre o espírito e a matéria. É fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, por suas inumeráveis combinações com a matéria, de produzir sob a ação do espírito a infinita variedade das coisas de que somente conhecemos uma parte mínima. O fluido universal, também chamado de fluido cósmico, primitivo ou elementar, é não só o agente de que o espírito se utiliza, mas também o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e não adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.

8. Tudo no Universo, como vemos, procede de Deus, que criou o fluido universal que enche o espaço infinito e é, verdadeiramente, o elemento primitivo a partir do qual se forma o que no Universo é material, como os planetas e os seres. Mas Deus criou também o espírito, elemento inteligente, que é submetido a longa elaboração através dos diversos reinos da Natureza. No contato com os diversos reinos da Natureza, o princípio inteligente recebe impressões que, pela repetição, vão-se fixando, dando origem a automatismos, reflexos, memória, instintos e hábitos que acabam por integrar-se em individualidades conscientes, dotadas de razão e vontade, livre-arbítrio e responsabilidade, destinadas a progredir até que adquiram pureza e perfeição que as aproximam da Inteligência Suprema.

9. A ideia criadora procede, portanto, de Deus e pode surgir no espírito, do que se conclui que só o espírito pode conceber ideias; a matéria, não. A ideia toma forma pela ação da vontade divina ou do espírito sobre o fluido

universal que, por sua natureza intermediária entre o espírito e a matéria, está apto a receber influência daquele, transmitindo-a a esta.

O fluido universal é o princípio elementar de todas as coisas

10. Em síntese, Kardec consigna em sua obra os seguintes ensinamentos acerca do fluido universal: 1º. O fluido universal é uma criação divina, não uma emanção do Criador. 2º Elemento universal, é ele o princípio elementar de todas as coisas. 3º. Para encontrá-lo em sua simplicidade absoluta, é preciso ascender aos Espíritos puros, porque em nosso mundo ele está mais ou menos modificado, para formar a matéria compacta que nos cerca. 4º. O estado que mais se aproxima de sua simplicidade absoluta é o que chamamos fluido magnético animal. 5º. O fluido universal é imponderável.

11. Com relação à matéria, ensina o Espiritismo: 1º. A matéria é formada de um só elemento primitivo; os corpos considerados simples são, em verdade, transformações da matéria primitiva. 2º. As propriedades da matéria decorrem das modificações que as moléculas elementares sofrem, em certas circunstâncias, por efeito da sua união. 3º. A matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades. 4º. É acertada a opinião dos que dizem que há na matéria apenas duas propriedades essenciais: a força e o movimento. As demais propriedades não passam de efeitos secundários que variam conforme a intensidade da força, a direção do movimento e a disposição das moléculas. 5º. As moléculas têm forma, que é constante nas moléculas elementares primitivas e variável nas moléculas secundárias, que nada mais são que aglomerações das primeiras. 6º. O que chamamos molécula está, no entanto, muito longe da molécula elementar.

12. Os ensinamentos espíritas com relação à matéria constituem admirável antecipação das verdades sobre a descontinuidade da matéria e sua unicidade.

13. Com efeito, embora se considerem atualmente, na base da constituição da matéria, além das moléculas e dos átomos, numerosas outras partículas, como os hádrons [1] e os léptons [2], ao tempo de Kardec as partículas consideradas como as menores porções das substâncias chamavam-se moléculas. Kardec não podia, portanto, empregar em sua época outro termo senão moléculas para designar essas partículas, tanto as que representam a matéria densa como os estados sutis da matéria derivados diretamente do fluido universal. A ideia é, porém, a mesma, ou seja, a matéria é una e, apesar de sua aparente diversidade, todas as modalidades de substâncias nada mais são que modificações da matéria cósmica ou substância elementar primitiva, da qual deriva tudo o que é material no Universo.

Questões para fixação da leitura

1. Que é que hoje a Ciência entende por matéria?

Matéria não é senão energia condensada ou concentrada, limitada em sua força e dinamismo próprios, verdadeiramente escravizada, encerrada em âmbitos restritos para formar as massas densas dos corpos materiais.

2. Como o Espiritismo define a matéria?

Segundo a Doutrina Espírita, a matéria existe em estados que o homem ignora e pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que nenhuma impressão causa aos sentidos. Definindo-a, diz o Espiritismo: "A matéria é o laço que prende o Espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação" (*O Livro dos Espíritos*, item 22).

3. Há quantos elementos gerais no Universo?

Dois são, segundo o Espiritismo, os elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito, e acima de tudo, Deus, o Criador, o Pai de todas as coisas. Mas – lembram os imortais – ao elemento material é preciso juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, que é por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela.

4. Que informações o Espiritismo nos dá com relação ao fluido universal?

Embora seja lícito classificá-lo como elemento material, o fluido universal se distingue por propriedades especiais. Ele está colocado entre o espírito e a matéria. É fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, por suas inumeráveis combinações com a matéria, de produzir sob a ação do espírito a infinita variedade das coisas de que somente conhecemos uma parte mínima. O fluido universal, também chamado de fluido cósmico, primitivo ou elementar, é não só o agente de que o espírito se utiliza, mas também o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e não adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.

5. Com relação à matéria, que é que nos ensina a Doutrina Espírita?

Com relação à matéria, ensina o Espiritismo: A matéria é formada de um só elemento primitivo; os corpos considerados simples são, em verdade, transformações da matéria primitiva. As propriedades da matéria decorrem das modificações que as moléculas elementares sofrem, em certas circunstâncias, por efeito da sua união. A matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades. É acertada a opinião dos que dizem que há na matéria apenas duas propriedades essenciais: a força e o movimento. As demais propriedades não passam de efeitos secundários que variam conforme a intensidade da força, a direção do movimento e

a disposição das moléculas. As moléculas têm forma, que é constante nas moléculas elementares primitivas e variável nas moléculas secundárias, que nada mais são que aglomerações das primeiras.

[1] Hádron: designação genérica de partículas que sofrem interações fortes, e da qual se conhecem dois tipos: os bárions, formados por três quarks, e os mésons, formados por um quark e um antiquark.

[2] Lépton: Férmion que não sofre interação forte e interage com outras partículas através de interações fracas, eletromagnéticas ou gravitacionais. São léptons: o elétron, o múon, o tau, e os neutrinos associados a cada uma dessas partículas. O número de léptons se conserva nas interações entre partículas. Para cada lépton existe uma antipartícula equivalente.

O Universo e sua formação

Sumário: Hipótese sobre o modo como o Universo foi criado. Distinção entre os dois elementos gerais do Universo. Os elementos químicos naturais. A matéria cósmica primitiva.

Deus criou o Universo por ato de sua vontade

1. Tudo o que existe e não for obra do homem é obra de Deus. É por isso que dizemos criação divina quando nos reportamos a esse imenso Universo que, como diz Kardec, abrange a infinidade dos mundos que vemos e dos que não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço, assim como os fluidos que o enchem. Mas... Como Deus criou o Universo?

2. A resposta a esta pergunta é ainda um mistério, como o é a própria existência do Criador, e não será a inteligência humana, no estado em que por enquanto se encontra, que irá penetrar tal mistério. Temos de conformar-nos, portanto, a esse respeito, com o que disseram a Kardec os Espíritos Superiores na questão 38 d'*O Livro dos Espíritos*: "Como Deus criou o Universo?" R.: "Para me servir de uma expressão corrente, direi: Pela sua vontade. Nada caracteriza melhor essa verdade onipotente do que estas belas palavras do Gênesis: Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita."

3. Sabemos, no entanto, pela revelação dos Espíritos Superiores, que Deus criou dois elementos fundamentalmente diferentes – chamados elementos gerais do Universo –, diametralmente opostos por suas qualidades essenciais: o elemento material, bruto e totalmente inerte, e o elemento espiritual, inteligente, suscetível de elaboração e desenvolvimento evolutivo, do qual resultam

individualidades conscientes, dotadas da razão e da vontade.

4. Com o primeiro – o elemento material – formou Deus os mundos que rolam no espaço e os corpos que neles existem, sujeitos às leis da Mecânica Celeste. É desse elemento que vamos especialmente tratar neste capítulo, ao mesmo tempo em que, à luz da Doutrina Espírita, procuraremos penetrar, por pouco que seja, na origem e na formação dos mundos. Chamemo-lo simplesmente de matéria e tentemos defini-la.

É infinita a extensão do Universo físico

5. Numa definição bastante singela, podemos dizer que matéria é tudo o que existe constituindo o Universo físico, isto é, onde ocorrem os fenômenos que afetam nossos sentidos, estejam eles desarmados ou armados com potentíssimos instrumentos óticos – telescópios, espectroscópios, microscópios – que nos possibilitaram observações muito além do alcance natural dos nossos órgãos sensórios, levando-nos tanto aos gigantescos mundos, estrelas e galáxias que enchem o espaço, como às mais íntimas estruturas dos seres e das coisas do nosso mundo e de outros relativamente próximos da Terra.

6. Como é infinita a extensão do Universo físico, para estudar a matéria, a fim de bem compreendê-la e defini-la, o homem tem necessariamente de reduzir suas observações a porções limitadas da matéria que se encontra a seu alcance, verificando a possibilidade de generalizar os resultados das observações feitas a toda a matéria do Universo.

7. Embora os corpos tenham propriedades gerais que os identifiquem como materiais, à mais simples e superficial observação vê-se que diferem extraordinariamente uns dos outros, podendo apresentar variedades de aspecto quase infinitas. Diferem em primeiro lugar pelo estado físico, podendo apresentar-se no estado sólido, líquido ou gasoso,

ou ainda em estados intermediários, como o pastoso ou o de vapor. Se nos ativermos agora somente aos corpos sólidos, veremos que eles diferem pela forma exterior, e é atendendo a essas diferentes formas que os nomearemos: um cilindro, uma esfera, um cubo, uma pirâmide, uma chapa, um fio, um anel, uma estante etc.

8. Além da forma, os corpos sólidos podem distinguir-se também pelas dimensões, existindo ainda um terceiro ponto que nos permite distinguir mais profundamente os corpos uns dos outros: a substância do corpo. Existem corpos de vidro, outros de madeira, uns são de ferro, outros de cobre e assim por diante. Há corpos que têm a sua substância individual e unívoca, ou seja, constituída de partes absolutamente iguais umas às outras, formando o que se poderia chamar de corpo puro, mas nem todos os corpos são assim, havendo uma imensa maioria na Natureza que se constitui de porções diferentes, separáveis por processos apropriados, indicando que são, em verdade, misturas de duas ou mais substâncias, misturas que podem ser mais ou menos heterogêneas ou aparentemente homogêneas, conforme as dimensões das partículas em que se encontram divididas as substâncias misturadas.

Há no Universo uma única substância primitiva

9. Corpos puros são raríssimos na Natureza, podendo citar-se como um dos pouquíssimos exemplos as amostras de quartzo hialino ou cristal de rocha, constituídas de óxido de silício ou sílica, substância que nessas amostras se encontra em estado puro. A obtenção de corpos puros é obra da indústria química. Obtidos os corpos puros, a análise química mostrou que nem todos são constituídos de princípios materiais indecomponíveis e unívocos, revelando-se a grande maioria decomponíveis em outras substâncias que, por sua vez, podem ainda decompor-se. São as chamadas substâncias compostas.

10. Existe, no entanto, um pequeno número de substâncias simples, isto é, indecomponíveis, delas não se podendo extrair outras substâncias, senão elas próprias, mostrando que constituem princípios elementares e unos, motivo pelo qual foram também chamadas de elementos químicos. A Química, até o momento, pôde estabelecer a existência de um certo número de elementos químicos, que formam, por si mesmos e isolados, ou combinados entre si, todas as substâncias dos corpos. Quando se agregam átomos de um só elemento, formam-se substâncias simples; quando se combinam átomos de dois ou mais elementos, formam-se substâncias compostas – eis o que, em brevíssimo resumo, podemos dizer sobre o que a Química pôde estabelecer.

11. Onde, porém, os químicos não podem penetrar com seus poderosos instrumentos de análise, os Espíritos Superiores o fazem revelando-nos que, além do estado denso que conhecemos em nosso mundo, a matéria reveste estados mais sutis, puramente fluídicos. Esses fluidos enchem todo o espaço e se originam, por sua vez, de uma substância elementar primitiva e única – o fluido universal ou matéria cósmica – que, em realidade, é a fonte de que, por modificações e combinações variadíssimas, provém tudo no Universo, mesmo a matéria mais densa.

12. Dignas de toda consideração, pela beleza e verdade que encerram, são as afirmações do Espírito de Galileu que Kardec inseriu no cap. VI de *A Gênese*:

“À primeira vista, não há o que pareça tão profundamente variado, nem tão essencialmente distinto, como as diversas substâncias que compõem o mundo. (...) Entretanto, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias, conhecidas e desconhecidas, por mais dessemelhantes que pareçam, quer do ponto de vista da constituição íntima, quer do prisma de suas ações recíprocas, são, de fato, apenas modos diversos sob que a matéria se apresenta; variedades em que ela se transforma sob direção das forças inumeráveis que a governam. (...) Há

questões que nós mesmos, Espíritos amantes da Ciência, não podemos aprofundar e sobre as quais não poderemos emitir senão opiniões pessoais, mais ou menos hipotéticas. (...) A com que nos ocupamos, porém, não pertence a esse número. Àqueles, portanto, que fossem tentados a enxergar nas minhas palavras unicamente uma teoria ousada, direi: abarcaí, se for possível, com olhar investigador, a multiplicidade das operações da Natureza e reconheceréis que, se se não admitir a unidade da matéria, impossível será explicar, já não direi somente os sóis e as esferas, mas, sem ir tão longe, a germinação de uma semente na terra, ou a produção dum inseto. (...) Se se observa tão grande diversidade na matéria, é porque, sendo em número ilimitado as forças que hão presidido às suas transformações e as condições em que estas se produziram, também as várias combinações da matéria não podiam deixar de ser ilimitadas. Logo, quer a substância que se considere pertença aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, quer revista os caracteres e as propriedades ordinárias da matéria, não há, em todo o Universo, senão uma única substância primitiva: o cosmo, ou matéria cósmica dos uranógrafos.”

Questões para fixação da leitura

1. Como Deus criou o Universo?

A resposta a essa pergunta é ainda um mistério e, por enquanto, temos de conformar-nos com o que a esse respeito foi respondido a Kardec, conforme texto que forma a questão 38 d’*O Livro dos Espíritos*: “Para me servir de uma expressão corrente, direi: Pela sua vontade. Nada caracteriza melhor essa verdade onipotente do que estas belas palavras do Gênesis: Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita.”

2. Em que se distinguem, um do outro, os dois elementos gerais do Universo?

O elemento material é totalmente inerte, enquanto que o elemento espiritual é inteligente e suscetível de elaboração e desenvolvimento evolutivo, objetivando a realização de individualidades conscientes, dotadas de razão e de vontade.

3. Segundo a aceção comum do termo, que podemos considerar como matéria?

Numa definição bastante singela, matéria é tudo o que existe constituindo o Universo físico, isto é, onde ocorrem os fenômenos que afetam nossos sentidos, estejam eles desarmados ou armados com potentíssimos instrumentos óticos.

4. Que são os chamados elementos químicos?

Elemento químico é nome que se dá a um pequeno número de substâncias simples, isto é, indecomponíveis, das quais não se podem extrair outras substâncias, senão elas próprias, mostrando que constituem princípios elementares e unos. São elementos químicos naturais, entre tantos, o hidrogênio, o oxigênio e o urânio.

5. É correto afirmar que há no Universo uma única substância primitiva de que se derivam todas as outras?

Conforme os ensinamentos espíritas, sim. O fluido universal ou matéria cósmica é a fonte de que, por modificações e combinações variadíssimas, provém tudo o que existe no Universo, mesmo a matéria mais densa, com exceção tão somente dos seres espirituais.

Formação dos mundos e dos seres vivos

Sumário: Os compostos minerais e os compostos orgânicos. Surgimento dos seres vivos na Terra. Como se formam os órgãos dos seres vivos. Formação dos mundos.

A estrutura dos seres vivos não é simples como a dos minerais

1. Nos mundos como a Terra, ao lado dos corpos materiais que formam o substrato permanente do solo ou crosta terrestre, das águas dos mares e dos gases da sua atmosfera, há seres que apresentam um ciclo de existência, isto é, nascem, crescem, desenvolvem-se, reproduzem-se, definham e morrem. São os seres vivos – os vegetais e os animais. Nos seus corpos não há a estrutura simples e relativamente homogênea de um mineral, mas a heterogeneidade de uma organização completa, órgãos que se associam em sistemas e aparelhos, com vistas à realização das complexíssimas funções vitais.

2. Os órgãos dos seres vivos são formados por tecidos específicos que, por sua vez, resultam da associação de pequeninas células. Caracterizam-se, assim, os seres vivos, por sua organização celular, havendo-os também unicelulares, ou seja, formados por uma única célula. Esta é a unidade vital em que se realizam, por intermédio de orgânulos ou corpúsculos celulares, todas as funções que caracterizam o ciclo da vida, desde o nascimento até a morte. A formação dos seres vivos obedece às mesmas leis químicas que regulam a formação das substâncias minerais, o que significa que as substâncias orgânicas que entram na constituição dos corpos vegetais e animais são constituídas pelos mesmos princípios ou elementos químicos e

obedecem, na sua formação, às mesmas leis que regem a constituição das substâncias inorgânicas.

3. É sabido como se formam os compostos minerais: os elementos se combinam obedecendo, em primeiro lugar, às afinidades existentes entre eles e decorrentes das estruturas específicas de seus átomos, e, em segundo lugar, às leis das combinações químicas, entre as quais sobrepõem a da conservação das massas (de Lavoisier) e a das proporções definidas (de Proust).

4. Quando em dadas condições os elementos se combinam para formar um determinado composto, as massas que se combinam guardam entre si e com a massa do produto da reação relações constantes. Por exemplo: o hidrogênio e o oxigênio apresentam grande afinidade química e, em condições apropriadas, se combinam para formar a água. Ao combinar-se, suas massas guardam entre si uma relação invariável. Poderíamos multiplicar os exemplos com as combinações binárias do oxigênio com os metais, de que resultam os óxidos metálicos, do flúor, do cloro, do bromo, do iodo, formando fluoretos, cloretos, brometos, iodetos etc.

Os seres vivos procedem sempre de um germen

5. O que se quer ressaltar é que os compostos orgânicos se formam a partir dos mesmos elementos químicos que entram na composição dos compostos inorgânicos ou minerais e obedecem às mesmas leis de conservação e proporcionalidade. Os compostos orgânicos apresentam somente a particularidade de terem todos eles como elemento primordial o carbono, vindo depois, em importância, o hidrogênio, o oxigênio e o nitrogênio [1] e, em seguida, o enxofre, o fósforo, o ferro e muitos outros elementos. Dizendo, porém, que os compostos orgânicos se constituem dos mesmos princípios elementares e obedecem às mesmas leis, referimo-nos a eles considerados em si mesmos, isoladamente, ou tão somente como substâncias

individuais e específicas, não como participantes dos conjuntos biológicos, nas células, nos tecidos, nos órgãos e nos organismos vegetais e animais, porque aí essas substâncias aparecem conjugadas numa integração funcional para constituírem uma unidade viva, fato que reclama, evidentemente, uma força integradora, inerente a uma substância sutil que se chama princípio vital. É este princípio que comunica aos vegetais e aos animais a vida orgânica, possibilitando-lhes o exercício de todas as funções vitais.

6. O ser vivo, contudo, nunca se mostra desde o início de sua existência como o conhecemos no indivíduo adulto. Vegetal ou animal, procede sempre de um gérmen. Os germens são sistemas orgânicos minúsculos em que potencialidades funcionais se encontram em estado latente, à espera de condições propícias de calor, umidade, meio nutritivo apropriado, para eclodirem, determinando o crescimento, o desenvolvimento e a multiplicação celular, de modo que surja do gérmen o embrião, e do embrião o ser completo.

7. Foi a partir desses germens que a vida apareceu na Terra. No começo, quando tudo era ainda caos, os elementos se mantinham separados, em sutilíssimos estados de fluidez e disseminados na imensidão do espaço. Pouco a pouco foram cessando as causas que os mantinham afastados e eles se foram combinando, obedecendo às recíprocas afinidades, de acordo com as condições que iam surgindo e conforme às leis das combinações químicas. Formaram-se, assim, todas as modalidades de matéria e até mesmo a matéria dos germens das diversas espécies animais e vegetais. Só que neles a vida permanecia ainda latente, como se dá com as sementes e as crisálidas, que permanecem inertes até que condições propícias lhes proporcionem fluido vital que lhes comunique o movimento da vida.

Nada existiria no Universo, não fosse a Vontade Divina

8. Uma vez formados a partir dos seus germens, os seres vivos traziam em si mesmos, absorvidos, os elementos que poderiam servir para a própria formação e passaram a transmiti-los, segundo as leis da reprodução. A espécie humana terá do mesmo modo surgido na Terra, que lhe conteria na atmosfera ou na própria crosta os germens, como se pode deduzir das respostas dadas pelos Espíritos Superiores a Kardec, nas questões 44, 47 e 49 d'O *Livro dos Espíritos*.

9. Sabemos, pela revelação dos Espíritos superiores, que Deus, ao criar o cosmo ou matéria primitiva, estabeleceu também leis para reger suas transformações. Essas leis são, em verdade, meras diversificações de uma lei maior que a todas abrange e resume. Tudo no Universo é atração e magnetismo. A gravitação universal governa os movimentos dos mundos, mantendo-os em suas órbitas, como a gravidade condiciona o peso dos corpos, inexoravelmente atraindo-os para o centro da Terra. A força de coesão atrai as moléculas [2] das substâncias, mantendo-as solidariamente unidas para formar as massas dos corpos, e a lei de afinidade química preside à atração entre os átomos dos diferentes elementos, mantendo-os ligados, combinados nos compostos químicos.

10. Nada existiria, contudo, nem o cosmo, nem as forças cósmicas, não fosse a Vontade Divina, por cuja ação soberana tudo em realidade se criou. O começo absoluto das coisas, diz Galileu (Espírito), remonta, assim, a Deus. As sucessivas aparições delas no domínio da existência constitui a ordem da criação perpétua. Nada mais podemos avançar, senão que a matéria cósmica é a fonte de onde Deus, pelo seu pensamento e vontade, faz surgirem os mundos e os seres. A matéria cósmica primitiva continha e contém todos os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os mundos que se formaram e continuam a formar-se, pois a criação prossegue sempre.

11. Kardec perguntou aos Espíritos Superiores: “Poderemos conhecer o modo de formação dos mundos?” e eles responderam: “Tudo o que a esse respeito se pode dizer e podeis compreender é que os mundos se formaram pela condensação da matéria disseminada no espaço”. O codificador do Espiritismo perguntou também se os mundos, uma vez formados, podem desaparecer, disseminando-se no espaço a matéria que os compõe, e eles informaram: “Sim, Deus renova os mundos como renova os seres vivos”. Deduz-se disso que os mundos têm seus ciclos de formação, de evolução – para que se tornem moradas apropriadas aos seres que os deverão habitar – e de desaparecimento, quando a matéria condensada que os forma se desagregará, voltando novamente ao estado fluídico e retornando, portanto, à fonte primitiva de onde saíram – o cosmo.

[1] No passado, utilizava-se o vocábulo azoto em vez de nitrogênio, para designar esse elemento químico. O vocábulo azoto não é, porém, utilizado modernamente.

[2] Dá-se o nome de molécula ao grupamento estável de dois ou mais átomos, que caracteriza quimicamente uma certa substância.

Questões para fixação da leitura

1. De que são formados os órgãos dos seres vivos?

Os órgãos dos seres vivos são formados por tecidos específicos que, por sua vez, resultam da associação de pequeninas células. Caracterizam-se, assim, os seres vivos por sua organização celular, havendo-os também unicelulares, ou seja, formados por uma única célula. Esta é a unidade vital em que se realizam, por intermédio de orgânulos ou corpúsculos celulares, todas as funções que caracterizam o ciclo da vida, desde o nascimento até a morte. A formação dos seres vivos obedece às mesmas leis

químicas que regulam a formação das substâncias minerais, o que significa que as substâncias orgânicas que entram na constituição dos corpos vegetais e animais são constituídas pelos mesmos princípios ou elementos químicos e obedecem, na sua formação, às mesmas leis que regem a constituição das substâncias inorgânicas.

2. Como se formam os compostos minerais? E os compostos orgânicos?

É sabido como se formam os compostos minerais: os elementos se combinam obedecendo, em primeiro lugar, às afinidades existentes entre eles e decorrentes das estruturas específicas de seus átomos e, em segundo lugar, às leis das combinações químicas, entre as quais sobrepõem a da conservação das massas (de Lavoisier) e a das proporções definidas (de Proust). Os compostos orgânicos se formam a partir dos mesmos elementos químicos que entram na composição dos compostos inorgânicos ou minerais e obedecem às mesmas leis de conservação e proporcionalidade. Os compostos orgânicos apresentam somente a particularidade de terem todos eles como elemento primordial o carbono, vindo depois, em importância, o hidrogênio, o oxigênio e o nitrogênio e, em seguida, o enxofre, o fósforo, o ferro e outros elementos.

3. Que são germens?

Seja vegetal ou animal, o ser vivo procede sempre de um germen. Os germens são sistemas orgânicos minúsculos em que potencialidades funcionais se encontram em estado latente, à espera de condições propícias de calor, umidade, meio nutritivo apropriado, para eclodirem, determinando o crescimento, o desenvolvimento e a multiplicação celular, de modo que surja do germen o embrião, e do embrião o ser completo.

4. Como apareceram os seres vivos na Terra?

A vida apareceu na Terra com o surgimento dos germens. No começo, quando tudo era ainda caos, os elementos se mantinham separados, em sutilíssimos

estados de fluidez e disseminados na imensidão do espaço. Pouco a pouco foram cessando as causas que os mantinham afastados e eles se foram combinando, obedecendo às recíprocas afinidades, de acordo com as condições que iam surgindo e conforme às leis das combinações químicas. Formaram-se, assim, todas as modalidades de matéria e até mesmo a matéria dos germens das diversas espécies animais e vegetais. Só que neles a vida permanecia ainda latente, como se dá com as sementes e as crisálidas, que permanecem inertes até que condições propícias lhes proporcionem fluido vital que lhes comunique o movimento da vida. Uma vez formados a partir dos seus germens, os seres vivos traziam em si mesmos, absorvidos, os elementos que poderiam servir para a própria formação e passaram a transmiti-los, segundo as leis da reprodução. A espécie humana terá do mesmo modo surgido na Terra, que lhe conteria na atmosfera ou na própria crosta os germens, como se pode deduzir das respostas dadas pelos Espíritos Superiores a Kardec, nas questões 44, 47 e 49 d' *O Livro dos Espíritos*.

5. Que ensina o Espiritismo a respeito da formação dos mundos?

Tudo o que a esse respeito se pode dizer, segundo os ensinamentos espíritas, é que os mundos se formaram pela condensação da matéria disseminada no espaço e que Deus os renova, como renova os seres vivos, o que nos permite deduzir que os mundos têm seus ciclos de formação, de evolução e de desaparecimento.

Os quatros reinos da Natureza

Sumário: O reino mineral e sua principal característica. Seres orgânicos e inorgânicos. Diferença básica entre vegetais e animais. Características que distinguem o homem dos outros seres.

A característica do reino mineral é a ausência de vida

1. Observando os seres da Natureza, os naturalistas os classificaram em três reinos: mineral, vegetal e animal. Neste último incluíram também o homem, considerando-o apenas do ponto de vista físico, isto é, somente em seu corpo material, que é, efetivamente, em tudo semelhante ao dos animais superiores. Considerado, no entanto, em sua integralidade, o homem distingue-se de todos os outros seres pela sua inteligência e racionalidade. Ele se destaca, pois, dos animais por qualidades que não pertencem à matéria e que constituem atributos da alma. Existiria, então, na Natureza um quarto reino: o hominal.

2. A distinção entre os seres da Natureza é de tal modo intuitiva que desde muito entrou no entendimento humano. Contudo, observando-se os seres mais simples dos extremos das três séries naturais, somos obrigados a reconhecer formas de transição tão sutis que é difícil determinar, dentre elas, qual a classificação exata a que pertençam.

3. Há, no entanto, um caráter distintivo entre os minerais e os dos outros grupos, que nenhuma dúvida oferece ao analista: é a ausência de vida nos minerais e a presença dela nos vegetais e nos animais. Por isso, prefere-se um outro tipo de classificação que considera, de um lado,

os minerais constituindo os seres brutos ou inorgânicos, e, de outro, os vegetais e animais compondo o grupo dos seres vivos ou orgânicos.

4. A presença da vida traduz-se nos seres orgânicos pela organização celular da matéria de seus corpos e o correspondente aparecimento das funções de nutrição e reprodução. Há muitos seres constituídos de uma única célula [1], como os protófitos, entre os vegetais, e os protozoários, entre os animais. Nos seres evoluídos, as células se reúnem em tecidos, os tecidos em órgãos e estes em sistemas e aparelhos orgânicos.

Os animais demonstram possuir certo grau de inteligência

5. Respondendo à pergunta 585 d'*O Livro dos Espíritos*, acerca da divisão da Natureza em três reinos, os Espíritos disseram que do ponto de vista material há apenas seres orgânicos e inorgânicos, mas do ponto de vista moral existem evidentemente quatro graus: minerais, vegetais, animais e a espécie humana.

6. Os seres que formam o reino mineral só manifestam uma força mecânica, que decorre unicamente da matéria de que são formados. Faltam-lhes inteligência e vontade. Tais seres não revelam nem mesmo instintos, o que mostra que, se neles existe algum princípio diferente da matéria, está ele completamente abafado, dormente, em total estado de latência e inatividade.

7. Os seres que formam o reino vegetal, igualmente até certo ponto inertes e brutos, não têm inteligência nem vontade ativa, mas apresentam o movimento interior da vida e realizam um completo ciclo vital: nascem, crescem, nutrem-se, desenvolvem-se, reproduzem-se, definham e morrem. É que, além da matéria densa, são dotados do princípio vital, de que deriva essa força prodigiosa que lhes comunica a vida. Esses seres não revelam, porém, consciência alguma de sua existência, não sentem prazeres

ou dores, não têm percepções e sentimentos. Só possuem vida orgânica, que lhes é comunicada por sua união com o princípio vital.

8. Os seres que formam o reino animal vivem como os vegetais, mas apresentam movimento e sensações que os vegetais não têm, observando-se, no tocante aos animais superiores, que seus movimentos são livres e obedecem nitidamente à vontade, o que revela que possuem certo grau de inteligência. Prevalece, contudo, no animal o instinto – sua inteligência não lhe dá inteira capacidade de raciocinar.

O livre-arbítrio é apanágio da espécie humana

9. O homem, pelo seu corpo material, se assemelha aos animais, mas deles se distingue totalmente por sua natureza espiritual, por sua alma, que lhe confere razão e senso moral. Dizem os Espíritos Superiores que é muito grande a distância que existe entre a alma do homem e a alma dos animais. No homem vibra, como ser essencial, um Espírito consciente, livre e responsável, destinado a realizar na sua plenitude a pureza, a justiça, o amor e a caridade.

10. O corpo do homem se destrói, como o dos animais, mas ao seu Espírito está assinado um destino que só ele pode compreender, porque só ele é inteiramente livre. O livre-arbítrio é, como sabemos, apanágio da espécie humana. Há, ainda, outra diferença importante entre o animal e o homem: após a morte do corpo físico, a alma do animal conserva sua individualidade, mas não a consciência do seu eu, e a vida inteligente lhe permanece em estado latente; pelo menos é o que ocorre na maioria dos casos.

11. A alma do animal – ensina o Espiritismo – fica, depois da morte de seu corpo físico, numa espécie de erraticidade, visto que não mais se acha unida ao corpo, mas não é considerada um Espírito errante, denominação que somente se aplica ao Espírito humano, que pode pensar e obrar por sua livre vontade.

12. De idêntica faculdade não dispõem os animais. Depois da morte corpórea, a alma dos animais é classificada pelos Espíritos incumbidos dessa tarefa e utilizada quase imediatamente, embora a existência no plano espiritual de almas de animais, revestidas do seu corpo astral, seja relatada, entre outros, por Ernesto Bozzano e André Luiz.

[1] Em biologia, chama-se célula à unidade estrutural e funcional, básica dos seres vivos, composta de numerosas partes, sendo as principais a membrana, o citoplasma e o núcleo. O vocábulo aplica-se também à designação da menor unidade de matéria viva que pode existir de maneira independente e ser capaz de reproduzir-se. Uma bactéria, por exemplo, é um micro-organismo unicelular, desprovido de núcleo individualizado, pertencente ao grupo que abrange todos os organismos procariotos (organismos formados por uma única célula desprovida de membrana nuclear), à exceção das cianofíceas (classe de algas unicelulares ou filamentosas de estrutura simples, cujos pigmentos verde-azulados decorrem da ausência de cloroplasto; algas azuis, cianobactérias).

Questões para fixação da leitura

1. O reino mineral apresenta uma característica própria que o distingue dos demais. Qual é ela?

Uma característica distintiva entre os minerais e os dos outros grupos, que nenhuma dúvida oferece ao analista, é a ausência de vida nos minerais e a presença dela nos vegetais e nos animais.

2. Que são seres inorgânicos?

Seres inorgânicos é como são, em uma outra classificação, chamados os minerais, em oposição a seres orgânicos, nome dado aos seres vivos que compõem os reinos vegetal e animal.

3. Os seres orgânicos são todos eles constituídos de muitas células?

Não. A presença da vida nos seres orgânicos traduz-se pela organização celular da matéria de seus corpos e o correspondente aparecimento das funções de nutrição e reprodução, mas existem muitos seres vivos constituídos de uma única célula.

4. Que diferença básica existe entre os vegetais e os animais?

Os seres que formam o reino vegetal não têm inteligência nem vontade ativa. Só possuem vida orgânica, que lhes é comunicada por sua união com o princípio vital. Os seres que formam o reino animal vivem como os vegetais, mas apresentam movimento e sensações que os vegetais não têm, observando-se, no tocante aos animais superiores, que seus movimentos são livres e obedecem nitidamente à vontade, o que revela que possuem certo grau de inteligência.

5. Que características especiais distinguem o homem dos outros seres?

O homem, pelo seu corpo material, se assemelha aos animais, mas deles se distingue totalmente por sua natureza espiritual, por sua alma, que lhe confere razão e senso moral. No homem vibra, como ser essencial, um Espírito consciente, livre e responsável, destinado a realizar na sua plenitude a pureza, a justiça, o amor e a caridade.

Pluralidade dos mundos habitados

Sumário: Como a Terra, são inumeráveis no Universo os mundos habitados. As migrações de Espíritos entre os planetas. Origem dos ascendentes da etnia branca em nosso mundo. A raça adâmica.

As migrações de Espíritos podem dar-se entre os diversos mundos

1. Um dos princípios fundamentais do Espiritismo é o da pluralidade dos mundos habitados. Na obra da criação divina, entre os mundos destinados à encarnação de Espíritos em estágio probatório ou expiatório, encontra-se a Terra, uma das inumeráveis habitações do ser humano. Evidentemente, existem muitos outros mundos que abrigam humanidades semelhantes à nossa, não sendo o homem terreno o único ser corpóreo dotado de inteligência, racionalidade e senso moral no Universo.

2. Criado simples e ignorante, dotado de liberdade e livre-arbítrio, inclinado tanto para o bem quanto para o mal, falível portanto, o Espírito sujeita-se a encarnar e reencarnar, experimentando múltiplas existências corporais na Terra ou em outros planetas, tantas quantas forem necessárias para ultimar sua depuração e seu progresso. Esse processo admirável realiza-se através das emigrações e imigrações de Espíritos, ou seja, da alternância sucessiva e múltipla das existências humanas nos dois planos da vida: o corpóreo e o espiritual.

3. Desencarnado, passa ele à condição de Espírito errante, nome que se dá ao Espírito que ainda necessita de reencarnar para depurar-se e progredir. No estado de erraticidade o Espírito continua a pertencer ao mundo onde tem de encarnar, mas, não estando a ele fixado pelo corpo,

é mais livre e pode até mesmo visitar outros mundos, com a finalidade de instruir-se.

4. As emigrações e imigrações de Espíritos podem ocorrer também entre mundos diferentes, isto é, podem os Espíritos emigrar de uns para outros planetas. Uns emigram por força do progresso realizado, que os habilita a ingressar em um mundo mais adiantado, o que é um prêmio para eles; outros, ao contrário, são banidos do mundo a que pertencem, por não haverem acompanhado o progresso moral atingido pela humanidade desse mundo. O exílio que lhes é imposto constitui verdadeiro castigo, que a lei de justiça impõe aos recalitrantes no mal, escravizados ao orgulho e ao egoísmo.

A raça adâmica teve sua origem na imigração de Espíritos

5. Os ensinamentos espíritas ajudam-nos a compreender e a melhor explicar as diversidades étnicas humanas. Os povos que formavam o que era outrora designado pelo termo "raça branca" [1] constituíram-se inicialmente de Espíritos procedentes de um planeta pertencente ao sistema de Capela, uma estrela milhares de vezes maior que o Sol.

6. Conforme informação transmitida por Emmanuel, havendo o mencionado planeta atingido um estágio de progresso condizente com o de um mundo regenerado e mais feliz, mas permanecendo nele uma legião de Espíritos ainda recalitrantes no orgulho e em outros sérios defeitos morais, tiveram eles de ser banidos e, por causa disso, muitos acabaram sendo encaminhados para o planeta Terra, onde foram recebidos por Jesus.

7. Em nosso mundo, sendo intelectualmente muito mais adiantados que os habitantes pertencentes aos povos autóctones ou indígenas que então formavam a população da Terra, vieram impulsionar o progresso dos povos que aqui existiam, mesclando-se a eles e expandindo sua cultura por todos os cantos da Terra. Os homens que resultaram da

reencarnação dos exilados de Capela em nosso mundo formaram a chamada raça adâmica, que deu origem aos arianos ou indo-europeus, aos egípcios, aos israelitas e aos indianos.

8. A história dos exilados de Capela permite-nos compreender melhor as narrativas bíblicas acerca de Adão e Eva e sua expulsão do Paraíso. A lenda do Paraíso perdido funda-se, em verdade, no banimento daquela legião de Espíritos do planeta capelino, que, se comparado com a Terra daquela época, podia ser considerado um verdadeiro paraíso.

9. Emmanuel, em seu livro *A Caminho da Luz*, psicografado por Chico Xavier, nos dá informações valiosas a respeito da chamada raça adâmica, assunto que foi tratado igualmente por Kardec em *A Gênese*. Nesta obra, o codificador do Espiritismo faz clara referência à raça adâmica no cap. XI, item 38: "De acordo com o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou se quiserem, uma dessas Colônias de Espíritos, vinda de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão mesma, chamada raça adâmica. Quando ela aqui chegou, a Terra já estava povoada desde tempos imemoriais, como a América, quando aí chegaram os europeus".

Adão e Eva viveram na Terra no período neolítico

10. Mais adiantada que as que a haviam precedido em nosso planeta, a raça adâmica foi, com efeito, a mais inteligente e a que, pelo contato social, impeliu ao progresso todas as outras. O Gênesis no-la mostra, desde os seus primórdios, industriosa, apta às artes e às ciências, o que mostra que ela não passou na Terra pela infância espiritual, diferentemente do que ocorreu com os demais povos que habitavam, então, o planeta.

11. Tudo, de fato, leva-nos a crer que a chamada raça adâmica não é antiga na Terra e pode ser considerada como

habitando este globo desde apenas alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas; ao contrário, antes tenderia a confirmá-las.

12. Chama-se período neolítico ao período da época holocena em que os vestígios culturais do homem pré-histórico se caracterizavam pela presença de artefatos de pedra polida (ainda não era utilizado o bronze) e pelo aparecimento da agricultura. A época holocena, iniciada há cerca de 12.000 anos, é aquela em que as geleiras se restringiram às regiões polares e ocorreram o desenvolvimento e a expansão da civilização humana.

13. O Espiritismo nos ensina que a espécie humana não começou por um único homem e que aquele a quem chamamos Adão não foi o primeiro nem o único a povoar a Terra. Kardec indagou aos Espíritos Superiores: "Em que época viveu Adão?" Eles responderam: "Mais ou menos na que lhe assinais: cerca de 4.000 anos antes do Cristo" (L.E., item 51).

14. Essa informação de origem espiritual concilia-se perfeitamente com a narrativa contida no cap. 4 do Gênesis, porque somente no período neolítico – entre os anos 5.000 a.C. e 2.500 a.C. – é que surgiu na Terra o pastoreio, seguido do cultivo da terra, e o homem passou de caçador a pastor. Ora, conforme o relato bíblico, Caim cultivava o solo e seu irmão Abel era pastor, o que prova que a data indicada pelos Espíritos a respeito da época em que viveu Adão é compatível com os registros históricos. Como o povoamento da Terra se iniciou em épocas bem mais recuadas, é evidente que não descendemos dos pais de Abel e Caim, mas de outros ancestrais que teriam vivido muito antes.

[1] Diversos autores, seguindo critérios distintos de classificação, propuseram diferentes classificações da humanidade em termos raciais. A mais difundida é a das três grandes subdivisões: caucasoide (raça "branca"), negroide (raça

"negra") e mongoloide (raça "amarela"). Como conceito antropológico, essa classificação sofreu numerosas e fortes críticas, pois a diversidade genética da humanidade parece apresentar-se num contínuo, não com uma distribuição em grupos isoláveis, e as explicações que recorrem à noção de raça não respondem satisfatoriamente às questões colocadas pelas variações culturais. O vocábulo "raça", que aparece nesta e em outras obras, é utilizado apenas pela falta de um termo mais adequado, porquanto todos sabemos que, no tocante aos seres humanos, existe no mundo uma única raça: a raça humana.

Questões para fixação da leitura

1. Existem no Universo muitos planetas habitados como a Terra?

Sim. Segundo o Espiritismo, existem muitos outros mundos que abrigam humanidades semelhantes à nossa, não sendo o homem terreno o único ser corpóreo dotado de inteligência, racionalidade e senso moral no Universo.

2. As emigrações e imigrações de Espíritos podem ocorrer em que situações?

Há Espíritos que emigram por força do progresso realizado, que os habilita a ingressar em um mundo mais adiantado, o que é um prêmio para eles; outros, ao contrário, são banidos do mundo a que pertencem, por não haverem acompanhado o progresso moral atingido pela humanidade desse mundo. O exílio que lhes é imposto constitui, então, um verdadeiro castigo, que a lei de justiça impõe aos recalitrantes no mal, escravizados ao orgulho e ao egoísmo.

3. Os ascendentes da etnia branca existente na Terra vieram de onde?

Ela foi constituída, inicialmente, de Espíritos emigrados de um planeta pertencente ao sistema de Capela, uma estrela milhares de vezes maior que o Sol.

4. Que significa a expressão raça adâmica?

De acordo com o ensino dos Espíritos, foi uma dessas grandes imigrações de Espíritos, vindos de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão mesma, chamada raça adâmica. Quando ela aqui chegou, a Terra já estava povoada desde tempos imemoriais. Mais adiantada que os povos que a tinham precedido neste planeta, a raça adâmica foi, com efeito, a mais inteligente e a que, pelo contato social, impeliu ao progresso todas as outras. O Gênesis no-la mostra, desde os seus primórdios, industriosa, apta às artes e às ciências, o que mostra que ela não passou na Terra pela infância espiritual, diferentemente do que ocorreu com os demais povos que habitavam, então, o planeta.

5. Em que época, segundo o Gênesis e o Espiritismo, viveu Adão?

Segundo os ensinamentos espíritas, Adão viveu cerca de 4.000 anos antes do Cristo, dado compatível com o cap. 4 do Gênesis, porque somente no período neolítico – entre 5.000 a.C. e 2.500 a.C. – é que surgiu na Terra o pastoreio, seguido do cultivo da terra, e o homem passou de caçador a pastor. Ora, conforme o relato bíblico, Caim cultivava o solo e seu irmão Abel era pastor, o que prova que a data indicada pelos Espíritos a respeito da época em que viveu Adão está de acordo com os registros históricos.

Inteligência e instinto

Sumário: Inteligência e instinto. A dupla natureza do homem. Características dos atos instintivo. Diferença entre atos instintivos e atos inteligentes. Importância do instinto na vida dos animais.

É à alma que o homem deve sua inteligência e racionalidade

1. A inteligência é o atributo essencial da alma ou Espírito, em razão do qual toma ela conhecimento de sua própria existência e exerce atividades voluntárias e livres. Quando a alma atinge o grau de humanização, sua inteligência adquire desenvolvimento superior, como o surgimento da razão e do senso moral, que lhe facultam a capacidade de conceber e reconhecer a existência de Deus.

2. Realizando múltiplos atos livres e voluntários, apresentando finalidade nítida e obedecendo a juízos e raciocínios bem elaborados, o homem é um ser que revela dupla natureza: material e espiritual. Não nos esqueçamos de que há uma alma unida ao corpo do homem e somente a ela deve ele sua inteligência e racionalidade, seus conhecimentos e sentimentos, bem como sua vontade e liberdade.

3. Existem, entretanto, seres que realizam atos em que se revela também nítida finalidade, mas que parecem obedecer antes a automatismos que a impulsos decorrentes da livre vontade. Tais atos visam sobretudo à conservação do indivíduo e da espécie, objetivando as funções de nutrição e de reprodução, provendo ao crescimento, ao desenvolvimento e à propagação, enfim, da plena realização da vida.

4. Esses atos são devidos ao instinto e, por isso, chamados de atos instintivos. Existem esboçados no reino vegetal, mas são bem mais evidentes no reino animal, tanto quanto na espécie humana, e ocorrem, seja no homem, seja nos animais, ao lado dos atos inteligentes.

A inteligência e o instinto decorrem do mesmo princípio

5. Será o instinto, como alguns pensam, um atributo inerente à matéria e não à alma? Se assim fosse, teríamos de admitir que a matéria é também inteligente, o que é manifestamente falso. Ora, se ao ato instintivo falta o caráter principal do ato inteligente, que é ser deliberado, ele revela, no entanto, uma causa inteligente, porque apta a prever e a evitar o engano, o que levou muitos estudiosos a admitir que instinto e inteligência procedem de um mesmo princípio, que inicialmente teria apenas as qualidades do instinto e depois se desenvolveria, evoluiria e passaria por uma transformação que lhe daria as qualidades da inteligência livre.

6. Esta última hipótese não resiste a uma análise mais profunda, porque frequentemente o instinto e a inteligência se encontram juntos no mesmo ser e, às vezes, no mesmo ato. No caminhar, por exemplo, é instintivo o simples movimento das pernas, tanto no homem como no animal – um pé vai adiante do outro maquinalmente. Mas no acelerar o passo ou retardá-lo, bem como no levantar o pé para desviar-se de um obstáculo, intervém a vontade, a deliberação e o cálculo. De igual modo, o animal carnívoro é levado pelo instinto a alimentar-se de carne, mas age com inteligência e mesmo astúcia quando toma medidas para garantir sua presa.

7. Em face disso é que se diz que o instinto é uma espécie de inteligência, enquanto outros afirmam que é uma inteligência sem raciocínio. O fato, porém, é que muitas vezes torna-se difícil estabelecer um limite nítido de

separação entre o instinto e a inteligência, porque em variadas situações eles se confundem.

8. Inteligência e instinto – e esta é a opinião mais comum – são manifestações do mesmo princípio espiritual, que obedecem a duas determinantes ou a dois motores diferentes: um ligado à vontade e à liberdade do indivíduo, e outro que escapa totalmente à vontade e à liberdade. Nesse sentido, podem distinguir-se perfeitamente os atos que dependem da inteligência desenvolvida daqueles que decorrem estritamente do instinto.

Os atos inteligentes aprimoram-se com a aprendizagem

9. Sendo a inteligência, em sua plenitude, a faculdade de pensar e agir racional e deliberadamente, os atos inteligentes são conscientes, voluntários, livres e calculados. São, além disso, suscetíveis de variações, porque a inteligência, variável e individual por excelência, é suscetível de progresso. Os atos inteligentes decorrem da aprendizagem e pela aprendizagem se aprimoram, fato que não ocorre com os atos instintivos.

10. Vejamos o exemplo do patinho: logo que rompe a casca do ovo que o mantinha encerrado, se vê próximo um córrego ou um lago, corre alegremente para ele e lança-se na água, nadando imediatamente com perfeição. Onde aprendeu o pato a nadar? São igualmente instintivos o ato do castor, que constrói sua casa com terra, água e galhos de árvores; o ato dos pássaros, que constroem com perfeição seus ninhos; o ato da aranha, que tece com precisão sua teia. Veem-se já aí alguns dos caracteres do instinto: é algo inato, perfeito e específico, ou seja, surge espontaneamente, sem prévia aprendizagem, em todos os indivíduos de uma mesma espécie e leva a atos completos, acabados, perfeitos, desde a primeira vez que são realizados.

11. Verifica-se, no entanto, que esses atos continuam durante toda a vida do ser sem mudança alguma. Essa capacidade de nadar, de construir, de tecer não sofre variação através dos tempos, de modo que o castor constrói hoje a sua cabana como o faziam seus ancestrais e assim farão os seus descendentes, com os mesmos materiais e da mesma maneira. Nas edificações dos homens, ao contrário, é evidente a evolução na forma e no uso dos materiais, porque decorrem de atos inteligentes, sujeitos à vontade e à liberdade, variáveis de acordo com as circunstâncias, o que é uma característica dos atos inteligentes.

12. O homem também deve sua conservação e manutenção a atos instintivos, e não apenas aos atos inteligentes. Lembremos tão somente o que se dá nos primeiros dias após o nascimento de uma criança, que, do mesmo modo como ocorre com as crias de outros mamíferos, suga o leite materno, sem que ninguém lhe tenha ensinado. A circulação sanguínea, o funcionamento do aparelho digestivo e tantas outras funções verificáveis no ser humano também se devem à força do instinto.

Questões para fixação da leitura

1. Que é inteligência?

A inteligência é o atributo essencial da alma ou Espírito, em razão do qual toma ela conhecimento de sua própria existência e exerce atividades voluntárias e livres. Quando a alma atinge o grau de humanização, sua inteligência adquire desenvolvimento superior, como o surgimento da razão e do senso moral, que lhe facultam a capacidade de conceber e reconhecer a existência de Deus.

2. Podemos dizer que o homem tem dupla natureza?

Sim. O homem é um ser que revela uma natureza material e uma natureza espiritual. Não nos

esqueçamos de que há uma alma unida ao seu corpo físico e somente a ela deve ele sua inteligência e racionalidade, seus conhecimentos e sentimentos, bem como sua vontade e liberdade.

3. Que são atos instintivos?

São os atos que parecem obedecer antes a automatismos que a impulsos decorrentes da livre vontade. Eles visam sobretudo à conservação do indivíduo e da espécie, objetivando as funções de nutrição e de reprodução, provendo ao crescimento, ao desenvolvimento e à propagação, enfim, da plena realização da vida. Esses atos são devidos ao instinto e, por isso, chamados atos instintivos.

4. Que diferença existe entre os atos instintivos e os atos inteligentes?

A diferença entre uns e outros é que os atos inteligentes são conscientes, voluntários, livres e calculados. São, além disso, suscetíveis de variações, porque a inteligência, variável e individual por excelência, é suscetível de progresso. Os atos inteligentes decorrem da aprendizagem e pela aprendizagem se aprimoram, fato que não ocorre com os atos instintivos.

5. É certo dizer que os animais devem sua vida ao instinto e que o homem vive graças à inteligência?

Não. O homem deve também a sua conservação e manutenção a atos instintivos, e não apenas aos atos inteligentes. Lembremos tão somente o que se dá nos primeiros dias após o nascimento de uma criança, que, do mesmo modo como ocorre com as crias de outros mamíferos, suga o leite materno, sem que ninguém lhe tenha ensinado. A circulação sanguínea, o funcionamento do aparelho digestivo e tantas outras funções verificáveis no ser humano também se devem à força do instinto.

Diferentes ordens de Espíritos: escala espírita

Sumário: Ordens e classes que compõem a escala espírita. Característica principal dos Bons Espíritos. Principais características dos Espíritos Imperfeitos. O que distingue os Espíritos Puros dos demais espíritos.

A escala espírita é, de certo modo, a chave da ciência espírita

1. Há diferentes ordens de Espíritos, de conformidade com o grau de perfeição que hajam alcançado. Como não existem linhas de demarcação definidas entre essas ordens, seu número é ilimitado. Considerando, no entanto, as características gerais dos Espíritos, podemos classificá-los em três ordens principais:

1ª Ordem – Espíritos Puros: os que já chegaram à perfeição.

2ª Ordem – Bons Espíritos: os seres em que o desejo do bem é predominante.

3ª Ordem – Espíritos Imperfeitos: seres em que predominam a ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más, fato que lhes retarda o progresso.

2. Esta classificação pode desdobrar-se em nuances que variam ao infinito. Mas existem caracteres bem definidos que permitem agrupar os Espíritos de acordo com suas tendências e aptidões, constituindo-se numa escala ou num quadro que, no dizer de Kardec, "é, de certo modo, a chave

da ciência espírita, porquanto só ele pode explicar as anomalias que as comunicações apresentam”.

Os Espíritos Puros percorreram todos os graus da escala

3. Com base nessas considerações, o codificador do Espiritismo subdividiu as ordens acima mencionadas em dez classes, como adiante veremos.

4. A 1ª Ordem (Espíritos Puros) apresenta como caracteres gerais não estar sujeita a nenhuma influência da matéria e revelar superioridade intelectual e moral absoluta com relação aos Espíritos das outras ordens. Uma única classe a compõe:

1ª Classe ou classe única: Seres que já percorreram todos os graus da escala e, desse modo, se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura humana, não têm mais que sofrer provas ou expiações.

5. Como não estão sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, os Espíritos Puros gozam de inalterável felicidade, visto que não se acham submetidos às necessidades e às vicissitudes da vida material.

Os Bons Espíritos têm como característica o desejo do bem

6. A 2ª Ordem (Bons Espíritos) tem como característica o predomínio do Espírito sobre a matéria, o desejo do bem e a compreensão de Deus. Mas os Espíritos que a formam têm ainda de passar por provas. Uns possuem a ciência, outros a bondade e a sabedoria; os mais adiantados juntam ao seu saber as qualidades morais.

7. A 2ª Ordem subdivide-se em quatro classes principais:

2ª Classe – Espíritos Superiores: que reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade, e buscam comunicar-se com os que aspiram à verdade. Os Espíritos Superiores encarnam-se na Terra apenas em missão de progresso e caracterizam o tipo de perfeição a que podemos aspirar neste mundo.

3ª Classe – Espíritos Prudentes ou de Sabedoria: que apresentam elevadas qualidades morais e capacidade intelectual que lhes permite analisar com precisão os homens e as coisas.

4ª Classe – Espíritos Sábios: que têm mais aptidão para as questões científicas do que para as morais.

5ª Classe – Espíritos Benévolos: em que a bondade é a qualidade dominante.

Os Espíritos Imperfeitos não compreendem Deus

8. A 3ª Ordem (Espíritos Imperfeitos) apresenta como caracteres gerais o predomínio da matéria sobre o Espírito, a propensão para o mal, a intuição mas não a compreensão de Deus.

9. Subdivide-se a 3ª Ordem em cinco classes principais:

6ª Classe – Espíritos Batedores ou Perturbadores: seres cuja presença se manifesta por efeitos sensíveis e físicos, como pancadas e deslocamento de corpos sólidos; são agentes dos elementos do globo e deles se servem os Espíritos Superiores para produzirem fenômenos dessa natureza.

7ª Classe – Espíritos Neutros: seres apegados às coisas do mundo que não são suficientemente bons para praticarem o bem, nem maus o bastante para fazerem o mal.

8ª Classe – Espíritos Pseudossábios: que possuem algum conhecimento, mas que julgam saber mais do que sabem, com linguagem de caráter sério e que, todavia, mistura verdades com suas próprias paixões e preconceitos.

9ª Classe – Espíritos Levianos: seres ignorantes e inconsequentes, mais maliciosos que maus, cuja linguagem é alegre, irônica e superficial.

10ª Classe – Espíritos Impuros: em que o mal é o objeto de suas preocupações, a linguagem é grosseira e muito baixas as suas inclinações.

Questões para fixação da leitura

1. Em quantas ordens se classificam os Espíritos?

Eles classificam-se em três ordens principais: 1ª Ordem (Espíritos Puros): os que já chegaram à perfeição; 2ª Ordem (Bons Espíritos): os seres em que o desejo do bem é predominante; 3ª Ordem (Espíritos Imperfeitos): aqueles em que predominam a ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más, fato que lhes retarda o progresso.

2. Qual é a característica principal dos Bons Espíritos?

A 2ª Ordem (Bons Espíritos) tem como característica o domínio do Espírito sobre a matéria, o desejo do bem e a compreensão de Deus. Uns possuem a ciência, outros a bondade e a sabedoria; os mais adiantados juntam ao seu saber as qualidades morais.

3. Quais as características principais dos Espíritos Imperfeitos?

A 3ª Ordem (Espíritos Imperfeitos) apresenta como caracteres gerais o predomínio da matéria sobre o Espírito, a propensão para o mal, a intuição mas não a compreensão de Deus.

4. Quantas e quais são as classes principais que compõem a escala espírita?

São 10 as classes que compõem a escala espírita:

1ª Classe – Espíritos Puros.

2ª Classe – Espíritos Superiores.

3ª Classe – Espíritos Prudentes ou de Sabedoria.

4ª Classe – Espíritos Sábios.

5ª Classe – Espíritos Benévolos.

6ª Classe – Espíritos Batedores ou Perturbadores.

7ª Classe – Espíritos Neutros.

8ª Classe – Espíritos Pseudossábios.

9ª Classe – Espíritos Levianos.

10ª Classe – Espíritos Impuros.

5. Quem são os Espíritos Puros?

Os Espíritos Puros são seres que já percorreram todos os graus da escala e, desse modo, se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura humana, não têm mais que sofrer provas ou expiações. Não estando sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, gozam de inalterável felicidade porque não se acham submetidos às necessidades e às vicissitudes da vida material.

Diferentes ordens e progressão dos Espíritos

Sumário: Condições em que os Espíritos podem desfrutar a felicidade verdadeira. Como os Espíritos progredem moral e intelectualmente. Como surgiu o mal no mundo. As influências espirituais negativas.

Todos os Espíritos um dia chegarão à perfeição

1. Todos os Espíritos que povoam o Universo foram criados por Deus simples e ignorantes, isto é, sem nenhum conhecimento, mas destinados de igual forma à perfeição. Aliás, é no estado de perfeição que eles poderão desfrutar a verdadeira felicidade, decorrente do pleno conhecimento das leis que regem a vida e de sua plena vivência.

2. O ensino espírita é taxativo: todos os Espíritos podem chegar um dia à perfeição, mas entre esses dois extremos – a criação e a perfeição – existe um caminho que cabe a todos os Espíritos trilhar e que representa a conquista gradativa do conhecimento das leis que governam a vida e a obra da criação.

3. Deus propicia a todos os seus filhos os meios necessários para essa conquista, criando até mesmo necessidades nos Espíritos, que, com o objetivo de atendê-las, precisam agir.

Foi o homem que criou o mal ao afastar-se de Deus

4. É assim, por meio de sua ação, que os Espíritos progredem, conquistam os conhecimentos, desenvolvem e educam os sentimentos, adquirindo gradativamente as virtudes que lhes propiciarão chegar ao estado de perfeição.

5. É fácil entender que a ascensão do Espírito, do estado de ignorância para o estado de sabedoria, depende tão somente de seu trabalho e de seus esforços. Este é um fato que é preciso enfatizar, visto que o trabalho é a parte que lhe cabe, parte intransferível, uma vez que os recursos necessários são propiciados por Deus a todos em igualdade de condições.

6. Deus – ensina o Espiritismo – não aquinhoa melhor a uns do que a outros, porque é justo e, sendo pai de todos, não tem predileções. O Criador somente lhes diz: “Eis a lei que deve constituir a vossa norma de conduta; ela só pode levar-vos ao fim; tudo que lhe for conforme é o bem, tudo que lhe for contrário é o mal. Tendes inteira liberdade de observar ou infringir esta lei, e assim sereis os árbitros da vossa própria sorte”.

7. Do ensino que nos vem dos Espíritos superiores aprendemos que Deus não criou o mal e que todas as suas leis são voltadas para o bem. Foi o homem que criou o mal ao afastar-se de Deus e da observância de suas leis. Se ele as observasse escrupulosamente, jamais se desviaria do bom caminho.

Depende apenas dos próprios Espíritos chegar à perfeição

8. Observa-se também que é a lei de liberdade que rege o progresso dos Espíritos, porque é através de seu trabalho e com o uso de seu livre-arbítrio que eles vão, de forma voluntária e consciente, conquistando as virtudes que não possuem e desfazendo-se de suas imperfeições.

9. Dissertando sobre a escolha que a criatura faz de seguir esse ou aquele caminho, esclarecem os Espíritos superiores: “O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, desde que a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em

virtude da sua livre vontade. É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram” (*O Livro dos Espíritos*, questão 122).

10. Na sequência, quando Kardec pergunta se a influência exercida pelos Espíritos inferiores só ocorre sobre o indivíduo em sua origem, os imortais explicam: “Acompanha-o na sua vida de Espírito, até que haja conseguido tanto império sobre si mesmo, que os maus desistam de obsidiá-lo” (Obra e questão citadas).

11. Conclui-se de tudo isso que a plena e eterna felicidade está à nossa espera e que poderemos desfrutá-la quando chegarmos à condição de Espíritos Puros. Meios para alcançá-la, Deus no-los oferece. Depende apenas de nós, por meio do trabalho e do adequado uso do livre-arbítrio, abreviar essa chegada.

Questões para fixação da leitura

1. Em que situação e momento poderão os Espíritos desfrutar a verdadeira felicidade?

Criados por Deus simples e ignorantes, isto é, sem nenhum conhecimento, mas destinados de igual forma à perfeição, é somente quando atingem o estado de perfeição que os Espíritos podem desfrutar a verdadeira felicidade, decorrente do pleno conhecimento das leis que regem a vida e de sua plena vivência.

2. De que forma os Espíritos progridem, adquirem conhecimentos e desenvolvem seus sentimentos?

Segundo o Espiritismo, todos os Espíritos podem chegar um dia à perfeição, mas entre esses dois extremos – a criação e a perfeição – existe um caminho que cabe a todos os Espíritos trilhar. É, pois, por meio de sua ação que os Espíritos progridem, conquistam os conhecimentos, desenvolvem e educam os sentimentos, adquirindo

gradativamente as virtudes que lhes propiciarão chegar ao estado de perfeição.

3. Se Deus não criou o mal, quem o criou?

Os ensinamentos espíritas nos dizem que todas as leis de Deus são voltadas para o bem e que foi o homem que criou o mal ao afastar-se delas. Se ele as observasse escrupulosamente, jamais se desviaria do bom caminho.

4. As influências negativas exercidas sobre os Espíritos só ocorrem em suas primeiras encarnações?

Não. Elas os acompanham na sua vida de Espírito, até que hajam conseguido tanto império sobre si mesmos, que os maus desistam de obsidiá-los.

5. Depende de quem apressar ou retardar o progresso a que estamos destinados?

Os meios para alcançar o progresso, Deus no-los oferece e depende apenas de nós, por meio do trabalho e do adequado uso do livre-arbítrio, abreviar essa chegada.

Forma e ubiquidade dos Espíritos

Sumário: A forma com que os Espíritos se apresentam. Conceito de ubiquidade e bicorporeidade. Distinção entre bicorporeidade e ubiquidade. Fator que influencia o poder de irradiação dos Espíritos.

O Espírito é uma chama, um clarão, uma centelha etérea

1. Consultados por Kardec se os Espíritos têm forma determinada, limitada e constante, os Espíritos Superiores responderam: "Para vós, não; para nós, sim. O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea" (*O Livro dos Espíritos*, 88). Em seguida, complementando o assunto, esclareceram que essa chama ou centelha tem uma coloração que vai, aos olhos humanos, do colorido escuro e opaco a uma cor brilhante, qual a do rubi, conforme a evolução do Espírito e seu grau de pureza.

2. Com a evolução do pensamento kardequiano, a informação de que a forma do Espírito nos remete à ideia de uma chama, um clarão, uma centelha etérea é mais apropriada se nos referirmos à alma, isoladamente considerada, porque ela, sim, é que é o ser pensante, como o próprio Kardec escreveu em seu livro *O que é o Espiritismo*:

A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o homem; a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado Espírito.

OBSERVAÇÃO — A alma é assim um ser simples; o Espírito um ser duplo e o homem um ser triplo.

Seria mais exato reservar a palavra alma para designar o princípio inteligente, e o termo Espírito para o ser semimaterial formado desse princípio e do corpo fluídico [...] (*O que é o Espiritismo*, cap. II, item 14.)

3. Vê-se, pelas explicações acima, que os Espíritos procuraram estabelecer uma comparação, embora pálida, do que existe no plano espiritual, quanto à forma e à cor dos Espíritos, com as limitações do nosso mundo físico e dos nossos sentidos. Fica claro à vista dos ensinamentos espíritas que os Espíritos têm forma e cor, mas só por alto se pode compará-las com a forma e a cor que estamos, como seres encarnados, acostumados a observar.

4. Gabriel Delanne assevera: "A Ciência ensina-nos que os nossos sentidos apenas nos fazem conhecer ínfima parte da natureza, porém que, além e aquém dos limites impostos às nossas sensações, existem vibrações sutis, em número infinito, que constituem modos de existência de que não podemos formar ideia, por falta de palavras para exprimi-la" (*O Fenômeno Espírita*, pág. 213).

Os Espíritos são indivisíveis e não podem ser fracionados

5. Segundo Delanne, a alma assiste, desse modo, a espetáculos que não temos meios de descrever, ouve harmonias que nenhum ouvido humano tem apreciado e se move em completa oposição às condições de viabilidade terrestre. "O Espírito libertado das cadeias do corpo – diz ele – não tem mais necessidade de alimentar-se, não se arrasta mais pelo solo: a matéria imponderável de que é formado permite-lhe transportar-se para os mais longínquos lugares com a rapidez do relâmpago, e, segundo o grau do seu adiantamento moral, suas ocupações espirituais afastam-se mais ou menos das preocupações que nutria na Terra." (Obra citada.)

6. Questionados sobre se os Espíritos têm o dom da ubiquidade [1], ou seja, se um Espírito pode dividir-se ou estar em muitos pontos ao mesmo tempo, os instrutores da espiritualidade disseram: "Não pode haver divisão de um mesmo Espírito; mas cada um é um centro que irradia para diversos lados. Isso é que faz parecer estar um Espírito em muitos lugares ao mesmo tempo. Vês o Sol? É um somente. No entanto, irradia em todos os sentidos e leva muito longe os seus raios. Contudo, não se divide" (L.E., 92).

7. Observa-se assim que os Espíritos são indivisíveis e constituem uma unidade que não pode ser fracionada. Podem ser percebidos em mais de um lugar por efeito do seu poder de irradiação, poder esse que pode ser maior ou menor, dependendo do grau de pureza de cada um. Esse fato nos permite compreender um fenômeno muitas vezes verificado em que se registra a presença de Espíritos Superiores em diversos lugares ao mesmo tempo.

8. O fenômeno da ubiquidade guarda, de certa forma, relação com o fenômeno da bicorporeidade. Como sabemos, isolado do corpo, o Espírito de uma pessoa viva pode – como o de um morto – mostrar-se com todas as aparências da realidade e até mesmo adquirir momentânea tangibilidade. Esse fenômeno conhecido pelo nome de bicorporeidade foi que deu azo às histórias dos homens duplos, ou seja, de indivíduos cuja presença simultânea em dois lugares diferentes se chegou a comprovar. (Leia sobre o assunto *O Livro dos Médiuns*, item 119.)

O poder de irradiação aumenta com a evolução da alma

9. O fenômeno da bicorporeidade ocorre quando o Espírito está encarnado. Estando a pessoa adormecida, ou num estado mais ou menos extático, pode seu Espírito, desligado do corpo, aparecer, falar e mesmo tornar-se tangível.

10. Em tais casos, se o fenômeno for autêntico, poder-se-á comprovar que a pessoa se encontrava em dois lugares ao mesmo tempo, só que em um lugar estava o corpo material e no outro lugar o Espírito revestido pelo seu corpo espiritual ou perispírito.

11. No fenômeno da ubiquidade, como já dissemos, o Espírito não se divide para estar em dois lugares diferentes. Ele irradia-se para diversos lados e pode assim manifestar-se em muitos pontos, sem se haver fracionado. Ocorre aí o que se dá com a luz, que pode refletir-se para todos os lados e ser vista simultaneamente em muitos espelhos.

12. Quanto mais evoluído for o Espírito, maior será seu poder de irradiação, mais potente será seu dom de ubiquidade relativa. Tanto na bicorporeidade como na ubiquidade vê-se que o perispírito desempenha um papel fundamental, o que mostra ser indispensável um maior conhecimento acerca do corpo perispiritual, objeto de estudo de inúmeras obras, como o livro *Evolução em Dois Mundos*, de André Luiz, e *A Evolução Anímica*, de Gabriel Delanne.

[1] Ubiquidade é o nome que se dá à propriedade ou ao estado de ubíquo ou onipresente; ubiquação, onipresença.

Questões para fixação da leitura

1. Os Espíritos têm uma forma determinada, limitada e constante?

A essa mesma pergunta os Espíritos Superiores responderam: "Para vós, não; para nós, sim. O Espírito é, se quiserdes, uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea". Em seguida, complementando o assunto, esclareceram que essa chama ou centelha tem uma coloração que vai, aos olhos humanos, do colorido escuro e

opaco a uma cor brilhante, qual a do rubi, conforme o grau de pureza do Espírito.

2. Os Espíritos podem dividir-se e estar em muitos lugares ao mesmo tempo?

Não. Os Espíritos não podem dividir-se, mas cada um é um centro que irradia para diversos lados. Isso é que faz parecer estar um Espírito em muitos lugares ao mesmo tempo. É como o Sol, que irradia em todos os sentidos e leva muito longe os seus raios, mas não se divide.

3. Existe alguma relação entre o fenômeno da ubiquidade e o fenômeno da bicorporeidade?

Sim. Como sabemos, isolado do corpo, o Espírito de uma pessoa viva pode – como o de um morto – mostrar-se com todas as aparências da realidade e até mesmo adquirir momentânea tangibilidade. Esse fenômeno conhecido pelo nome de bicorporeidade foi que deu azo às histórias dos homens duplos, ou seja, de indivíduos cuja presença simultânea em dois lugares diferentes se chegou a comprovar. Eis aí – e apenas aí – a relação entre os dois fenômenos.

4. Como o Espiritismo explica o fenômeno da ubiquidade?

No fenômeno da ubiquidade o Espírito não se divide para estar em dois lugares diferentes. Ele irradia-se para diversos lados e pode assim manifestar-se em muitos pontos, sem se haver fracionado. Ocorre aí o que se dá com a luz, que pode refletir-se para todos os lados e ser vista simultaneamente em muitos espelhos.

5. Que fator tem maior peso no tocante ao poder de irradiação dos Espíritos?

Quanto mais evoluído for o Espírito, maior será seu poder de irradiação, mais potente será seu dom de ubiquidade relativa.

Espíritos errantes: sorte das crianças após a morte

Sumário: A erraticidade segundo o Espiritismo. Quem são os Espíritos errantes. Atividades dos Espíritos no estado de erraticidade. Necessidade da encarnação no processo evolutivo. Razões da morte de uma criança em tenra idade.

Errante é o Espírito que precisa reencarnar para evoluir

1. Separado do corpo físico, em decorrência da desencarnação, o Espírito volta, na maioria das vezes, a reencarnar depois de intervalos mais ou menos longos, intervalos esses que podem durar desde algumas horas até vários séculos, não existindo, nesse sentido, limite determinado. O Espiritismo ensina que esses intervalos podem prolongar-se por muito tempo, mas jamais serão perpétuos.

2. Enquanto aguarda nova encarnação, o desencarnado fica no estado de Espírito errante, estado em que espera novas oportunidades e aspira a um novo destino. O fato de estar desencarnado não o coloca, porém, na condição de Espírito errante, pois errante só o é aquele que necessita de nova encarnação para progredir. O Espírito que não mais precisa reencarnar para evoluir já se encontra no estado de Espírito puro. Assim, quanto ao estado em que se encontrem, os Espíritos podem ser: 1 – Encarnados, os que estão ligados a um corpo físico; 2 – Errantes, os que aguardam nova encarnação; 3 – Puros, os que, desligados da matéria, já chegaram à perfeição e por isso não necessitam de nova encarnação.

3. Convém destacar que o estado de erraticidade não constitui, por si só, sinal de inferioridade dos Espíritos, uma vez que há Espíritos errantes de todos os graus. A reencarnação é, em verdade, um estado transitório, pois o estado normal é quando o Espírito, liberto da matéria, vive plenamente a vida espiritual.

4. Durante a erraticidade os Espíritos não ficam inertes. Eles estudam, observam, buscam informações que lhes enriqueçam o conhecimento das coisas, procurando o melhor meio de se elevarem. O ensino espírita sobre a vida de além-túmulo mostra que no espaço não há lugar algum destinado à contemplação estéril, à beatitude ociosa. Todas as regiões do espaço estão povoadas por Espíritos laboriosos.

Os Espíritos são os construtores do seu futuro

5. Na condição de errante, o Espírito pode, portanto, melhorar muito, conquistando novos conhecimentos, dependendo naturalmente de sua maior ou menor vontade. Entretanto, será na condição de Espírito encarnado que terá oportunidade de colocar em prática as ideias que adquiriu e realizar, efetivamente, o progresso que esteja buscando.

6. Gabriel Delanne afirma que os Espíritos são os próprios construtores do seu futuro, conforme o ensino do Cristo: "A cada um segundo suas obras". Todo Espírito que retarda seu progresso somente de si mesmo pode queixar-se, do mesmo modo que aquele que se adianta tem todo o mérito do seu procedimento.

7. A vida normal do Espírito efetua-se no espaço, no chamado plano espiritual, e a reencarnação opera-se em um dos globos que povoam o Universo infinito, sendo necessária ao seu duplo progresso, moral e intelectual. Ao progresso intelectual, por causa da atividade que ele é obrigado a desenvolver. Ao progresso moral, por causa da necessidade que os homens têm de conviver uns com os outros. A vida

social – lembra Delanne – é a pedra de toque das boas e das más qualidades.

A morte de uma criança pode ser uma prova para os pais

8. Ensina o Espiritismo que, tal qual acontece com o Espírito de uma pessoa adulta, o Espírito de uma criança morta em tenra idade volta ao mundo dos Espíritos e assume sua condição precedente.

9. O Espírito cuja existência se interrompeu no período da infância recomeçará uma nova existência, que ocorrerá na época que for julgada mais conveniente ao seu progresso. Se não tivesse oportunidade de reencarnar, ele ficaria estagnado, à margem do processo evolutivo, fato que não corresponderia à justiça de Deus.

10. Nem sempre, porém, o Espírito da criança desencarnada retoma de imediato sua personalidade de adulto. Em muitas ocasiões é isso que acontece, mas não em todos os casos. Examinando a questão, diz André Luiz no cap. X de seu livro *Entre a Terra e o Céu*, psicografado por Chico Xavier, que – segundo irmã Blandina – para a grande maioria das crianças desencarnadas o caminho não é o mesmo. As almas encarceradas no automatismo inconsciente acham-se relativamente longe do autogoverno e, por isso, são conduzidas pela Natureza à maneira das criancinhas no colo materno. Não sabendo desatar os laços que as aprisionam aos rígidos princípios que orientam o mundo das formas, exigem tempo para se renovarem no justo desenvolvimento. Torna-se, pois, imprescindível a necessidade de um período de recuperação para quem se afasta do corpo denso, na fase infantil, uma vez que, depois do conflito biológico da reencarnação ou da desencarnação, para quantos se acham nos primeiros degraus da conquista de poder mental, o tempo deve funcionar como elemento indispensável de restauração.

11. A curta duração da existência corpórea da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de uma existência precedentemente interrompida antes da hora, e sua morte constitui, não raro, prova ou expiação para os pais. No primeiro caso, podem os pais estar sendo provados em sua compreensão acerca da vida; no segundo caso, resgatando possíveis débitos contraídos no passado.

Questões para fixação da leitura

1. Que é erraticidade?

A erraticidade é o estado em que ficam os Espíritos enquanto aguardam uma nova encarnação.

2. Podemos dizer que todo Espírito desencarnado é um Espírito errante?

Não. Errante só o é aquele que, estando desencarnado, necessita de nova encarnação para progredir. Os Espíritos puros não mais precisam encarnar para evoluir e, por isso, não se aplica a eles a expressão Espírito errante.

3. No estado de erraticidade, os Espíritos fazem alguma coisa?

Sim. No estado de erraticidade os Espíritos estudam, observam e buscam informações que lhes enriqueçam o conhecimento das coisas, procurando o melhor meio de se elevarem. O ensino espírita sobre a vida de além-túmulo mostra que no espaço não há lugar algum destinado à contemplação estéril, à beatitude ociosa. Todas as regiões do espaço estão povoadas por Espíritos laboriosos.

4. A encarnação é necessária ao Espírito errante?

A vida normal do Espírito efetua-se no espaço, mas a encarnação é necessária ao seu duplo progresso, moral e intelectual. Ao progresso intelectual, por causa da atividade que ele é obrigado a desenvolver no trabalho. Ao progresso

moral, por causa da necessidade que os homens têm de conviver uns com os outros. A vida social – lembra Delanne – é a pedra de toque das boas e das más qualidades.

5. Como entender a morte de uma criança em tenra idade?

A curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de uma existência precedentemente interrompida antes da hora, e sua morte constitui, não raro, prova ou expiação para os pais.

Ensaio teórico sobre as sensações e percepções dos Espíritos

Sumário: A natureza do Espírito. Sensações e percepções do Espírito. Influência da encarnação sobre as percepções do Espírito. Como explicar as sensações de dor e de frio nos desencarnados. Causas dos sofrimentos humanos.

Espírito não é um ser imaterial, mas incorpóreo

1. Em resposta à questão no 82 de *O Livro dos Espíritos*, os instrutores espirituais disseram, a respeito da natureza do Espírito, que o vocábulo imaterial não seria o mais apropriado para defini-lo. Incorpóreo, sim, esse seria o termo mais exato, porque o Espírito, sendo o resultado de uma criação, há de ser alguma coisa. A substância que o constitui é, contudo, tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos nossos sentidos.

2. Em face da informação acima, deduz-se que as sensações e percepções dos Espíritos são diferentes e relativas ao seu grau evolutivo e ao estado de encarnação ou desencarnação em que se encontrem. É preciso, pois, para melhor compreender as nuances desse fato, lembrar as condições em que vivem os Espíritos no plano carnal e no plano espiritual, como adiante veremos.

3. Há no homem três elementos: 1º - a alma, princípio inteligente, sede do senso moral; 2º - o corpo material, invólucro grosseiro, de que a alma se reveste temporariamente, em cumprimento de certos desígnios providenciais; 3º - perispírito, envoltório fluídico semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo. Após a desencarnação, assim desprendida do corpo material, a alma continua revestida de seu envoltório

flúidico ou o perispírito. A esse conjunto – alma e perispírito – é que chamamos Espírito, um ser duplo na concepção espírita. (Cf. *O que é o Espiritismo*, cap. II, item 14.)

4. Durante a vida corpórea, o corpo recebe impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito. As percepções e sensações ficam, por causa disso, sensivelmente reduzidas, porquanto, isolado na concha milagrosa do corpo, o Espírito está reduzido em suas percepções aos limites que se fazem necessários. A título de exemplo, lembremos que ninguém, salvo em casos especiais, tem acesso fácil às lembranças de suas existências passadas.

5. Afirma Emmanuel que a esfera sensorial funciona, para o Espírito, à maneira de câmara abafadora. Visão, audição, tato padecem enormes restrições. O cérebro físico é como um gabinete escuro, proporcionando-lhe ensejo de recapitular e reaprender. Conhecimentos adquiridos e hábitos profundamente arraigados aí jazem na forma estática de intuições e tendências.

Logo após a desencarnação, muitos Espíritos ignoram seu novo estado

6. No plano espiritual, a situação se modifica inteiramente. Ensina o Espiritismo que, por ocasião da morte, o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo e, por isso, durante os primeiros minutos após a desencarnação, o Espírito não encontra explicação para a situação em que se acha. Crê não estar morto, porque se sente vivo. Vê a um lado o corpo material e sabe que lhe pertence, mas não compreende que esteja separado dele. Essa situação dura enquanto haja ligação entre o corpo e o perispírito.

7. Esse fato leva muitas vezes o Espírito a ter sensações de dor, frio, calor e a sentir, algumas vezes, até os vermes corroerem seu corpo físico em decomposição. Ora, sabemos que os vermes não lhe roem o perispírito, do mesmo modo

que ele não está mais sujeito às sensações físicas de frio, calor e dor. É que, não sendo completa a separação entre o corpo e o perispírito, existe uma repercussão moral que transmite ao Espírito ocorrências dessa natureza.

8. Inúmeras vezes já não existe ligação entre o corpo e o perispírito, pois o primeiro já se decompôs, e no entanto a lembrança e a sensação do fato ocorrido repercutem por muitos anos, mantendo a impressão de que aquele fato se dá na atualidade.

9. Há, por outro lado, Espíritos detentores de maior grau de evolução que se tornam inacessíveis às sensações mencionadas. Seu perispírito menos denso e as percepções mais apuradas não permitem que se dê a repercussão de sensações tipicamente materiais.

Muitos sofrimentos são ocasionados por nós mesmos

10. Os sofrimentos deste mundo – ensina Kardec – independem, algumas vezes, de nós, mas em muito maior número são devidos à nossa vontade. Remontemos à origem deles e veremos que a maior parte dos nossos sofrimentos são a consequência de causas que poderíamos ter evitado.

11. Quantos males, quantas doenças, quantas aflições não deve o homem aos seus excessos, à sua ambição, numa palavra, às suas paixões? Aquele que vivesse com sobriedade, que de nada abusasse, que fosse sempre simples nos gostos e modesto nos desejos, a muitas tribulações se forraria. Dá-se o mesmo com o Espírito. Os sofrimentos por que passa são sempre a consequência da maneira por que viveu na Terra.

12. Certamente, no plano espiritual, não sofrerá mais de gota nem de reumatismo, mas experimentará outros sofrimentos que nada ficam a dever àqueles. Seu sofrer resulta dos laços que ainda o prendem à matéria. Quanto

mais livre estiver da influência desta, menos sensações dolorosas experimentará. Está, pois, em suas mãos libertar-se de tal influência desde a vida atual.

13. Domando suas paixões animais; não alimentando ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; não se deixando dominar pelo egoísmo; purificando-se, nutrindo bons sentimentos, praticando o bem; não ligando às coisas deste mundo importância que não merecem – o Espírito, ainda que revestido do invólucro corporal, já estará depurado, já estará liberto do jugo da matéria e, sendo assim, quando deixar o invólucro material, não mais lhe sofrerá qualquer influência.

Questões para fixação da leitura

1. É correto dizer que o Espírito é um ser imaterial?

Não. Na questão no 82 de *O Livro dos Espíritos* está dito, a respeito da natureza do Espírito, que o vocábulo imaterial não seria o termo mais apropriado para defini-lo. Incorpóreo, sim, esse seria o termo mais exato, porque o Espírito, sendo o resultado de uma criação, há de ser alguma coisa. A substância que o constitui é, contudo, tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos nossos sentidos.

2. As sensações e percepções dos Espíritos variam de indivíduo para indivíduo?

Sim. As sensações e percepções dos Espíritos variam de acordo com seu grau evolutivo e o estado de encarnação ou desencarnação em que se encontrem.

3. A encarnação amplia ou reduz as percepções do Espírito?

Reduz as percepções aos limites que se fazem necessários. É por isso que ninguém, salvo em casos

especiais, tem acesso fácil às lembranças de suas existências passadas.

4. Por que o Espírito desencarnado tem sensações, como as de dor e de frio, típicas dos indivíduos encarnados?

É que, não estando completa a separação entre o corpo e o perispírito, existe uma repercussão moral que transmite ao Espírito ocorrências dessa natureza. Há ainda casos em que já não existe ligação entre o corpo e o perispírito, pois o primeiro já se decompôs, e no entanto a lembrança e a sensação do fato ocorrido repercutem por muitos anos, mantendo a impressão de que aquele fato se dá na atualidade.

5. Os sofrimentos por que passamos podem ser evitados?

Os sofrimentos deste mundo independem, algumas vezes, de nós, mas em muito maior número são devidos à nossa vontade. Remontemos à origem deles e veremos que a maior parte dos nossos sofrimentos são a consequência de causas que poderíamos ter evitado. Quanto a esses, portanto, pode-se dizer que é possível, sim, ao ser humano evitá-los.

Ocupações e missões dos Espíritos

Sumário: As ocupações dos Espíritos na erraticidade. As missões atribuídas aos Espíritos. A quais Espíritos são confiadas as missões mais importantes. Atribuições e deveres dos Espíritos encarnados.

A ocupação dos Espíritos é contínua, mas não penosa

1. Os Espíritos têm ocupações e missões a desempenhar. Além do trabalho de se melhorarem pessoalmente, incumbe-lhes executar a vontade de Deus, concorrendo, assim, para a harmonia do Universo. A ocupação dos Espíritos é contínua, mas essa ação nada tem de penosa, uma vez que não estão sujeitos à fadiga nem às necessidades próprias da vida terrena.

2. Os Espíritos inferiores e imperfeitos também desempenham funções úteis onde estejam, embora muitas vezes não se apercebam disso. Todos têm, como se vê, deveres a cumprir.

3. Devem os Espíritos percorrer todos os graus da escala evolutiva para se aperfeiçoarem. Desse modo, todos devem habitar em toda parte e adquirir o conhecimento de todas as coisas. Há, porém, tempo para tudo. A experiência e o aprendizado por que um Espírito está passando hoje, um outro já passou e outro ainda passará.

4. Há Espíritos que não se ocupam de coisa alguma, conservando-se totalmente ociosos. Esse é, porém, um estado temporário, pois cedo ou tarde o desejo de progredir os impulsiona para uma atividade, tornando-se felizes por se sentirem úteis.

Os gêneros de missões são muitos e variados

5. As missões dos Espíritos têm sempre por objetivo o bem. Estando encarnados ou desencarnados, são eles incumbidos de auxiliar o progresso da Humanidade, dos povos ou dos indivíduos, dentro de um círculo de ideias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais, e de velar pela execução de determinadas coisas. Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como assistir os enfermos, os agonizantes, os aflitos, velar por aqueles de quem se constituíram guias e protetores, dirigi-los, dando-lhes conselhos ou inspirando-lhes bons pensamentos. Existem tantos gêneros de missões quantas as espécies de interesses a resguardar, tanto no mundo físico como no moral e o Espírito se adianta conforme a maneira pela qual desempenha sua tarefa.

6. Os Espíritos se ocupam com as coisas do nosso mundo de acordo com o grau de evolução em que se acham. Os superiores só se ocupam com o que seja útil ao progresso. Os inferiores se ligam mais às coisas materiais.

7. A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não consiste na ociosidade contemplativa. Suas atribuições são proporcionadas ao seu grau evolutivo, às luzes que possuem, à sua capacidade, experiência e ao grau de confiança que inspiram ao Supremo Criador.

8. Nem favores, nem privilégios que não sejam o prêmio ao mérito – tudo é medido e pesado na balança da mais estrita justiça. As missões mais importantes são confiadas somente àqueles que Deus julga capazes de cumpri-las e incapazes de desfalecimento ou deserção.

Em toda parte a atividade dos Espíritos é constante

9. Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos superiores, existem outras de importância relativa em todos

os graus, concedidas a Espíritos de todas as categorias, podendo afirmar-se que cada encarnado tem a sua, ou seja, deveres a preencher a bem do semelhante, desde o chefe de família, a quem incumbe o progresso dos filhos, até o homem de gênio, que lança às sociedades os novos germens do progresso.

10. É nas missões secundárias que se verificam desfalecimentos, prevaricações e renúncias que prejudicam o indivíduo sem afetar o todo.

11. Por toda a parte a atividade é constante, da base ao ápice da escala, o que lhes enseja oportunidade de instruir-se e, dando-se as mãos, alcançar a meta, que é para todos a perfeição.

12. Podemos, assim, afirmar com segurança – com base nas informações dos Espíritos – que todas as inteligências concorrem para a obra geral, qualquer que seja seu grau evolutivo, cada qual na medida de suas forças, esteja no estado de encarnado ou de Espírito livre.

Questões para fixação da leitura

1. É correto dizer que todos os Espíritos têm ocupações a desempenhar?

Sim. Além do trabalho de se melhorarem pessoalmente, incumbe-lhes executar a vontade de Deus, concorrendo, assim, para a harmonia do Universo. Os Espíritos inferiores e imperfeitos também desempenham funções úteis onde estejam, embora muitas vezes não se apercebam disso. Todos têm, como se vê, deveres a cumprir.

2. Há na erraticidade Espíritos que não se ocupam de coisa alguma?

Sim. Existem Espíritos que não se ocupam de coisa alguma, conservando-se totalmente ociosos. Esse é, porém, um estado temporário, pois cedo ou tarde o desejo de

progredir os impulsiona para uma atividade, tornando-se felizes por se sentirem úteis.

3. As missões dos Espíritos têm sempre por objetivo o bem?

Sim. Encarnados ou desencarnados, são eles incumbidos de auxiliar o progresso da Humanidade, dos povos ou dos indivíduos, dentro de um círculo de ideias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais, e de velar pela execução de determinadas coisas.

4. A quem são confiadas as missões mais importantes?

As missões mais importantes são confiadas somente àqueles que Deus julga capazes de cumpri-las e incapazes de desfalecimento ou deserção.

5. O Espírito encarnado tem deveres com relação à obra geral, ou essa tarefa pertence aos desencarnados?

Todas as inteligências devem concorrer para a obra geral, qualquer que seja seu grau evolutivo, cada qual na medida de suas forças, esteja no estado de encarnado ou de Espírito livre.

Almas gêmeas e metades eternas

Sumário: Teoria das metades eternas. Conceito de almas gêmeas. Distinção entre o conceito de almas gêmeas e o de metades eternas. O que Emmanuel escreveu sobre as almas gêmeas.

A expressão metades eternas constitui uma simples figura

1. A questão 298 d' *O Livro dos Espíritos* nos diz que "não há união particular e fatal de duas almas". "A união que há é a de todos os Espíritos, mas em graus diversos, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido."

2. Na questão seguinte da mesma obra, lê-se que não existem "metades eternas". Se um Espírito fosse a metade de outro, separados estariam ambos incompletos. "A teoria das metades eternas encerra uma simples figura, representativa da união de dois Espíritos simpáticos. Trata-se de uma expressão usada até na linguagem vulgar e que se não deve tomar ao pé da letra."

3. Reportando-se ao assunto, Emmanuel nos diz, nas questões 323 e seguintes do livro *O Consolador*, que, no sagrado mistério da vida, cada coração possui no Infinito a alma gêmea da sua, companheira divina para a viagem à gloriosa imortalidade.

4. A alusão às almas gêmeas aparece também no livro mediúnico *Diário dos Invisíveis*, psicografado pela médium Zilda Gama, em um texto de autoria do Espírito de Victor Hugo.

As almas gêmeas se buscam, sempre que separadas

5. Criadas umas para as outras – afirma Emmanuel –, as almas gêmeas se buscam, sempre que separadas. A união perene é para elas a aspiração suprema e indefinível. Milhares de seres, se transviados no crime ou na inconsciência, experimentam a separação das almas que os sustentam, como a provação mais ríspida e dolorosa, e, no drama das existências mais obscuras, vemos sempre a atração eterna das almas que se amam intimamente. Quando se encontram, no acervo dos trabalhos humanos, sentem-se de posse da felicidade real para os seus corações – a da ventura de sua união. E a única amargura que lhes empana a alegria é a perspectiva de uma nova separação pela morte, perspectiva essa que a luz da Doutrina Espírita veio dissipar.

6. Não sabemos esclarecer a razão da atração existente entre dois Espíritos, a ponto de torná-los almas gêmeas. Para nós, o primeiro instante da criação do ser está mergulhado ainda em um suave mistério, assim como a atração profunda e inexplicável que arrasta uma alma para outra, no instituto dos trabalhos, das experiências e das provas, no caminho infinito do Tempo.

7. Nem sempre as almas gêmeas se encontram no mesmo plano evolutivo. No livro *Diário dos Invisíveis*, de Zilda Gama, o Espírito de Victor Hugo diz que almas criadas na mesma era, iniciando “úteis peregrinações em mundos primitivos, e, depois, separadas em pontos diversos do globo terrestre, conservam, umas das outras, reminiscências indeléveis”. Às vezes, não se encontram em algumas de suas jornadas terrenas – quando uma delas comete delitos graves e retarda seu cinzelamento psíquico; outras há, porém, que, logo nos primórdios de uma existência, se reúnem e se reconhecem, fitando-se longamente, agrilhoadas, às vezes, pelo afeto de íntimo parentesco, nascidas sob o mesmo teto.

Almas gêmeas nada têm que ver com metades eternas

8. Acrescenta Victor Hugo (Espírito): “Quando compreendem que se reveem enfim, que os seus Espíritos foram germinados no mesmo instante, perlustraram o mesmo carreiro, tornaram-se gêmeos pelos laços perpétuos da afinidade – um júbilo intenso irradia-se nos seus íntimos qual uma alvorada espancando bruscamente as trevas de uma noite que parecia interminável... Sim, as trevas em que jaziam antes de se reverem, pois as almas isoladas, incompreendidas, enquanto lhes falta a consócia que as deixou mutiladas, o lúcido fragmento que as integra por um consórcio celeste – o Amor, o vínculo estelífero que as torna inseparáveis por toda consumação dos séculos – ficam imersas em penumbra, asfixiadas em desalento, envoltas em brumas polares...”

9. No livro *Renúncia*, obra psicografada por Chico Xavier, Emmanuel conta-nos a história da luminosa entidade espiritual Alcíone, que se afasta, temporariamente, da elevada esfera onde residia, para auxiliar sua alma gêmea Pólux. A história de Alcíone e Pólux é expressivo exemplo de Espíritos evolutivamente muito distanciados um do outro, mas que, por serem almas gêmeas, mantêm-se intimamente ligados.

10. É importante, porém, que fique claro o conceito de almas gêmeas. Como esclarece Emmanuel em Nota colocada na parte final de *O Consolador*, com a expressão “almas gêmeas” ele não quis dizer “metades eternas”. Em verdade, assevera o Instrutor espiritual, a tese é mais complexa do que parece ao primeiro exame e sugere mais vasta meditação às tendências do século, no capítulo do “divorcismo” e do “pansexualismo”, mas ninguém pode estribar-se no enunciado para desistir de veneráveis compromissos assumidos na escola redentora do mundo, sob pena de aumentar os próprios débitos.

Questões para fixação da leitura

1. A teoria das "metades eternas" é verdadeira?

Segundo o ensino espírita, não existem "metades eternas". Se um Espírito fosse a metade de outro, separados estariam ambos incompletos. A teoria das metades eternas encerra uma simples figura, representativa da união de dois Espíritos simpáticos.

2. Que se deve entender por "almas gêmeas"?

Almas gêmeas são, segundo Emmanuel, almas que se buscam, sempre que separadas, e para as quais a união perene é a aspiração suprema.

3. Por que as almas gêmeas nem sempre permanecem juntas na realização de suas tarefas?

No livro *Diário dos Invisíveis*, de Zilda Gama, o Espírito de Victor Hugo diz que isso se dá quando uma delas comete delitos graves e retarda seu cinzelamento psíquico, mas pode ocorrer também que o fato esteja ligado à necessidade que têm os Espíritos de passar por inumeráveis provas em seu processo evolutivo. A separação seria uma delas.

4. As almas gêmeas têm sempre o mesmo grau evolutivo?

Não, nem sempre elas se encontram num mesmo nível evolutivo.

5. O conceito de "almas gêmeas" significa o mesmo que "metades eternas"?

Não. Como esclarece Emmanuel em Nota colocada na parte final de *O Consolador*, com a expressão "almas gêmeas" ele não quis dizer "metades eternas". Em verdade, assevera o Instrutor espiritual, a tese é mais complexa do que parece ao primeiro exame e sugere mais vasta meditação às tendências do século, no capítulo do "divorcismo" e do "pansexualismo".

Simpatias e antipatias espirituais

Sumário: O princípio de que decorre a afeição particular que une duas pessoas. A afeição entre duas pessoas na erraticidade. Relação entre discórdia e os males humanos. Reversão do círculo vicioso do ódio.

A afeição que une dois seres persiste na vida espiritual

1. Como seres inteligentes da Criação, os Espíritos cultivam entre si a simpatia determinada por suas próprias semelhanças. Além dessa simpatia de caráter geral, há ainda as afeições particulares, como se dá entre os homens.

2. Essa afeição particular decorre do princípio de afinidade, que resulta de uma "perfeita concordância de seus pendores e instintos".

3. Assim como há simpatias entre os Espíritos, há também entre eles antipatias, alimentadas pelo ódio, que geram inimizades e dissensões. Esse sentimento só existe, porém, entre os Espíritos impuros, que não conseguiram vencer, em si mesmos, o orgulho e o egoísmo. Como exercem influência junto aos homens, acabam estimulando nestes os desentendimentos e as discórdias.

4. Desde que originada de verdadeira simpatia, a afeição que dois seres se consagram na Terra continua a existir no mundo espiritual.

Da discórdia é que nascem todos os males humanos

5. Sabemos que os Espíritos a quem fizemos mal neste mundo poderão perdoar-nos, se forem bons e na medida do

nosso próprio arrependimento. Se, porém, forem maus, poderão guardar ressentimento e perseguir-nos até mesmo em futuras existências.

6. Como ensinam os Espíritos superiores, é da discórdia que nascem todos os males humanos. A concórdia, ao contrário, concorre para que atinjamos um dia a completa felicidade. Faz-se preciso, pois, que nos esforcemos por viver harmoniosamente com os nossos familiares, colegas e companheiros de trabalho.

7. Como um dos objetivos da encarnação é o de trabalharmos no sentido de nos melhorarmos interiormente e chegarmos à perfeição espiritual, compreendemos melhor a afirmação de Jesus quando nos disse: "Amai os vossos inimigos". Com efeito, só existe prejuízo para o Espírito que tenha inimigos por força do mal que haja praticado, uma vez que os inimigos são obstáculos em sua caminhada e essa inimizade gera infelicidade e atraso em seu progresso espiritual.

Só o amor pode quebrar o círculo vicioso do ódio

8. Admitindo-se, como ensina o Espiritismo, que a maldade não é um estado permanente dos homens, que ela decorre de uma imperfeição temporária e que, assim como a criança se corrige de seus defeitos, o homem mau reconhecerá um dia seus erros e se tornará bom, compreenderemos também que nossa meta maior é superar a maldade que existe em nós e nos outros.

9. Ora, só a manifestação de amor de nossa parte pode quebrar o círculo vicioso do ódio, que continua a existir, muitas vezes, mesmo depois da morte corpórea.

10. O período mais propício a esse esforço é, sem dúvida, quando estamos juntos de nossos inimigos, convivendo com eles, na condição de encarnados ou desencarnados, pois é quando temos as melhores oportunidades de testemunhar nosso propósito de cultivar a

concordia para com todos e, dessa forma, substituir os laços de ódio que nos ligam pelos laços de amor que passarão a nos unir.

Questões para fixação da leitura

1. De que princípio decorre a afeição particular que une duas pessoas?

Os Espíritos cultivam entre si a simpatia determinada por suas próprias semelhanças, mas há, além dessa simpatia de caráter geral, as afeições particulares, tal como se dá entre os homens. Essa afeição particular decorre do princípio de afinidade, que resulta de uma perfeita concordância de seus pendores e instintos.

2. A afeição que une as pessoas na Terra continua a existir no mundo espiritual?

Sim. Desde que originada de verdadeira simpatia, a afeição que dois seres se consagram na Terra continua a existir no mundo espiritual.

3. É correto afirmar que é da discórdia que nascem os nossos males?

Sim. Segundo o Espiritismo, é da discórdia que nascem os males humanos. Faz-se preciso, pois, que nos esforcemos por viver harmoniosamente com os nossos familiares, colegas e companheiros de trabalho.

4. A maldade é um estado permanente ou transitório dos homens?

A maldade é um estado transitório dos homens, decorrente de uma imperfeição temporária. Assim como a criança se corrige de seus defeitos, o homem mau reconhecerá um dia seus erros e se tornará um indivíduo melhor.

5. Que é que pode quebrar o círculo vicioso do ódio?

Só a manifestação de amor de nossa parte pode quebrar o círculo vicioso do ódio, e o período mais propício a esse esforço é, sem dúvida, quando estamos juntos de nossos inimigos, convivendo com eles, na condição de encarnados ou desencarnados, pois é quando temos as melhores oportunidades de testemunhar nosso propósito de cultivar a concórdia para com todos e, dessa forma, substituir os laços de ódio que nos ligam pelos laços de amor que passarão a nos unir.

Escolha das provas

Sumário: O porquê da opção pelas provas penosas e difíceis. O modo como na erraticidade os Espíritos veem a existência na Terra. Fatores que influenciam o Espírito na escolha de uma existência mais árdua e difícil.

O Espírito pode escolher uma prova muito rude

1. Sob a influência das ideias carnisais, o homem, na Terra, só vê das provas o lado penoso. Eis a razão por que lhe parece natural sejam escolhidas as provas que, do seu ponto de vista, podem coexistir com os gozos materiais.

2. Na vida espiritual, porém, compara esses gozos fugazes e grosseiros com a inalterável felicidade que lhe é dado entrever, e desde logo nenhuma impressão mais lhe causam os passageiros sofrimentos terrenos.

3. Assim, pois, o Espírito pode escolher uma prova muito rude e, conseqüentemente, uma angustiada existência, na esperança de alcançar depressa um estado melhor, como o doente escolhe muitas vezes o remédio ou o tratamento menos agradável para se curar mais rapidamente.

4. Aquele que intenta ligar seu nome ao descobrimento de uma região desconhecida não procura trilhar estrada florida. Conhece os perigos a que se arrisca, mas também sabe que o espera a glória, se lograr bom êxito.

5. A doutrina da liberdade que temos de escolher nossas existências e as provas que devemos sofrer deixa de parecer singular, desde que se entenda que os Espíritos, uma vez desprendidos da matéria, apreciam as coisas de modo diverso da nossa maneira de apreciá-las. Divisam a meta, que é para eles bem diferente dos gozos fugidios do mundo.

A existência terrena é uma cópia da vida espiritual

6. Após cada existência, veem o passo que deram e compreendem o que ainda lhes falta em pureza para atingirem a meta. Daí submetem-se voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corpórea, solicitando as que possam fazer com que a alcancem mais rapidamente.

7. Não há, pois, motivo de espanto no fato de o Espírito não desejar uma existência mais suave. Não lhe é possível, no estado de imperfeição em que se encontra, gozar de uma vida isenta de amarguras. Ele sabe disso e, precisamente para chegar a fruí-la, é que trata de se melhorar.

8. Exemplos assim vemos todos os dias aqui mesmo no plano em que estamos. Que faz o homem que passa uma parte de sua vida a trabalhar sem trégua nem descanso, para reunir haveres que lhe assegurem o bem-estar na velhice? O militar que se oferece para uma perigosa missão, o navegante que afronta não menores perigos, por amor da ciência ou no seu próprio interesse, que é que fazem, senão sujeitar-se a provas voluntárias de que lhes advirão honras e proveito, se nelas não sucumbirem?

9. A que sacrifícios não se submete ou se expõe o homem movido por interesses diversos? E os concursos a que se submetem muitas pessoas? Não são eles também provas voluntárias a que as pessoas se sujeitam com vistas a avançarem na carreira abraçada? Ninguém galga determinada posição nas ciências, nas artes, na indústria, senão passando pela série de posições inferiores, que constituem igualmente outras tantas provas.

10. A existência terrena é, pois, uma cópia da vida espiritual. Nela se nos deparam em ponto pequeno todas as peripécias da outra. Ora, se na existência terrena muitas vezes escolhemos duras provas, visando a uma posição mais elevada, por que não haveria o Espírito – que enxerga muito mais longe – de escolher uma existência árdua e laboriosa, desde que isso o conduza à felicidade eterna?

O encarnado é qual viajante situado no sopé da montanha

11. Os que dizem preferir terem nascido príncipes ou milionários assemelham-se ao indivíduo míope, que apenas vê aquilo em que toca. São como o viajante que atravessa profundo vale ensombrado por espesso nevoeiro. Ele não logra apanhar com a vista a extensão da estrada por onde vai, nem seus pontos extremos. Chegando, porém, ao cume da montanha, abrange com o olhar quanto percorreu do caminho e quanto ainda lhe resta percorrer. Divisa-lhe o termo, vê os obstáculos que deve transpor e planeja então os meios mais seguros de atingi-lo.

12. O Espírito encarnado é qual viajante colocado no sopé da montanha. Quando desencarnado, desenleado dos liames corpóreos, sua visão a tudo domina, como a pessoa que subiu ao topo do monte. Para o viajor, no termo da sua jornada está o repouso após a fadiga; para o Espírito, está a felicidade suprema, após as tribulações e as provas.

13. Dizem os Espíritos que, na erraticidade, eles se aplicam a pesquisar, estudar, observar, para fazerem sua escolha. Não se oferece, na vida corpórea, um exemplo desse fato? Não levamos, frequentemente, anos a procurar a carreira pela qual afinal nos decidimos, certos de ser a mais apropriada a nos facilitar o caminho da vida?

14. Se em uma nosso intento se malogra, recorremos a outra. Cada uma das que abraçamos representa uma fase, um período da vida. Não nos ocupamos cada dia em cogitar do que faremos no dia seguinte?

15. Ora, que são para o Espírito as diversas existências corporais, senão fases, períodos, dias de sua vida de Espírito? E fases – entendamos bem – transitórias, passageiras, porquanto a vida espiritual é que é a vida normal. Afinal, jamais devemos esquecer-nos de que somos Espíritos e não um amontoado de músculos.

Questões para fixação da leitura

1. Podendo escolher uma prova mais suave, por que muitos Espíritos optam por provas penosas e difíceis?

Sob a influência das ideias carnisais, o homem só vê das provas o lado penoso. Eis a razão por que lhe parece natural sejam escolhidas as provas que, do seu ponto de vista, podem coexistir com os gozos materiais. Na vida espiritual, porém, ele compara esses gozos fugazes e grosseiros com a inalterável felicidade que lhe é dado entrever, e desde logo nenhuma impressão mais lhe causam os passageiros sofrimentos terrenos. Pode, pois, escolher uma prova muito rude e, conseguintemente, uma angustiada existência, na esperança de alcançar depressa um estado melhor, como o doente escolhe muitas vezes o remédio mais desagradável para se curar de pronto.

2. O modo de apreciar a vida terrena se modifica com a nossa desencarnação?

Sim. Os Espíritos, uma vez desprendidos da matéria, apreciam as coisas de modo diverso da nossa maneira de apreciá-las, visto que divisam a meta a alcançar, que bem diferente é para eles dos gozos transitórios do mundo.

3. Que leva um Espírito a escolher uma existência terrena mais árdua e difícil?

Como não lhe é possível, no estado de imperfeição em que se encontra, fruir uma vida isenta de amarguras, ele trata de se melhorar, com o propósito de poder um dia desfrutar uma condição mais suave. Eis por que aceita, então, as provas que lhe permitam alcançar tal objetivo.

4. Há exemplos de opções semelhantes feitas pelos encarnados?

Sim. O homem que passa uma parte de sua vida a trabalhar sem trégua nem descanso, para reunir haveres que lhe assegurem o bem-estar na velhice; o militar que se

oferece para uma perigosa missão; o navegante que afronta não menores perigos, por amor da ciência ou no seu próprio interesse – eis exemplos de pessoas que se submetem a sacrifícios para poderem progredir na estrada da vida.

5. Alguma providência específica adotam os Espíritos antes de fazerem a escolha das provas?

Sim. Dizem os Espíritos que, na erraticidade, eles se aplicam a pesquisar, estudar, observar, para fazerem a escolha das provas que devam suportar na existência corpórea.

Separação da alma e do corpo

Sumário: Como é o momento da morte. A desencarnação e suas nuances. Como se dá a separação da alma após a morte corpórea. Fatores que favorecem o desprendimento da alma. A separação nos casos de suicídio.

A desencarnação não é igual para todos

1. A certeza da vida futura não exclui as apreensões do homem quanto à desencarnação. Muitos temem não propriamente a vida futura, mas o momento da morte. Será ele doloroso? Tentando elucidar essas questões, Kardec inquiriu os Espíritos e deles recebeu a informação de que o corpo quase sempre sofre mais durante a vida do que no momento da morte e que os sofrimentos que algumas vezes se experimentam no instante da morte são um gozo para o Espírito.

2. É preciso, no entanto, que consideremos que a desencarnação não é igual para todos e que, ao contrário, há uma variação muito grande, tão grande quanto as diferentes formas de viver adotadas pelos encarnados. Vendo-se a calma de alguns moribundos e as convulsões terríveis de outros, pode-se previamente julgar que as sensações experimentadas nem sempre são as mesmas.

3. A separação da alma é feita de forma gradual, pois o Espírito se desprende pouco a pouco dos laços que o prendem, de forma que as condições de encarnado ou desencarnado, no momento do desenlace, se confundem e se tocam, sem que haja uma linha divisória entre as duas.

4. Alguns fatores podem influir para que o desprendimento ocorra com maior ou menor facilidade, fatores que estão relacionados com o estado moral do

homem quando encarnado. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego do indivíduo à matéria, que atinge seu ponto máximo no homem cujas preocupações dizem respeito exclusivamente à vida de gozos materiais. Ao contrário disso, nas almas puras – que antecipadamente se identificam com a vida espiritual – o apego é quase nulo.

O desprendimento da alma jamais é brusco, mas gradual

5. Em se tratando de morte natural resultante da extinção das forças vitais por velhice ou enfermidade, o desprendimento opera-se suavemente. Para o homem cuja alma se desmaterializou e cujos pensamentos se destacam das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes da morte real, ou seja, tendo o corpo ainda vida orgânica, o Espírito já começa a penetrar a vida espiritual, ligado à matéria apenas por um elo frágil, que se rompe com o último batimento do coração.

6. No homem materializado e sensual, que mais viveu do corpo que do Espírito, e para quem a vida espiritual nada significa, tudo contribui para estreitar os laços materiais e, quando a morte se aproxima, o desprendimento, embora também se opere gradualmente, demanda contínuos esforços. As convulsões da agonia são indícios da luta do Espírito, que às vezes procura romper os elos resistentes, e outras vezes se agarra ao corpo, do qual uma força irresistível o arrebatava com violência, molécula por molécula.

7. O desconhecimento da vida espiritual faz com que o Espírito se apegue à vida material, estreitando seus horizontes e resistindo com todas as forças, conseguindo assim prolongar a vida e, conseqüentemente, sua agonia por dias, semanas ou meses. Em tais casos, a morte não implica o fim da agonia, pois a perturbação continua e ele, sentindo que vive, sem saber definir seu estado, sente e se ressentido da doença que pôs fim aos seus dias,

permanecendo com essa impressão indefinidamente, uma vez que continua ligado à matéria por meio de pontos de contato do perispírito com o corpo.

8. Dá-se o contrário com o homem que se espiritualizou durante a vida. Depois da morte, nem uma só reação o afeta. Seu despertar na vida espiritual é como quem desperta de um sono tranquilo, lépido, para iniciar uma nova fase de sua vida.

No suicídio, a separação da alma é bastante dolorosa

9. Nas mortes violentas, como nos acidentes, o desprendimento só começa depois da morte e seu término não ocorre rapidamente. O Espírito fica aturdido, não compreende seu estado, permanecendo na ilusão de que vive materialmente por período mais ou menos longo, conforme seu nível de espiritualização.

10. Nos casos de suicídio, a separação da alma é extremamente dolorosa. Constituindo o suicídio um atentado contra a vida, o sofrimento pode permanecer por período igual ao tempo em que o Espírito deveria estar encarnado. Além disso, as dores da lesão física provocada pelo ato suicida repercutem no Espírito. A decomposição do corpo e sua destruição pelos vermes são sentidas em detalhes pelo Espírito desencarnado, conquanto tal fato não constitua regra geral. Há, além disso, o remorso, gerando sofrimento moral para aquele que decidiu desertar da vida.

11. O espírita sério, adverte-nos Kardec, não se limita a crer, porque compreende, e compreende, porque raciocina. A vida futura é para ele uma realidade que se desenrola incessantemente aos seus olhos, uma realidade que ele toca e vê a cada passo e de tal modo, que a dúvida não pode ter guarida em sua alma. A existência corporal, tão limitada, amesquinha-se diante da vida espiritual. Que lhe importam os incidentes da jornada, se compreende a causa e a

utilidade das vicissitudes humanas quando suportadas com resignação?

12. A alma se eleva então em suas relações com o mundo visível; os laços fluídicos que o ligam à matéria enfraquecem-se, operando por antecipação um desprendimento parcial que facilita a passagem para a outra vida. A perturbação consequente à transição pouco perdura, porque, uma vez franqueado o passo, para logo se reconhece, nada estranhando, antes compreendendo sua nova situação.

Questões para fixação da leitura

1. O momento da morte é doloroso?

Depende. Kardec recebeu dos Espíritos a informação de que o corpo quase sempre sofre mais durante a vida do que no momento da morte e que os sofrimentos que algumas vezes se experimentam no instante da morte são um gozo para o Espírito.

2. A desencarnação é igual para todas as pessoas?

Não. Ao contrário, há uma variação muito grande, tão grande quanto as diferentes formas de viver adotadas pelos encarnados.

3. A separação da alma é feita de forma gradual, ou isso depende do tipo de morte corporal?

A separação da alma é feita de forma gradual, pois o Espírito se desprende pouco a pouco dos laços que o prendem, de forma que as condições de encarnado ou desencarnado, no momento do desenlace, se confundem e se tocam, sem que haja uma linha divisória entre as duas.

4. Que fatores podem influir para que o desprendimento ocorra com maior ou menor facilidade?

A desmaterialização da alma é um desses fatores. Na morte de uma pessoa que se espiritualizou durante a vida e cujos pensamentos se destacam das coisas terrenas, o desprendimento quase se completa antes da morte real, ou seja, tendo o corpo ainda vida orgânica, o Espírito já começa a penetrar a vida espiritual, apenas ligado à matéria por um elo frágil que se rompe com o último batimento do coração. E seu despertar na vida espiritual é como quem desperta de um sono tranquilo, lépido, para iniciar uma nova fase de sua vida.

5. Como é a separação da alma nos casos de suicídio?

Nos casos de suicídio, a separação da alma é extremamente dolorosa. Constituindo o suicídio um atentado contra a vida, o sofrimento quase sempre permanece por período igual ao tempo em que o Espírito deveria estar encarnado. Além disso, as dores da lesão física provocada pelo ato suicida repercutem no Espírito. A decomposição do corpo e sua destruição pelos vermes são sentidas em detalhes pelo Espírito desencarnado, conquanto esse fato não constitua regra geral.

Perturbação espiritual depois da morte

Sumário: Sensações da alma por ocasião da morte. A perturbação que se segue à morte corpórea. Influência do comportamento religioso na situação *post mortem*. Situação dos que cultivaram as religiões simplistas.

É variável a duração da perturbação após a morte

1. Por ocasião da morte – ensina o Espiritismo – tudo a princípio é confuso. A alma precisa de algum tempo para entrar no conhecimento de si mesma. Ela se acha como que aturdida, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam, à medida que se apaga a influência da matéria que ela acaba de abandonar e se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos.

2. Muito variável é o tempo que dura a perturbação que se segue à morte corporal. Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos. Para aqueles que já na existência corpórea se identificaram com o estado que os aguardava, menos longa ela é, porque eles compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

3. O processo de desprendimento espiritual é lento ou demorado, conforme o temperamento, o caráter moral e as aquisições espirituais de cada ser. Não existem duas desencarnações iguais. Cada pessoa desperta ou se demora na perturbação, conforme as características próprias de sua personalidade.

4. Nesse sentido, o comportamento religioso exerce fundamental importância. Os que se fixaram às ideias

niilistas, materialistas, hibernam-se, não raro, como a fugir da realidade, num bloqueio inconsciente de longo porte que os atormenta em forma de pesadelos infelizes de que não conseguem facilmente libertar-se.

Muitos assistem estarecidos à decomposição cadavérica

5. Tendo agasalhada a ideia do nada, deperecem e se exaurem em agonia superlativa, sem que se permitam alívio, nas regiões frias e temerosas a que são arrastados por natural processo de sintonia mental, quando não acompanham, estarecidos, a decomposição do próprio corpo a que se agarram, tentando restabelecer-lhe os movimentos, em uma luta inglória.

6. Os que cultivaram as religiões simplistas, que prometem o Céu a golpes de facilidade e oportunismo, são surpreendidos por uma realidade bem diversa com que não contavam. Os que agasalharam ideias esdrúxulas fazem-se vítimas de horrores e alucinações lamentáveis que os desnorteiam por tempo indeterminado.

7. Os suicidas, graças às atenuantes e agravantes que os selecionam automaticamente, descobrem em inditoso despertar a não existência da morte.

8. Os que se converteram em destruidores da vida alheia experimentam as aflições que infligiram e expungem, em intérmina angústia, o acordar da consciência e a sobrecarga dos crimes perpetrados.

A perturbação é o estado normal no instante da morte

9. A perturbação espiritual ocorre na transição da vida corporal para a espiritual. Nesse instante, a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente suas faculdades, neutralizando, em parte, as sensações.

10. A perturbação pode, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte, e assim perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos.

11. O último alento quase nunca é doloroso, uma vez que ocorre ordinariamente em momento de inconsciência. Na morte violenta, porém, as sensações não são exatamente as mesmas, porque em tais situações o desprendimento só começa depois da morte e não pode completar-se rapidamente. O Espírito, colhido de improviso, fica como que aturdido e acredita-se vivo, prolongando-se essa ilusão até que compreenda seu estado.

12. O estado do Espírito por ocasião da morte pode ser resumido nas proposições que se seguem:

Será tanto maior o sofrimento quanto mais lento for o desprendimento do perispírito.

A presteza do desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito.

Para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual sono breve, isento de agonia, e cujo despertar é suavíssimo.

Questões para fixação da leitura

1. Que sensações experimenta a alma por ocasião da morte?

Por ocasião da morte, a alma se acha como que aturdida, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam aos poucos, à medida que se apaga a influência da matéria que ela acaba de abandonar e se dissipa a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos.

2. Há Espíritos que se sentem perturbados durante os instantes que se seguem à morte corporal?

Sim. E o tempo que dura a perturbação é variável, visto que pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos. Para aqueles que já na existência corpórea se identificaram com o estado que os aguardava, menos longa é essa perturbação, porque compreendem imediatamente seu novo estado.

3. O comportamento religioso exerce alguma importância na situação da alma após a morte?

Sim. O processo de desprendimento espiritual é lento ou demorado, conforme o temperamento, o caráter moral e as aquisições espirituais de cada ser, e por isso o comportamento religioso exerce fundamental importância. Os que se fixaram às ideias niilistas, materialistas, hibernam-se, não raro, como a fugir da realidade, num bloqueio inconsciente de longo porte que os atormenta na forma de pesadelos infelizes.

4. Qual a situação das pessoas que cultivaram as religiões simplistas, que prometem o Céu a golpes de facilidade e oportunismo?

Essas pessoas são surpreendidas por uma realidade bem diversa com que não contavam.

5. Em poucas palavras, como definir o estado do Espírito por ocasião da morte?

O estado do Espírito por ocasião da morte pode ser resumido nas proposições que se seguem: Será tanto maior o sofrimento quanto mais lento for o desprendimento do perispírito. A presteza do desprendimento está na razão direta do adiantamento moral do Espírito. Para o Espírito desmaterializado, de consciência pura, a morte é qual sono breve, isento de agonia, e cujo despertar é suavíssimo.

As penas eternas na visão espírita

Sumário: A doutrina das penas eternas segundo a teologia católica. Como o Espiritismo analisa a doutrina da eternidade das penas. Causas da infelicidade que acomete os seres humanos. Onde se situa no Universo o inferno.

As penas eternas desmentem a bondade de Deus

1. As tradições dos diferentes povos registram a crença, muitas vezes intuitiva, de castigos para os maus e recompensas para os bons, na vida de além-túmulo. Com efeito, diante da imortalidade da alma, a razão e o sentimento de justiça nos levam a compreender que deve ser dado tratamento diferenciado aos homens pela Justiça Divina, de conformidade com a natureza das obras que executaram no mundo.

2. A tese da eternidade das penas reservadas àqueles que infringem as leis do bem e do amor, tanto quanto a existência do inferno, não resistem, contudo, a uma análise objetiva. O raciocínio lógico conduz-nos à seguinte premissa: Se o Espírito sofre em função do mal que praticou, sua infelicidade deve ser proporcional à falta cometida.

3. Cumpre considerar também que a condenação perpétua não se coaduna com a ideia cristã da sublimidade da justiça e da misericórdia divinas. Jesus deu testemunho da Bondade e do Amor de Deus ao afirmar que o Pai celeste não quer que pereça um só de seus filhos.

4. A razão nos leva à consideração de que Deus é, como ensina o Espiritismo, um ser infinito em suas perfeições, pois é filosoficamente impossível conceber o Criador de outra maneira, visto que, se Ele não apresentasse infinita perfeição, poderíamos conceber outro ser que lhe fosse

superior. Sendo, portanto, infinitamente sábio, justo e misericordioso, não podemos crer que tenha Ele criado pessoas para serem eternamente desgraçadas em virtude de uma falta ou de um erro passageiro, derivado evidentemente da própria imperfeição do homem.

Jesus nos diz que Deus é um Pai misericordioso

5. A doutrina das penas eternas consubstanciada na teologia católica surgiu das ideias primitivas que conceberam a existência de um Criador irritável e mal-humorado – um Deus irado e vingativo, a quem o homem atribuiu características puramente humanas.

6. O fogo eterno é uma figura de que o homem se utilizou para materializar a ideia do inferno, de modo a ressaltar a crueldade da pena, no pressuposto de que o fogo é o suplício mais atroz e que produz o tormento mais efetivo. Essas ideias serviram, em certo período da história da Humanidade, para controlar as paixões de criaturas ainda imperfeitas, mas não servem ao homem da atualidade, que nelas não consegue vislumbrar sentido lógico.

7. Jesus valeu-se das figuras do inferno e do fogo eterno para pôr-se ao alcance da compreensão dos homens de sua época. As imagens fortes que utilizou eram, então, necessárias para impressionar a imaginação de indivíduos que pouco entendiam das coisas do Espírito e cuja realidade estava mais próxima da matéria e dos fenômenos que lhes impressionavam os sentidos físicos. Mas foi Jesus também quem, em outras oportunidades, enfatizou a ideia de que Deus é Pai misericordioso e bom e que, das ovelhas que o Pai lhe confiou, nenhuma se perderia.

8. A Justiça Divina, ensina o Espiritismo, manifesta-se na vida dos seres não para impor punições, mas com o objetivo maior de redirecionamento da pessoa para o bem. Deus criou os Espíritos para que progridam continuamente em conhecimento e amor. Essa evolução se produz através de inumeráveis experiências no plano físico e no plano

espiritual, e a dor é o estímulo de que a Providência se vale para despertar os que só conhecem tal linguagem, com vistas a impulsionar o progresso.

Não há no Universo lugares reservados para o inferno

9. A infelicidade é, portanto, consequência natural da imperfeição do Espírito e existe em virtude de suas necessidades evolutivas. Mas o sofrimento não é eterno, porque o mal também não o é. À medida que a criatura progride em amor e sabedoria, o sofrimento se atenua, e dia virá em que a consciência mais denegrada experimentará, no íntimo, a luz radiosa da alvorada do amor de Jesus.

10. Felicidade e infelicidade são, desse modo, proporcionais às realizações e conquistas efetivas registradas pela criatura humana em suas experiências evolutivas. A consciência harmonizada com a Vontade Divina reflete o Amor Sublime e objetiva o bem; a paz interior e a felicidade em sua plenitude são mera decorrência disso.

11. O homem em desequilíbrio interior, ao se voltar para o mal, incorre nos mecanismos da Justiça Divina, que, por meio da dor ou do sofrimento, o estimula ao reajuste e à reparação de seus erros. Do homem depende, pois, a duração do seu sofrimento. Quanto mais cedo se utilizar do seu livre-arbítrio para progredir, mais cedo se libertará do jugo da dor.

12. No Universo não há lugares reservados para o inferno, pois a dor, independentemente do lugar em que se manifeste, opera a renovação do homem. Há, no entanto, lugares de penitência no plano invisível, em que o sofrimento se apresenta sob diversas formas e intensidade. Mas esses lugares não se assemelham ao inferno em sua tradicional acepção, visto que se constituem em

agrupamentos provisórios, que se extinguem com a evolução dos seres que os frequentam.

Questões para fixação da leitura

1. A doutrina das penas eternas, constante da teologia católica, é admitida pelo Espiritismo?

Não. A tese da eternidade das penas reservadas àqueles que infringem as leis do bem e do amor, tanto quanto a existência do inferno, não resistem a uma análise objetiva. O raciocínio lógico conduz-nos à seguinte premissa: Se o Espírito sofre em função do mal que praticou, sua infelicidade deve ser proporcional à falta cometida.

2. Qual é a principal crítica que podemos fazer, com base nas lições de Jesus, à doutrina das penas eternas?

A principal objeção à doutrina das penas eternas fundamenta-se no fato de que Jesus enfatizou a ideia de que Deus é Pai misericordioso e bom e que, das ovelhas que o Pai lhe confiou, nenhuma se perderia. Ao dar seu testemunho inequívoco da Bondade e do Amor de Deus, Jesus dizia que o Pai celeste não quer que pereça um só de seus filhos. A condenação perpétua não se coaduna, pois, com a ideia cristã da sublimidade da justiça e da misericórdia divinas.

3. De que ordem de ideias surgiu a doutrina da eternidade das penas consubstanciada na teologia católica?

A doutrina das penas eternas surgiu das ideias primitivas que conceberam a existência de um Criador irritável e mal-humorado – um Deus irado e vingativo, a quem o homem atribuiu características puramente humanas.

4. Qual é a causa da infelicidade que acomete grande parte dos seres humanos?

A infelicidade é a consequência natural da imperfeição do Espírito e existe em virtude de suas necessidades evolutivas. O sofrimento não é eterno, porque o mal também não o é. À medida que a criatura progride em amor e sabedoria, o sofrimento se atenua, e dia virá em que a consciência mais denegrida experimentará, no íntimo, a luz radiosa da alvorada do amor de Jesus.

5. Há no Universo lugares reservados para o inferno?

Não. No Universo não há lugares reservados para o inferno, pois a dor, independentemente do lugar em que se manifeste, opera a renovação do homem. Há, sim, lugares de penitência no plano invisível, em que o sofrimento se apresenta sob diversas formas e intensidade. Mas esses lugares não se assemelham ao inferno em sua tradicional acepção, visto que se constituem em agrupamentos provisórios, que se extinguem com a evolução dos seres que os frequentam.

O reino de Deus e o paraíso perdido

Sumário: Significado das figuras de Adão e Eva. Migrações de Espíritos entre os planetas. Os exilados de Capela e a civilização da Terra. A alegoria pertinente à árvore da ciência.

As migrações de Espíritos entre os planetas é fato comum

1. Moisés relata no Gênesis a história de Adão e Eva, que teriam sido – segundo a interpretação literal das Escrituras – os primeiros seres humanos a habitar a Terra. Criados por Deus, eles viviam num jardim de delícias: o Éden bíblico, mas, tentados pela serpente, comeram o fruto proibido da árvore da ciência e foram expulsos do paraíso. Sua sobrevivência dependeria, então, a partir da expulsão, do seu próprio trabalho.

2. Esse relato, adequado ao nível de compreensão do povo judeu da época de Moisés, não pode ser aceito como verdade absoluta nos tempos atuais, em que o progresso intelectual e científico é muito mais apurado. Com efeito, as teorias que identificam nos seres humanos o resultado do aprimoramento biológico, ao longo dos milênios, de organismos primitivos que povoaram inicialmente a Terra, são hoje amplamente difundidas, aceitas pela comunidade científica e confirmadas pelo Plano Espiritual.

3. As descobertas da Antropologia e da Arqueologia não só têm confirmado essas teorias como fornecido argumentos em favor da tese do povoamento simultâneo das várias regiões do planeta, por meio de povos que, embora oriundos de uma única espécie – a raça humana –, apresentavam característicos físicos distintos, o que explica

sua origem diversificada e seu desenvolvimento independente.

4. A simbologia da narrativa bíblica reflete fenômeno usual no processo de desenvolvimento e evolução dos orbes e dos Espíritos que os habitam. Os mundos progredem através do crescimento em moralidade e sabedoria dos seres que neles vivem. Quando um planeta atinge uma fase de culminância em sua transição evolutiva, os Espíritos que não acompanharam o progresso geral do orbe e se tornaram ali elementos de perturbação do bem-estar da coletividade são conduzidos a mundos menos adiantados, onde aplicarão sua inteligência e a intuição dos conhecimentos adquiridos em benefício do progresso do planeta onde viverão.

5. Tais Espíritos expiarão, no contato com as difíceis condições de vida do seu novo ambiente, suas faltas passadas, sob o imperativo da dor que os impulsionará à renovação. Essas migrações entre os diversos mundos do Universo são periódicas e fazem parte do processo evolutivo dos povos e dos mundos.

Os exilados de Capela exerceram na Terra um papel importante

6. Moisés registrou no Gênesis as reminiscências de um grupo de Espíritos, personificados por Adão e Eva, que migrou para a Terra, proveniente de um planeta do sistema orbital da estrela chamada Cabra ou Capela, pertencente à constelação do Cocheiro. Há milênios – informa Emmanuel em seu livro *A Caminho da Luz* – esse planeta capelino, que guarda muitas afinidades com a Terra, atingira a culminância de um de seus extraordinários ciclos evolutivos. Alguns milhões de Espíritos rebeldes lá se encontravam dificultando a consolidação das penosas conquistas de um povo que, no geral, era imbuído de virtudes e fizera jus à concórdia e à paz.

7. As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmo, deliberaram, então, localizar aquelas entidades

rebeldes no mundo em que vivemos, no qual aprenderiam a realizar, na dor e nos trabalhos penosos do seu ambiente, as grandes conquistas do coração, ao mesmo tempo que impulsionariam o progresso intelectual dos povos que aqui se encontravam.

8. Na dor do seu exílio e da separação de seus entes queridos, foram eles recebidos por Jesus, que, com suas amorosas advertências, despertou-lhes as esperanças de redenção no porvir e os convidou à cooperação fraterna para o aprimoramento dos povos primitivos que habitavam nosso planeta. A eles, Jesus prometeu a assistência cotidiana e sua vinda futura, para indicar-lhes o caminho que lhes possibilitaria o retorno ao *paraíso* que haviam perdido.

9. Vivendo entre povos primitivos, ainda em situação de barbárie, os exilados de Capela sentiram-se degradados, conduzidos a ambiente rude, para expiar suas faltas; mas, intuitivamente, almejavam o retorno ao paraíso perdido, cuja lembrança na esfera da intuição propagou-se através das gerações e foi relatada nas páginas bíblicas de forma alegórica.

10. A figura de Adão deve ser compreendida, portanto, como símbolo da humanidade terrena. Sua desobediência às determinações divinas representa a infração das leis do bem, em que incorreram os homens, particularmente os exilados do sistema capelino, ao se deixarem dominar pelos instintos materiais. A árvore da ciência é uma alegoria relativa à possibilidade de o homem discernir entre o bem e o mal, através do progresso intelectual e do desenvolvimento do livre-arbítrio.

Muitos exilados de Capela ainda continuam na Terra

11. O fruto da árvore da ciência, que floresce no meio do "jardim das delícias", corresponde ao produto da evolução material e se constitui no objeto dos desejos materiais do

homem. Comer o fruto é deixar-se vencer pelas sensações da matéria, em detrimento das conquistas espirituais.

12. A árvore da vida simboliza a vida espiritual, é uma referência às conquistas em moralidade e demais bens do Espírito, que o orbe capelino conseguira efetivar e de que os exilados já não poderiam desfrutar.

13. A serpente simboliza, pelas suas formas e modo de locomoção, a sinuosidade dos maus conselhos que, contornando os obstáculos da consciência, conseguem atingir o ser, ao encontrar os resquícios da inferioridade no âmago do seu coração.

14. Desse modo, os ensinamentos espíritas relativos à chamada raça adâmica esclarecem o mito registrado no Gênesis e fornecem explicação racional para as reminiscências das promessas da vinda do Messias, encontradas em diversas comunidades terrenas.

15. Grande número dos Espíritos exilados só pôde retornar ao seu orbe de origem depois de muitas existências na Terra. Alguns, todavia, ainda se encontram por aqui, devido ao seu endurecimento no mal.

Questões para fixação da leitura

1. Adão e Eva foram os primeiros seres humanos a habitar a Terra?

Não. As recentes descobertas da Antropologia e da Arqueologia têm fornecido argumentos em favor da tese do povoamento simultâneo de várias regiões do planeta, por meio de povos que, embora oriundos de uma única espécie – a raça humana –, apresentavam características físicas distintos, o que explica sua origem diversificada e seu desenvolvimento independente.

2. A migração de Espíritos entre os diferentes planetas constitui uma regra ou é uma exceção?

As migrações entre os diversos mundos do Universo são periódicas e fazem parte do processo evolutivo dos povos e dos mundos.

3. Que ensina o Espiritismo acerca dos exilados de Capela?

Os chamados exilados de Capela são uma referência a um grupo de Espíritos, personificados por Adão e Eva, que migraram para a Terra, provenientes de um planeta do sistema orbital da estrela chamada Cabra ou Capela. Há milênios – informa Emmanuel em seu livro *A Caminho da Luz* – esse planeta capelino, que guarda muitas afinidades com a Terra, atingira a culminância de um dos seus extraordinários ciclos evolutivos. Alguns milhões de Espíritos rebeldes lá se encontravam dificultando a consolidação das penosas conquistas de um povo que, no geral, era imbuído de virtudes e fizera jus à concórdia e à paz. As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmo, deliberaram, então, localizar aquelas entidades rebeldes em nosso planeta, onde aprenderiam a realizar, na dor e nos trabalhos penosos do seu ambiente, as grandes conquistas do coração, ao mesmo tempo que impulsionariam o progresso intelectual dos povos que aqui se encontravam.

4. Qual é o significado, segundo o Espiritismo, da alegoria pertinente à árvore da ciência?

O fruto da árvore da ciência, que florescia no meio do “jardim das delícias”, corresponderia ao produto da evolução material e se constituiria no objeto dos desejos materiais do homem. Comer esse fruto equivaleria a deixar-se vencer pelas sensações da matéria, em detrimento das conquistas espirituais que nos cumpre realizar.

5. Os exilados de Capela já retornaram ao seu planeta de origem?

Em parte, sim. Alguns, todavia, ainda se encontram por aqui, devido ao seu endurecimento no mal.

Determinismo e fatalidade

Sumário: Determinismo absoluto. Diferença entre determinismo e fatalidade. Que pensavam Sócrates e Platão sobre o determinismo. Livre-arbítrio e determinismo. A fatalidade na visão espírita.

O determinismo absoluto não é acolhido pelo Espiritismo

1. Para os Espíritos Superiores não existe determinismo absoluto. O que os homens chamam fatalidade advém unicamente da escolha que o Espírito fez, ao reencarnar, da prova que terá de suportar no plano corpóreo. Escolhendo-a, institui para si uma espécie de destino, que é a consequência da posição em que se acha colocado em razão da escolha feita. Evidentemente, os Instrutores espirituais referem-se aí às provas físicas, porque com relação às provas morais e às tentações o Espírito é sempre senhor de ceder ou resistir, visto que Deus lhe conferiu a liberdade de escolha – o livre-arbítrio. Mesmo para as pessoas que pareçam perseguidas por um fatalismo marcante, as causas de suas vicissitudes, se não estão na vida presente, têm sua origem em existências anteriores.

2. É importante, porém, não se confundir determinismo com fatalidade. Determinismo é um sistema filosófico que nega ao homem o direito de agir livremente, isto é, de acordo com sua vontade. Esse sistema tem a representá-lo atualmente os positivistas e os materialistas de todas as escolas; mas é curioso notar que sua origem se encontra na escolástica religiosa, que subordinava rigorosamente à influência da Providência Divina a determinação da vontade. O determinismo materialista, como o determinismo

religioso, negando o livre-arbítrio, suprime, em consequência, a responsabilidade da pessoa.

3. A ideologia do determinismo vem de longe. Na mitologia grega, encontramos a concepção das Parcas: criaturas que teciam a teia do destino, na qual era colhida a espécie humana, sem que esta dela se pudesse libertar. Para os primeiros pensadores gregos, o destino das pessoas estava intimamente ligado à crença no poder absoluto das forças do Universo. O destino do homem estaria, segundo tal pensamento, determinado por elas; a pessoa, impotente ante elas, devia tão somente obedecer-lhes.

4. Para Pitágoras e seus adeptos, a natureza do Universo seria formada de maneira a determinar o destino das pessoas. Os segredos de sua sorte estariam encerrados nos números e somente poderiam ser desvendados se se compreender seu significado. Entender a linguagem dos algarismos seria, pois, fundamental à compreensão dos destinos humanos.

5. Heráclito ensinava que o processo cósmico obedece a determinadas leis. Toda mudança estaria de acordo com uma lei fixa e imutável, lei que constitui o princípio básico do mundo, à qual o homem estaria completamente sujeito. Heráclito refere-se a essa lei ou princípio chamando-a, às vezes, destino; outras vezes, justiça.

Kant propugnou o livre-arbítrio como necessário ao homem moral

6. Quem primeiro procurou afastar o homem da ideia de um destino inexorável foram os filósofos gregos chamados sofistas. Segundo eles, o homem não podia ficar inteiramente preso a um processo ou a leis de que não pudesse desvencilhar-se. Parecia-lhes impossível que o homem não exercesse certo efeito sobre o próprio destino. Sócrates também não aceitava tal domínio sobre os homens. Para ele, o conhecimento constituiria sua realização suprema. Alcançando o conhecimento, o homem

agiria com acerto; sem o conhecimento, corria o risco de agir com desacerto. Além dessa concepção tão clara, Sócrates entendia ainda que o homem pode, pelo conhecimento, ter certa influência sobre o seu destino na Terra e na vida futura.

7. Platão era defensor da liberdade. O homem – propunha Platão – pode vencer e de fato vence os obstáculos que o mundo lhe apresenta. Embora criatura do Criador divino, pode ordenar sua vida de modo a vivê-la com espírito de justiça e sensatez. Aristóteles também acreditava na liberdade do homem. Segundo ele, a moral não era questão de lei inevitável, mas de livre escolha: o homem tem liberdade de fazer o que é bom ou o que é mau.

8. Outros filósofos gregos que entraram em cena posteriormente acreditavam ou não no determinismo. Epicuro, por exemplo, não considerava o homem um títere de forças inexoráveis; o livre-arbítrio afigurava-se-lhe importante. Os estoicos pensavam diferentemente, entendendo que o mundo é o resultado de leis fixas e imutáveis.

9. Os pensadores gregos religiosos concebiam uma liberdade relativa para o homem. Fílon acreditava que a encarnação da alma constituía uma queda, uma perda parcial da liberdade que ela possuía antes da encarnação. Plotino também acreditava na liberdade original, ou seja, o corpo é uma prisão e a alma ligada ao corpo está prisioneira, não é livre. Os pensadores cristãos dos primeiros tempos do Cristianismo e os da Idade Média, sobretudo os apologistas, acreditavam num homem basicamente livre e entendiam que sua queda advinha da ligação com o corpo. Pelágio doutrinava que Deus concedeu liberdade ao homem para que ele possa escolher entre o bem e o mal, dentro do espírito do livre-arbítrio.

10. Mais próximos da nossa época, enquanto Espinosa apresenta-se totalmente determinista, Jean-Jacques Rousseau entendia que o homem é livre, não um brinquedo das leis naturais, mas uma alma que luta para viver segundo

a liberdade que possui. Kant também propugnou o livre-arbítrio como necessário ao homem moral.

O homem não é fatalmente levado à prática do mal

11. Até aqui vimos as principais ideias dos seguidores e dos não seguidores do determinismo, uma divergência que ainda persiste em nossos dias. O Espiritismo, contudo, ensina que não existe um fatalismo, um determinismo que norteia a vida do homem. Os constrangimentos à sua livre vontade resultam de débitos contraídos em existências anteriores que precisam ser resgatados. Sem a admissão da doutrina da reencarnação torna-se difícil entender as nuances desse fato.

12. Das lições espíritas, podemos afirmar que o homem subordina-se a um livre-arbítrio relativo, que se expande ao longo do processo evolutivo, e a um determinismo relativo, decorrente dos equívocos cometidos no passado e que devem ser corrigidos e reparados. A reencarnação anula, portanto, a ideia de que haja contradição entre livre-arbítrio e determinismo e oferece-nos a ponte destinada a ligá-los entre si, de modo que se não choquem nas conjecturas do intelecto.

13. A questão do livre-arbítrio, ensina Kardec, pode resumir-se assim: O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Pode ele, por prova ou por expiação, escolher uma existência em que sofra um arrastamento para o crime, quer pelo meio onde se ache colocado, quer pelas circunstâncias que lhe sobrevenham, mas será sempre livre de agir ou não agir.

14. A fatalidade, como vulgarmente é entendida, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os acontecimentos da vida, qualquer que seja sua importância. A fatalidade não é, porém, uma palavra vã, pois ela existe, de fato, na posição que o homem ocupa na Terra e nas funções que aí

desempenha, em consequência do gênero de vida que seu Espírito escolheu como prova, expiação ou missão. Feita a escolha, ele sofrerá fatalmente todas as vicissitudes e todos os arrastamentos a ela inerentes. Cessa aí, porém, a fatalidade, pois da sua vontade depende ceder ou não às influências e aos arrastamentos a que voluntariamente se sujeitou. Os pormenores dos acontecimentos ficam, por sua vez, subordinados às circunstâncias que ele próprio cria com seus atos e atitudes.

Questões para fixação da leitura

1. O Espiritismo admite o chamado determinismo absoluto?

Não. Segundo os Espíritos Superiores não existe determinismo absoluto.

2. Existe diferença entre determinismo e fatalidade?

Sim. Não se pode confundir determinismo com fatalidade. Determinismo é um sistema filosófico que nega ao homem o direito de agir livremente, isto é, de acordo com sua vontade. O que chamamos fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito, ao encarnar, fez desta ou daquela prova. Escolhendo-a, institui para si uma espécie de destino, que é a consequência mesma da posição em que se acha colocado em face da escolha feita.

3. Com relação ao tema acima, quais eram as opiniões de Sócrates e Platão?

Quem primeiro procurou afastar o homem da ideia de um destino inexorável foram os filósofos gregos chamados sofistas. Segundo eles, o homem não podia ficar inteiramente preso a um processo ou a leis de que não pudesse desvencilhar-se. Sócrates também não aceitava tal domínio sobre os homens. Para ele, o conhecimento constituiria sua realização suprema. Alcançando o

conhecimento, o homem agiria com acerto; sem o conhecimento, corria o risco de agir com desacerto. Além dessa concepção tão clara, Sócrates entendia ainda que o homem pode, pelo conhecimento, ter certa influência sobre o seu destino na Terra e na vida futura. Platão era defensor da liberdade. O homem – propunha Platão – pode vencer e de fato vence os obstáculos que a vida lhe apresenta. Embora criatura do Criador divino, pode ordenar sua vida de modo a vivê-la com espírito de justiça e sensatez.

4. A respeito de livre-arbítrio e determinismo, que é que nos ensina o Espiritismo?

O Espiritismo ensina que não existe um fatalismo, um determinismo que norteia a vida do homem. Os constrangimentos à sua livre vontade resultam de débitos contraídos em existências anteriores que precisam ser resgatados. Das lições espíritas, podemos afirmar que o homem subordina-se a um livre-arbítrio relativo, que se expande ao longo do processo evolutivo, e a um determinismo relativo, decorrente dos equívocos cometidos no passado e que devem ser corrigidos e reparados.

5. Como entender, à luz do Espiritismo, expressões deste tipo: “O acidente que vitimou o jovem foi uma fatalidade”? A fatalidade então existe?

A fatalidade existe, sim, na posição que o homem ocupa na Terra e nas funções que aí desempenha em consequência do gênero de vida que seu Espírito escolheu como prova, expiação ou missão. Feita a escolha, sofrerá ele fatalmente todas as vicissitudes e todos os arrastamentos a ela inerentes. Cessa aí, porém, a fatalidade, pois da sua vontade depende ceder ou não às influências e aos arrastamentos a que voluntariamente se sujeitou.

Livre-arbítrio

Sumário: Conceito de livre-arbítrio. Motivo por que muitos optam por não terem facilidade na vida. Correlação entre livre-arbítrio e responsabilidade. O destino segundo os ensinamentos espíritas.

Sem o livre-arbítrio o homem seria uma máquina

1. O livre-arbítrio relativo é, segundo o Espiritismo, apanágio do ser humano, cujo exercício no orbe terráqueo estará também submetido a determinadas circunstâncias de acordo com o mapa de serviços a ser desenvolvido pelo reencarnante. Esse mapa é delineado pelo Espírito em harmonia com as opiniões dos seus guias espirituais, antes mesmo de se iniciar o processo reencarnatório.

2. As condições sociais, as moléstias, os ambientes viciosos, o cerco das tentações, os dissabores são circunstâncias da existência humana. Entre elas, porém, está presente sua vontade soberana. Ele pode, pois, nascer em um ambiente de miséria e dificuldades, buscando vencer por sua perseverança no trabalho e triunfar das deficiências encontradas; pode suportar as enfermidades com serenidade e resignação; pode ser tentado de todas as maneiras, mas só se tornará um criminoso se quiser.

3. Livre para agir, o homem tem liberdade de escolher o tipo de vida que queira levar. As dores, as dificuldades, as vicissitudes da vida constituem provas ou expiações que ele deve enfrentar como consequência do uso indevido, incorreto, do livre-arbítrio em existências e vivências passadas.

4. O pensamento espírita é bastante claro: "Se o homem tem liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar". Sem

o livre-arbítrio ele seria uma máquina. E isso resulta de um fato simples: a liberdade é condição necessária à evolução do ser humano, que, sem ela, não poderia construir seu destino.

5. À primeira vista, a liberdade do homem parece muito limitada no círculo de fatalidades que o encerra: necessidades físicas, condições sociais, instintos ou interesses diversos. Mas, considerando a questão mais de perto, vê-se que esta liberdade é sempre suficiente para permitir que a alma quebre esse círculo e escape às forças opressoras.

6. Liberdade de escolha e responsabilidade são correlativas no ser e aumentam com sua elevação moral. É a responsabilidade do homem que faz sua dignidade e moralidade. Sem ela, não seria ele mais que um autômato, um juguete das forças ambientes. A noção de moralidade é, aliás, inseparável da de liberdade. O homem é, portanto, livre, mas responsável pelo que faz; pode, assim, realizar o que deseje. Estará, porém, ligado inevitavelmente ao fruto de suas próprias ações.

Quanto mais livre o Espírito, mais responsável será

7. Segundo a Escola Clássica, o homem dotado de inteligência e livre-arbítrio é penalmente responsável, porque: a) tem a faculdade de analisar e discernir; b) tem o poder de livre deliberação. A sociedade tem, portanto, o direito de punir o criminoso, porque este desfruta de vontade própria para delinquir ou não.

8. De acordo com a Escola Antropológica, o homem age por força das funções somático-medulares, glandulares ou cerebrais. Assim, o crime não é resultado da livre vontade do delinquente, mas de fatores biológicos, ideia que diverge da Escola Clássica.

9. A Escola Crítica, Eclética ou Sociológica afirma: a) o crime resulta não da livre vontade do delinquente, como

querem os clássicos; b) nem da imposição de reflexos biológicos, herdados ou adquiridos, como querem os antropologistas, mas exclusivamente de fatores sociais.

10. O Espiritismo tem visão própria acerca do assunto. Seus conceitos essenciais afinam-se, de alguma sorte, com as diversas escolas, indo, porém, mais além, em face da lei de reencarnação.

11. Esclarece-nos o Espiritismo que: a) pelo uso do livre-arbítrio construímos o nosso destino, que poderá ser de dores ou de alegrias; b) quanto mais livre é o Espírito, mais responsável será; c) a fatalidade ou o determinismo que afetam sua vida derivam da escolha das provas que o Espírito fez antes de reencarnar.

12. Se existe escolha das provas antes do renascimento corporal, o Espírito estabelece para si uma espécie de destino. Disso se conclui que o livre-arbítrio não tem uma medida absoluta, mas relativa.

Somos constrangidos a colher o resultado de nossas obras

13. Inúmeros são os exemplos da falência do indivíduo pelo uso indevido do livre-arbítrio. Vejamos alguns e suas consequências, extraídos da obra *Encontro Marcado*, págs. 160 a 163, de autoria de Emmanuel.

14. Com relação à posse de bens materiais, o homem é livre para reter quaisquer posses que a legislação humana lhe faculte, mas se abusa delas, criando a penúria dos semelhantes, encontrará nas consequências disso a fieira de provações com que aprenderá a acender em si mesmo a luz da abnegação.

15. Com relação ao estudo, o homem é livre para ler e escrever, ensinar ou estudar tudo o que quiser, mas se coloca os valores da inteligência em apoio do mal, deteriorando a existência dos companheiros com o objetivo de acentuar o próprio orgulho, encontrará nas

consequências disso a fieira de provações com que aprenderá a acender em si mesmo a luz do discernimento.

16. Com relação ao trabalho, o homem é livre para abraçar as tarefas a que se afeiçoe, mas se malversa o dom de empreender e de agir, prejudicando o próximo, encontrará nas consequências disso a fieira de provações com que aprenderá a acender em si mesmo a luz do serviço aos semelhantes.

17. Com relação ao sexo, o homem é livre para dar às suas energias e impulsos sexuais a direção que prefira, mas se transforma os recursos genésicos em dor e desequilíbrio, angústia ou desesperação para os semelhantes, pela injúria aos sentimentos alheios ou pela deslealdade e desrespeito aos compromissos afetivos, encontrará nas consequências disso a fieira das provações com que aprenderá a acender em si mesmo a luz do amor puro.

18. Como se vê, todos somos livres para desejar, escolher, fazer e obter, mas todos somos também constrangidos a colher os resultados das nossas próprias obras.

Questões para fixação da leitura

1. O livre-arbítrio de que desfruta o homem é relativo ou absoluto?

Relativo. O livre-arbítrio relativo é apanágio do ser humano, cujo exercício no orbe terráqueo estará também submetido a determinadas circunstâncias de acordo com o mapa de serviços a ser desenvolvido pelo reencarnante.

2. Se o Espírito tem liberdade de escolher o tipo de vida que queira levar, por que muitos enfrentam dores, dificuldades e dissabores acerbos?

As condições sociais, as moléstias, os ambientes viciosos, o cerco das tentações, os dissabores são

circunstâncias da existência humana. A escolha depende, pois, das necessidades e carências do indivíduo, que pode nascer em um ambiente de miséria e dificuldades com o propósito de provar a si mesmo que é capaz de vencer tais vicissitudes com perseverança e trabalho.

3. Existe correlação entre livre-arbítrio e responsabilidade?

Sim. Liberdade de escolha e responsabilidade são correlativas no ser e aumentam com sua elevação moral. É a responsabilidade do homem que faz sua dignidade e moralidade. Sem ela, não seria ele mais que um autômato, um brinquedo das forças ambientes.

4. Que ensina o Espiritismo acerca do destino?

Esclarece-nos o Espiritismo que pelo uso do livre-arbítrio construímos o nosso destino, que poderá ser de dores ou de alegrias. A fatalidade ou o determinismo que afetam sua vida derivam da escolha das provas que o Espírito fez antes de reencarnar. Com a escolha das provas antes do renascimento corporal, ele estabelece para si uma espécie de destino.

5. "A semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória." Esta máxima evangélica encontra confirmação nos ensinamentos espíritas?

Sim. Conforme o Espiritismo, todos somos livres para desejar, escolher, fazer e obter, mas todos somos também constrangidos a colher os resultados de nossas próprias obras.

Os fundamentos da justiça da reencarnação

Sumário: A doutrina da reencarnação e seus princípios. A unicidade das existências na visão espírita. O equívoco da metempsicose. Distinção entre reencarnação e metempsicose.

A unicidade das existências é injusta e ilógica

1. A reencarnação se baseia nos princípios da misericórdia e da justiça de Deus:

a.) Na misericórdia divina porque, assim como o bom pai deixa sempre uma porta aberta a seus filhos faltosos, facultando-lhes a reabilitação, também Deus – por intermédio das vidas sucessivas – dá oportunidade para que os homens possam corrigir-se, evoluir e merecer o pleno gozo de uma felicidade duradoura.

b.) Na justiça divina porque os erros cometidos e os males infligidos ao próximo devem ser reparados em novas existências, a fim de que, experimentando os mesmos sofrimentos, os homens possam resgatar seus débitos e conquistar, assim, o direito de ser felizes.

2. A unicidade das existências é injusta e ilógica, pois não atende às sábias leis do progresso espiritual:

a.) É injusta porque grande parte dos erros humanos é resultante da ignorância e, numa única existência, não nos é possível o resgate dos nossos erros, principalmente quando o arrependimento nos sobrevém quase no findar da existência. É preciso dar oportunidade ao arrependido, para que ele comprove sua sinceridade por meio das necessárias reparações.

b.) É ilógica porque não é capaz de explicar as gritantes diferenças de aptidões das criaturas humanas desde a infância, as ideias inatas e os instintos precoces, bons ou maus, independentemente do meio em que a pessoa tenha nascido.

3. As reencarnações representam para as criaturas imperfeitas valiosas oportunidades de resgate e de progresso espiritual.

4. Rejeitando-se a doutrina da reencarnação, perguntar-se-ia inutilmente por que certos homens possuem talento, sentimentos nobres, aspirações elevadas, enquanto muitos outros só tiveram em partilha tolices, paixões e instintos grosseiros.

A reencarnação nos permite compreender as diferenças sociais

5. A influência do meio, a hereditariedade, as diferenças de educação – como todos sabem – não bastam para explicar essas e outras anomalias que deparamos no contexto social, porque temos visto membros de uma mesma família, semelhantes pela carne e pelo sangue e educados nos mesmos princípios, diferencarem-se em inúmeros pontos.

6. Personagens célebres e estimados têm descendido de pais obscuros, destituídos até mesmo de valor moral, e o oposto também se tem visto, ou seja, filhos inteiramente depravados nascerem de pais honrados e respeitáveis.

7. Por que para uns vem a fortuna, a felicidade constante, e para outros a miséria, a desgraça inevitável? Por que a uns é concedida a força, a saúde, a beleza, enquanto outros se debatem com as doenças e a fealdade? Por que a inteligência e o gênio aqui, e acolá a imbecilidade? Por que pessoas nascem enfermas, cegas, com deficiências físicas ou deformidades morais, fatos que parecem desmentir a bondade de Deus? Por que uns morrem ainda

no berço, outros na mocidade, enquanto muitos só deixam o palco terreno na decrepitude? Donde vêm os meninos-prodígios e os superdotados, enquanto pessoas há que não deixam a mediocridade nem mesmo quando se tornam adultas?

8. Questões dessa ordem podem ser multiplicadas ao infinito, tratando não só de nossa situação presente, mas também do passado e do que nos aguarda no futuro. Sem a admissão da reencarnação, não se compreende, por exemplo, que futuro estará reservado a um canibal logo que finda sua existência corporal. Se for para o céu, que é que fará ali? Se for condenado ao inferno, por que aplicar uma pena tão dura a um ser tão primitivo? E os bebês, para onde irão depois da morte corpórea? Crescerão em sua nova morada? Aprenderão a ler, progredirão, ou ficarão estacionados para sempre na condição de bebês?

A metempsicose é um equívoco que o Espiritismo não admite

9. A reencarnação é o instrumento que o Criador nos concede para atingirmos a meta da nossa evolução, do nosso progresso individual e do mundo em que vivemos. Não se deve, contudo, confundi-la com a metempsicose, porque a reencarnação da criatura humana só se dá na espécie humana, enquanto a doutrina da metempsicose, que o Espiritismo não aceita em nenhuma hipótese, admite a retrogradação, ou seja, a encarnação da alma humana em corpos de animais e vice-versa.

10. A Doutrina Espírita é, com relação a esse assunto, bastante precisa: o homem pode estacionar, mas nunca retroceder em sua caminhada rumo à perfeição. A doutrina da reencarnação, tal como ensinada pelo Espiritismo, se funda na marcha ascendente da Natureza e no progresso do homem, dentro de sua própria espécie. Ele pode, numa existência futura, renascer em um meio mais humilde, mais singelo, menos dotado de recursos materiais, mas será

sempre ele mesmo, com a inteligência e as virtudes adquiridas ao longo do tempo por seu Espírito.

11. A doutrina da metempsicose, embora constitua um equívoco, tem sua origem num fato verdadeiro, que é a passagem do princípio inteligente, em seu processo evolutivo, pelos reinos inferiores da Natureza. Chegado, porém, à condição de alma humana, é na espécie humana que ela encarnará, não existindo possibilidade alguma de reencarnar em corpos de seres pertencentes aos outros reinos da Natureza. [1]

12. A alma só chega ao período de humanidade depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação, como é ensinado na obra de Kardec, de Gabriel Delanne e de André Luiz. (Leia-se a respeito desse tema o livro *Evolução em Dois Mundos*, de André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, bem como *A Evolução Anímica*, de Gabriel Delanne.)

[1] Há no meio espírita quem atribua a origem da palavra reencarnação a Allan Kardec, mas isso não é verdade, pois muito antes do advento da doutrina espírita, entre os séculos XVI e XVIII, surgiu, no Latim tardio, o termo erudito e acadêmico *reincarnatio*, *reincarnationis*, que, em seguida, passou para as línguas românicas e para o inglês. Em francês é "réincarnation". Essa informação pode ser conferida acessando-se o website <http://www.latin-dictionary.net/definition/33192/reincarnatio-reincarnationis>

Questões para fixação da leitura

1. Em que princípios se fundamenta a doutrina da reencarnação?

A reencarnação se baseia nos princípios da misericórdia e da justiça de Deus.

2. Por que o Espiritismo diz que a unicidade das existências é injusta e ilógica?

A unicidade das existências é injusta e ilógica porque não atende às sábias leis do progresso espiritual.

3. Que é que a reencarnação representa para os homens, especialmente os muito imperfeitos?

A reencarnação representa para as criaturas imperfeitas valiosas oportunidades de resgate e de progresso espiritual.

4. O Espiritismo, ao ensinar a lei que rege as vidas sucessivas, apoia também a doutrina da metempsicose?

Não. A reencarnação da criatura humana só se dá na espécie humana, ao passo que a doutrina da metempsicose, que o Espiritismo não aceita em nenhuma hipótese, admite a retrogradação, ou seja, a encarnação da alma humana em corpos de animais, o que é materialmente impossível.

5. Em que momento e condição a alma ingressa no chamado período de humanidade, em que passa a encarnar na espécie humana?

A alma só chega ao período de humanidade depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação, como é ensinado na obra de Kardec, de Gabriel Delanne e de André Luiz.

As provas da reencarnação

Sumário: A reencarnação e suas provas. Em que consiste a regressão de memória. Revelação sobre as vidas passadas nos ditados mediúnicos. Como explicar os meninos-prodígios.

A regressão de memória é uma das provas da reencarnação

1. As evidências de que a reencarnação é um fato baseiam-se essencialmente nos seguintes pontos:

a.) Na regressão da memória às existências passadas, que pode efetuar-se por força de sugestão ou da recordação espontânea de existências anteriores, sem que se identifique uma causa que a justifique. Neste último caso, a recordação pode dar-se tanto no sono comum como no estado de vigília, como os casos pesquisados, entre outros, pelos professores H. N. Banerjee e Ian Stevenson. [1]

b.) Na revelação obtida por meio da mediunidade, em que Espíritos transmitem revelações sobre existências anteriores próprias ou de terceiros.

c.) No fato das ideias inatas e da existência dos meninos-prodígios, assunto que continua a abalar as bases científicas da hereditariedade.

2. Secundariamente, não como prova de sua existência, mas como indício óbvio de sua antiguidade no pensamento humano, a reencarnação é também ensinada por diversas escolas religiosas – notadamente as orientais – e filosóficas. Pitágoras, por exemplo, foi um dos seus defensores mais ardorosos.

3. Alguns fatos registrados nos anais da história merecem ser aqui lembrados, por constituírem testemunhos importantes em favor da realidade da reencarnação:

a.) Juliano, o Apóstata, lembrava-se de ter sido Alexandre da Macedônia.

b.) O poeta Lamartine declara em sua *Viagem ao Oriente* ter tido reminiscências muito claras de suas existências passadas.

c.) O escritor francês Mery recordava-se de ter combatido na guerra das Gálias e também na Germânia, quando então se chamara Minius.

d.) O sensitivo Edgar Cayce, em transe mediúnico, revelava fatos de existências anteriores das pessoas que o procuravam e dele mesmo. Cayce afirma que numa existência imediatamente anterior fora John Bainbridge, nascido nas Ilhas Britânicas em 1742.

A reencarnação é também provada pelas revelações espíritas

4. Pela regressão da memória obtida tanto por meio da hipnose, como pela simples sugestão, método que é usado largamente por terapeutas diversos, têm sido obtidas grandes e numerosas evidências da reencarnação.

5. O psiquiatra inglês Denys Kelsey relata em seu livro *Muitas Existências* o caso de um cliente, profissional liberal de meia-idade, afligido por persistente e invencível inclinação homossexual. Depois de aplicar os métodos clássicos da psicanálise, sem resultado, em uma sessão de hipnose, já pela décima quarta consulta, o paciente começou a descrever episódios de uma existência vivida entre os hititas (povo que habitou a Síria setentrional por volta de 1900 a.C.), quando, na qualidade de esposa de um dos chefes da época, acostumada ao luxo, exercera grande poder sobre o marido. Quando a beleza física se foi e o marido deixou de interessar-se por ela, o choque emocional

foi muito forte para a sua natureza apaixonada. Tentando atrair terríveis malefícios sobre seu esposo, ela pediu a um sacerdote de Baal que o amaldiçoasse; mas acabou assassinada, levando para o Além toda a frustração da sua humilhante posição de esposa orgulhosa e desprezada. Ao que parece, deduziu o Dr. Kelsey, o episódio estava repercutindo na existência atual, na qual a mesma pessoa experimentava inclinação homossexual.

6. Como exemplos de provas da reencarnação por meio de ditados mediúnicos, Gabriel Delanne, em seu livro *A Reencarnação*, cita vários casos. Eis um deles, que lhe foi relatado pelo Sr. E. B. de Reyle, por meio de uma carta: "Em agosto de 1886, fizemos uma sessão de evocação, no curso da qual se apresentou, a princípio pela tiplogia, e depois, a nosso pedido, pela escrita medianímica, uma entidade que meus pais perderam, ainda de pouca idade... Assegurava esperar, para reencarnar-se, o nascimento do meu primeiro filho, especificando que seria rapaz e viria dentro de 18 meses. Não se esperava uma criança. Ora, em fevereiro de 1888, nascia o nosso filho mais velho, que recebeu o nome de Allan, na data prevista, com o sexo predito".

A doutrina da reencarnação estimula o progresso coletivo e individual

7. Allan Kardec perguntou aos Espíritos Superiores: "Qual a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, o das línguas, do cálculo, etc.?" Os Espíritos responderam: "Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas de que ela não tem consciência. Donde queres que venham tais conhecimentos? O corpo muda, o Espírito, porém, não muda, embora troque de roupagem". Nessa citação encontramos mais uma prova da reencarnação: a das ideias inatas. A História nos revela inúmeros exemplos de gênios, de sábios, de homens valorosos cujos pais, ou mesmo seus filhos, não foram grandiosos como eles.

8. Alguns desses Espíritos foram na Terra o que costumamos chamar de meninos-prodígios, cujo talento conseguiu pôr em dúvida as leis da hereditariedade. Evidentemente, o Espiritismo não nega a hereditariedade física, mas repele a ideia de que exista uma herança moral ou intelectual transmissível de pais para filhos. De fato, sabemos que vários sábios nasceram em meios obscuros, como é o caso de Augusto Comte, Espinosa, Kleper, Kant, Bacon, Young, Claude Bernard etc., enquanto homens de valor tiveram como descendentes pessoas comuns ou mesmo medíocres. Péricles, por exemplo, procriou dois tolos. Sócrates e Temístocles tiveram filhos indignos de seus nomes, e os exemplos não param por aí, porque são muitos e conhecidos.

9. Ante as provas mencionadas, a tese da reencarnação mostra ser uma doutrina renovadora, porque estimula o progresso individual e, conseqüentemente, o coletivo. A reencarnação revela-nos o que fomos, o que somos e o que seremos, e constitui o instrumento por excelência da lei do progresso e da aplicação da lei de causa e efeito.

10. A doutrina das vidas sucessivas – ao contrário da crença de que somos condenados a uma pena eterna depois de uma única oportunidade na vida – satisfaz, pois, todas as aspirações de nossa alma, que exige uma explicação lógica do problema do destino. E, o que é inegavelmente mais importante, ela se concilia perfeitamente com a ideia de que existe uma Providência divina, ao mesmo tempo justa e boa, que não pune nossas faltas com suplícios eternos, mas que nos enseja, a cada instante, o poder de reparar nossos erros, elevando-nos na escala evolutiva graças aos nossos próprios esforços.

[1] Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia (EUA), autor do livro *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*, relata nessa obra experiências de pessoas que recordavam espontaneamente episódios de existências anteriores, espécie de fenômenos a que se deu o nome de “memória extracerebral”.

Questões para fixação da leitura

1. Quais são as principais provas de que a reencarnação existe?

As evidências de que a reencarnação é um fato baseiam-se essencialmente no seguinte: a.) Na regressão da memória às existências passadas, que pode efetuar-se por força de sugestão ou da recordação espontânea de existências anteriores, sem que se identifique uma causa que a justifique; b.) Na revelação obtida por meio da mediunidade, em que Espíritos transmitem revelações sobre existências anteriores próprias ou de terceiros; c.) No fato das ideias inatas e da existência dos meninos-prodígios, assunto que continua a abalar as bases científicas da hereditariedade.

2. A chamada “regressão de memória” serve de alguma forma para comprovar a reencarnação?

Sim, sobretudo quando o fato contido na revelação for comprovado por meio de uma pesquisa imparcial, como as realizadas por Ian Stevenson e Banerjee.

3. Que importância têm na comprovação da reencarnação as revelações contidas nos ditados mediúnicos?

Dependendo das condições em que são dadas e da idoneidade moral do médium, sua importância é muito grande.

4. Como o Espiritismo explica a existência dos chamados meninos-prodígios?

O talento e os conhecimentos que essas crianças revelam sem estudo prévio na atual encarnação são mera consequência de uma lembrança do passado, do progresso anterior da alma, de que evidentemente elas não têm consciência. O corpo muda, o Espírito, porém, não muda, embora troque de roupagem.

5. Os críticos do Espiritismo afirmam que a reencarnação leva o indivíduo à indolência, porque o que não se faz hoje pode-se fazer futuramente. É correto esse pensamento?

Claro que não. A reencarnação é, em verdade, uma doutrina renovadora, porque estimula o progresso individual e, conseqüentemente, o coletivo, ao revelar-nos o que fomos, o que somos e o que seremos. E, o que é inegavelmente mais importante, ela nos mostra que existe uma Providência Divina, ao mesmo tempo justa e boa, que não pune nossas faltas com suplícios eternos, mas que nos enseja, a cada instante, o poder de reparar nossos erros, elevando-nos na escala evolutiva graças aos nossos próprios esforços.

Justificativas do esquecimento do passado

Sumário: Razões por que o homem ignora suas vidas anteriores. Como aproveitar a experiência de vidas que não recordamos. Consequências da reminiscência das existências anteriores. Razões científicas do esquecimento do passado.

Nossas tendências instintivas são uma reminiscência do passado

1. O esquecimento do passado, que é considerado a mais séria objeção oposta à lei de reencarnação, dá ensejo aos seus antagonistas proporem indagações como estas:

a.) Se o homem viveu antes, por que não se lembra de suas existências anteriores?

b.) Se não se lembra das existências passadas, como pode aproveitar a experiência adquirida nelas?

c.) Se não recorda o que fez ou o que aprendeu no passado, cada existência não seria para ele qual se fosse a primeira? Não estaria ele, desse modo, sempre a recomençar?

2. Allan Kardec dá-nos em *O Livro dos Espíritos*, em linguagem clara e concludente, uma explicação lógica e uma resposta convincente às referidas indagações.

3. Não temos durante a existência corpórea, reconhece Kardec, lembrança exata do que fomos e do que fizemos nas anteriores existências, mas possuímos disso a intuição, sendo nossas tendências instintivas uma reminiscência do passado. Não fossem a nossa consciência e a vontade que experimentamos de não reincidir nas faltas já cometidas, seria difícil resistir a tais pendores.

4. A aptidão para essa ou aquela profissão, a maior ou menor facilidade nessa ou naquela disciplina, as inclinações interiores – eis elementos que não teriam justificativa se não existisse a reencarnação. Com efeito, se a alma fosse realmente criada junto com o corpo da criança, as pessoas deveriam revelar igual talento e idênticas predileções, mas não é isso que vemos. Os que têm filhos sabem muito bem quão diferentes eles são, conquanto criados no mesmo ambiente e recebendo os mesmos estímulos.

O esquecimento do passado atesta a bondade do Criador

5. No esquecimento das existências anteriores, sobretudo quando foram amarguradas, há efetivamente algo de providencial e que atesta a bondade e a sabedoria do Criador. Tal como se dá com os sentenciados a longas penas, todos nós desejamos apagar da memória os delitos cometidos e felizes ficamos quando a sociedade não os conhece ou os relega ao esquecimento.

6. A razão disso é fácil de explicar. Frequentemente – ensina o Espiritismo – renascemos no mesmo meio em que já vivemos e estabelecemos de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes tenhamos feito. Se reconhecêssemos nelas as criaturas a quem odiamos, talvez o ódio despertasse outra vez em nosso íntimo, e ainda que tal não ocorresse, sentir-nos-íamos humilhados na presença daquelas a quem houvéssemos prejudicado ou ofendido.

7. É preciso ter em conta ainda um outro dado: o esquecimento do passado ocorre apenas durante a existência corpórea. Voltando à vida espiritual, mesmo que não recobremos de imediato a lembrança das existências passadas, readquirimos informações suficientes que nos situem perante as pessoas do nosso círculo. Não existe, portanto, esquecimento, mas somente uma interrupção temporária de nossas recordações. Livres da reminiscência

de um passado certamente importuno, podemos viver com mais liberdade, como se déssemos início a uma nova história.

8. Suponhamos ainda que, em nossas relações, em nossa família mesma, se encontre um indivíduo que nos deu, outrora, motivos reais de queixa, que talvez nos tenha arruinado ou desonrado e que, arrependido, reencarnou-se em nosso meio, a fim de reparar suas faltas. Se nós e ele lembrássemos as peripécias do passado, ficaríamos na mais embaraçosa posição, que em nada contribuiria para a renovação das atitudes.

9. Basta essa ordem de raciocínios para entendermos que a reminiscência das existências anteriores perturbaria as relações sociais e constituiria um tropeço real à marcha do progresso.

Há razões de ordem científica que explicam o esquecimento do passado

10. Léon Denis e Gabriel Delanne dão-nos as razões de ordem científica pelas quais as lembranças do passado não ocorrem ao se dar a nova encarnação do Espírito.

11. Segundo Denis, em consequência da diminuição do seu estado vibratório, o Espírito, cada vez que toma posse de um corpo novo, de um cérebro virgem, acha-se na impossibilidade de exprimir as recordações acumuladas em suas vidas precedentes.

12. Delanne esclarece que o perispírito toma, ao encarnar, um movimento vibratório bastante fraco para que o mínimo de intensidade necessário à renovação de suas lembranças possa ser atingido.

13. Podemos, pois, concluir em poucas linhas:

a.) O esquecimento do passado e, por conseguinte, das faltas cometidas não lhes atenua as consequências.

b.) O conhecimento delas seria um fardo insuportável e causa de desânimo para muitas pessoas.

c.) Se a recordação do passado fosse geral, isso concorreria para a perpetuação dos ressentimentos e dos ódios.

d.) A existência terrestre é, algumas vezes, difícil de suportar, e o seria ainda mais se, ao cortejo dos nossos males atuais, acrescentássemos a memória dos sofrimentos e dos equívocos passados.

Questões para fixação da leitura

1. Se o homem viveu antes, por que não se lembra de suas existências anteriores?

O esquecimento do passado se dá graças à bondade e à sabedoria do Criador. Tal como ocorre com os sentenciados a longas penas, todos nós desejamos apagar da memória os delitos cometidos e felizes ficamos quando a sociedade não os conhece ou os relega ao esquecimento. Como frequentemente renascemos no mesmo meio em que já vivemos e estabelecemos de novo relações com as mesmas pessoas, apagar momentaneamente a recordação dos nossos atos concorre de maneira extraordinária para o estabelecimento de novas relações com as referidas pessoas, fato que seria muito difícil em face da lembrança viva de ocorrências desagradáveis havidas no passado.

2. Se não se lembra das existências passadas, como pode aproveitar a experiência adquirida nelas?

Se não temos durante a existência corpórea lembrança do que fomos e do que fizemos nas anteriores existências, possuímos disso a intuição, sendo nossas tendências instintivas uma reminiscência do passado. A aptidão para essa ou aquela profissão, a maior ou menor facilidade nessa ou naquela disciplina, as inclinações interiores – eis

elementos que não teriam justificativa se não existisse a reencarnação.

3. Se não recorda o que fez ou o que aprendeu no passado, cada existência não seria para o Espírito qual se fosse a primeira? Não estaria ele, desse modo, sempre a recomençar?

Aparentemente sim, mas o conhecimento acumulado, as experiências vividas, o aprendizado realizado no passado dão-nos uma base a partir da qual as aptidões e o talento se manifestam. Os pais sabem muito bem quão diferentes são seus filhos, conquanto criados no mesmo ambiente e recebendo os mesmos estímulos. Enquanto uns avançam no estudo e muitas vezes superam os próprios professores, há os que apresentam dificuldades enormes no aprendizado, o que demonstra que trazem bagagens diferentes, tanto no campo intelectual quanto no campo moral.

4. A reminiscência das existências anteriores perturbaria ou melhoraria as relações sociais?

Se em nossas relações, e mesmo em nossa família, houver um indivíduo que nos deu, outrora, motivos reais de queixa, que talvez nos tenha arruinado ou desonrado e que, arrependido, reencarnou-se em nosso meio, a fim de reparar suas faltas, é evidente que a lembrança do passado em nada contribuirá para a renovação de nossas atitudes. Igual raciocínio aplica-se na situação oposta, quando nós, por hipótese, tenhamos sido o verdugo de nossos próprios familiares. Basta essa ordem de raciocínios para entendermos que a reminiscência das existências anteriores perturbaria as relações sociais e constituiria um tropeço real à marcha do progresso.

5. Existem razões de ordem científica para que o Espírito, ao reencarnar-se, esqueça o seu passado?

Sim. Léon Denis e Gabriel Delanne falam disso em suas obras. Segundo Denis, em consequência da diminuição do seu estado vibratório, o Espírito, cada vez que toma posse de um corpo novo, de um cérebro virgem, acha-se na

impossibilidade de exprimir as recordações acumuladas em suas vidas precedentes. Delanne esclarece que o perispírito toma, ao encarnar, um movimento vibratório bastante fraco para que o mínimo de intensidade necessário à renovação de suas lembranças possa ser atingido. Eis fatores que constituem impedimento real a que a lembrança das existências passadas se torne possível.

Prelúdio da volta do Espírito à vida corporal

Sumário: Momento em que começa a união da alma ao corpo. Fato que determina durante a gestação o esquecimento do passado. Situação do Espírito no prelúdio da reencarnação. Fatores que intervêm no processo reencarnatório.

A união da alma com o corpo começa na concepção

1. As encarnações e desencarnações são fases importantes e necessárias, que se alternam por uma imensidade de vezes na escalada evolutiva do Espírito. Do mesmo modo que, para o Espírito, a morte do corpo físico é uma espécie de renascimento, a reencarnação é uma espécie de morte, melhor dizendo, de exílio, de clausura. Ele deixa o mundo dos Espíritos pelo mundo corporal, como o homem deixa este mundo por aquele.

2. A união da alma com o corpo, ensina o Espiritismo, tem início na concepção, mas só se completa no nascimento. O invólucro fluídico é que liga a alma ao germen. Essa união vai-se adensando e tornando-se mais íntima, de momento a momento, até que se completa quando a criança vem à luz.

3. No período intercorrente, da concepção ao nascimento, a ação da força vital faz com que diminua o movimento vibratório do perispírito, até o momento em que, não atingindo o mínimo perceptível, o Espírito fica quase totalmente inconsciente. É dessa diminuição de amplitude do movimento fluídico, diz Gabriel Delanne, que resulta o esquecimento.

4. Quando o Espírito vai encarnar num corpo humano em via de formação, um laço fluídico, que mais não é do que

uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen, que o atrai por uma força irresistível desde o instante da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve, esse laço se encurta. Sob a influência do princípio vital presente no gérmen, o perispírito se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, como se o Espírito, valendo-se do seu perispírito, se enraizasse no gérmen, a exemplo da planta que se enraíza no solo. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, está completa a união, e o ser nasce então para a vida exterior.

A reencarnação é um choque biológico apreciável

5. A partir do momento em que o Espírito é colhido no laço fluídico que o prende ao gérmen, ele entra em estado de perturbação que aumenta à medida que o laço se aperta, perdendo o Espírito, nos últimos momentos, toda a consciência de si próprio, de modo que jamais presencia o seu nascimento. Quando a criança respira, ele começa a recobrar as faculdades, que se desenvolvem à proporção que se formam e consolidam os órgãos que hão de lhes servir às manifestações.

6. André Luiz relata-nos, detalhadamente, o imenso carinho e os inúmeros cuidados que o Mundo Espiritual dedica ao processo reencarnatório. Na obra *Entre a Terra e o Céu*, o ministro Clarêncio, ao reportar-se à reencarnação de Júlio, fornece informações interessantes sobre a redução perispiritual.

7. Assevera então o amorável ministro da colônia "Nosso Lar": "A reencarnação, tanto quanto a desencarnação, é um choque biológico dos mais apreciáveis. Unido à matriz geradora do santuário materno, em busca de nova forma, o perispírito sofre a influência de fortes correntes eletromagnéticas, que lhe impõem a redução automática". "Durante a gravidez de Zulmira, a mente de Júlio permanecerá associada à mente materna, influenciando, como é justo, a formação do embrião. Todo o cosmo celular

do novo organismo estará impregnado pelas forças do pensamento enfermeiro de nosso irmão que regressa ao mundo. Assim sendo, Júlio renascerá com as deficiências de que ainda é portador, embora favorecido pelo material genético que recolherá dos pais.”

8. Em outra obra de André Luiz, *Missionários da Luz*, deparamos também com preciosas informações a respeito da complexidade do trabalho realizado pelo Plano Espiritual, sempre que retorna ao mundo corporal um Espírito em resgate ou reajustamento de tarefas mal executadas em existência anterior.

Os processos reencarnatórios diferem ao infinito

9. Tratando da programação reencarnatória de Segismundo, o orientador Alexandre disse a um amigo: “Já observei o gráfico referente ao organismo físico que o nosso amigo receberá de futuro, verificando, de perto, as imagens da moléstia do coração que ele sofrerá na idade madura, como consequência da falta cometida no passado. Segismundo experimentará grandes perturbações dos nervos cardíacos, mormente os nervos do tônus”. “Com exceção do tubo arterial, na parte a dilatar-se para o mecanismo do coração, tudo irá muito bem. Todos os genes poderão ser localizados com normalidade absoluta.”

10. Interessado no caso Segismundo, Alexandre aduziu, reportando-se aos seus futuros pais: “Voltaremos a vê-los no dia da ligação inicial de Segismundo à matéria física. Preciso cooperar, na ocasião, com os nossos amigos Construtores, aos quais pedi me apresentassem os mapas cromossômicos, referentemente aos serviços a serem encetados”.

11. De acordo com a obra citada, Segismundo já se encontrava então, desde a semana anterior, em processo de ligação fluídica direta com os futuros pais. À medida que se intensificava semelhante aproximação, ele ia perdendo os pontos de contato com os veículos que consolidou na esfera

espiritual através da assimilação dos elementos peculiares àquele plano. Essa operação – explicou Alexandre – era necessária para que o perispírito do reencarnante pudesse retomar a plasticidade que lhe é característica e, por isso, no estágio em que ele se encontrava, o procedimento impunha-lhe sofrimento.

12. Nem todos, porém, passam pelos sofrimentos que Segismundo experimentava. Os processos de reencarnação, tanto quanto os da morte física, diferem ao infinito, não existindo, a rigor, dois absolutamente iguais. Facilidades e dificuldades estão subordinadas a fatores numerosos, muitas vezes relativos ao estado consciencial dos próprios interessados no regresso à Crosta ou na libertação do veículo carnal. Existem Espíritos de grande elevação que, ao voltarem à carne, em apostolado de serviço e iluminação, quase dispensam o concurso dos companheiros dedicados a esse trabalho na esfera espiritual.

Questões para fixação da leitura

1. Quando se inicia a união da alma com o corpo?

A união da alma com o corpo tem início na concepção, mas só se completa no nascimento.

2. Qual é o fato, no período que vai da concepção ao nascimento, que determina o esquecimento do passado?

No período intercorrente que vai da concepção ao nascimento, a ação da força vital faz com que diminua o movimento vibratório do perispírito, até o momento em que, não atingindo o mínimo perceptível, o Espírito fica quase totalmente inconsciente. É dessa diminuição de amplitude do movimento fluídico que resulta o esquecimento.

3. Há Espíritos que assistem ao próprio velório. Pode algum Espírito presenciar o próprio nascimento?

Não. A partir do momento em que o Espírito é colhido no laço fluídico que o prende ao gérmen, ele entra em estado de perturbação que aumenta à medida que o laço se aperta, perdendo o Espírito, nos últimos momentos, toda a consciência de si próprio, de modo que jamais presencia o seu nascimento.

4. No prelúdio da reencarnação ocorre para o reencarnante alguma espécie de sofrimento?

Em alguns casos, sim. Foi o que ocorreu com Segismundo quando em processo de ligação fluídica direta com os futuros pais. À medida que se intensificava semelhante aproximação, ele ia perdendo os pontos de contato com os veículos que consolidou na esfera espiritual através da assimilação dos elementos peculiares àquele plano. Essa operação era necessária para que o perispírito do reencarnante pudesse retomar a plasticidade que lhe é característica e, por isso, no estágio em que ele se encontrava, o procedimento impunha-lhe sofrimento.

5. Ensina o Espiritismo que não existem, a rigor, dois processos reencarnatórios iguais. Que fatores intervêm nesses momentos?

Os processos de reencarnação, tanto quanto os da morte física, diferem ao infinito. Facilidades e dificuldades estão subordinadas a fatores numerosos, muitas vezes relativos ao estado consciencial dos próprios interessados.

A infância

Sumário: Utilidade do período da infância. Vantagens que a infância propicia ao reencarnante. Como Emmanuel define a infância. Objetivo do estado de pureza e simplicidade peculiar à infância.

A infância é uma fase de adaptação necessária ao reencarnante

1. A alma de uma criança pode ser mais evoluída do que a de um adulto; no entanto, sua inteligência – durante a fase da infância – não se manifesta plenamente porque seu organismo físico não está ainda suficientemente desenvolvido.

2. O estado de perturbação por que passa o Espírito no ato da encarnação só aos poucos vai cessando e se dissipa totalmente com o pleno desenvolvimento dos órgãos.

3. A infância é uma fase de adaptação necessária ao Espírito que retorna à existência corpórea. Existente nos diferentes mundos, ela é, porém, menos obtusa nos planetas mais adiantados.

4. Recém-saído do mundo espiritual, onde gozava de maior liberdade e dispunha de maiores recursos, o Espírito se vê, durante essa fase, em dificuldades para exprimir plenamente seus pensamentos e manifestar suas sensações.

Durante a infância o Espírito é mais acessível aos conselhos recebidos

5. Nessa fase da vida, em que o Espírito se vê limitado em sua liberdade, a infância é uma demonstração da

misericórdia de Deus, que lhe propicia uma dupla vantagem:

a.) O Espírito ganha o tempo indispensável a fim de se preparar para as futuras e difíceis tarefas da nova existência corpórea.

b.) Pela fase que atravessa, revestido da simplicidade e da inocência comuns a todas as crianças, desperta nos pais e no núcleo a que pertence muita simpatia, interesse e boa vontade, o que facilitará o desempenho de suas tarefas no mundo.

6. Sabemos que, ao desenvolver-se, a criança apresentará, nos anos que se seguirem, as tendências e defeitos morais inerentes ao seu real adiantamento espiritual, mas este poderá, sem nenhuma dúvida, ser sensivelmente modificado pela influência recebida, desde o berço, de seus pais e das pessoas incumbidas de educá-la.

7. Reencarnando sob a forma inicial de uma criança, o Espírito é mais acessível, durante esse período, às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os pais e as pessoas investidas dessa tarefa, cuja importância é enfatizada por Emmanuel no cap. CLI de seu livro *Caminho, Verdade e Vida*: "A juventude pode ser comparada a esperançosa saída de um barco para viagem importante. A infância foi a preparação, a velhice será a chegada ao porto". "Todas as fases requisitam as lições dos marinheiros experientes, aprendendo-se a organizar e a terminar a viagem com êxito desejável."

A pureza e a simplicidade da criança constituem o nosso objetivo

8. Como criança, o Espírito enverga temporariamente a túnica da inocência, um fato que atesta a bondade e a sabedoria de Deus, porque sua aparente inocência e

fragilidade despertam o carinho e a simpatia dos adultos que o cercam, facilitando assim o processo de sua reeducação.

9. Esse estado de pureza e simplicidade é tão importante que o próprio Mestre o destacou numa conhecida passagem evangélica em que, aludindo a uma criança que dele se aproximara, declarou: "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos Céus".

10. O mais frio celerado há de lembrar um dia que também ele já foi criança, de aparência inocente e pura, e que de muito lhe valeria ter continuado a cultivar semelhantes virtudes, porquanto sem a aquisição delas, como ensinou Jesus, não teremos entrada no reino dos Céus.

Questões para fixação da leitura

1. Qual é, segundo o Espiritismo, a utilidade do período da infância?

Sua utilidade é muito grande. A infância é uma fase de adaptação necessária ao Espírito que retorna à existência corpórea. Existente nos diferentes mundos, ela é, porém, menos obtusa nos planetas mais adiantados.

2. Que vantagens a infância propicia ao Espírito que retorna à existência corporal?

São duas as vantagens: a.) O Espírito ganha o tempo indispensável a fim de se preparar para as futuras e difíceis tarefas da nova existência corpórea. b.) Pela fase que atravessa, revestido da simplicidade e da inocência comuns a todas as crianças, desperta nos pais e no núcleo a que pertence muita simpatia, interesse e boa vontade, o que facilitará o desempenho de suas tarefas no mundo.

3. Durante a infância, o encarnado é mais ou menos acessível às impressões que recebe?

Sim. Na infância, o Espírito é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os pais e as pessoas investidas dessa tarefa.

4. Como Emmanuel, ao comparar a existência terrena a uma longa viagem, define a infância?

Segundo Emmanuel, a juventude pode ser comparada a esperançosa saída de um barco para viagem importante. A velhice será a chegada ao porto. A infância é a preparação.

5. Que nos ensinou Jesus a respeito do estado de pureza e simplicidade comum às crianças?

Esse estado de pureza e simplicidade é tão importante que o próprio Mestre o destacou numa conhecida passagem evangélica em que, aludindo a uma criança que dele se aproximara, declarou: "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos Céus".

A encarnação nos diferentes mundos

Sumário: Causas que justificam a encarnação de um Espírito em determinado planeta. Categoria a que pertence a Terra. Forma dos habitantes e condições de vida nos planetas superiores ao nosso.

Os Espíritos não estão indefinidamente presos a um mundo

1. A encarnação nos diferentes mundos obedece ao critério de progresso moral. Quando, em determinado planeta, os Espíritos realizaram a soma de progresso que o estado desse planeta comporta, eles o deixam para encarnar em outro mais adiantado.

2. Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham presos a ele indefinidamente. Cada mundo é para eles o que escola representa para a criança, que muda de classe à medida que progride em seus estudos.

3. Os Espíritos elevados são destinados a encarnar em planetas mais bem dotados que o nosso. A escala dos mundos apresenta inúmeros graus, dispostos para a ascensão progressiva dos Espíritos.

4. Falando a respeito das inumeráveis moradas existentes no Universo infinito, Jesus afirmou: "Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou para preparar-vos o lugar".

A Terra pertence à categoria de mundos de expiação e provas

5. Segundo a Doutrina Espírita, os planetas podem dividir-se em cinco categorias principais:

a.) Mundos primitivos, onde se verificam as primeiras encarnações da alma humana.

b.) Mundos de expiação e provas, em que o mal predomina.

c.) Mundos regeneradores, onde as almas que ainda têm o que expiar adquirem novas forças, repousando das fadigas da luta.

d.) Mundos felizes, onde o bem supera o mal.

e.) Mundos celestes ou divinos, morada dos Espíritos purificados, onde o bem reina sem mistura.

6. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e de provas, e é por isso que nela o homem está exposto a tantas misérias. "Não obstante – ensina Santo Agostinho – não são todos os Espíritos encarnados na Terra que se encontram em expiação. As raças que chamais selvagens constituem-se de Espíritos apenas saídos da infância, e que estão, por assim dizer, educando-se e desenvolvendo-se ao contacto de Espíritos mais avançados." (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. III, item 14.)

7. Nas esferas superiores à Terra o império da matéria é menor. Lá se desconhecem as guerras, carecendo de objeto os ódios e as discórdias, porque ninguém – devido ao estado de adiantamento da sociedade ali encarnada – pensa em causar dano a seu semelhante.

8. O homem que vive nesses mundos não mais se arrasta penosamente sob a ação de pesada atmosfera. Ele se desloca de um lugar a outro com muita facilidade. As necessidades corpóreas são quase nulas e desconhecidos os trabalhos rudes. Mais longa que a nossa, a existência ali se passa no estudo, na participação das obras de uma civilização aperfeiçoada, que tem por base a mais pura moral, o respeito aos direitos de todos, a amizade e a fraternidade.

A forma humana é comum também aos mundos superiores

9. A intuição que seus habitantes têm do futuro, a segurança que uma consciência isenta de remorsos lhes dá, fazem com que a morte nenhuma apreensão lhes cause, e eles a encaram sem temor, como simples transformação necessária ao processo evolutivo.

10. Nenhum pensamento oculto, nenhum sentimento de inveja tem ingresso nessas almas delicadas. O amor, a confiança, a sinceridade presidem às reuniões em que todos recolhem as instruções dos mensageiros divinos e aceitam as tarefas que podem contribuir para elevá-los ainda mais.

11. A encarnação de um Espírito em um mundo inferior àquele em que viveu em sua última existência corpórea pode ocorrer em dois casos:

a.) Como missão, com o objetivo de auxiliar o progresso, caso em que aceita alegre as tribulações de tal existência, por lhe proporcionar meio de se adiantar.

b.) Como expiação, porque há casos em que os Espíritos devem recomeçar, no meio conveniente à sua natureza, as existências mal empregadas.

12. Nos mundos superiores à Terra a forma corpórea é sempre a humana, porém muito mais bela, aperfeiçoada e sobretudo purificada. O corpo físico nada tem da materialidade terrestre e, por isso, não está sujeito às necessidades, às doenças e às deteriorações que a predominância da matéria provoca.

Questões para fixação da leitura

1. Que é que determina a encarnação de um Espírito nesse ou naquele planeta?

A encarnação nos diferentes mundos obedece ao critério de progresso moral. Quando, em determinado planeta, os

Espíritos realizaram a soma de progresso que o estado desse planeta comporta, eles o deixam para encarnar em outro mais adiantado, onde poderão adquirir novos conhecimentos.

2. Segundo a Doutrina Espírita, a que categoria pertence o planeta Terra?

A Terra pertence à categoria de mundos de expiação e de provas, e é por isso que nela o homem está exposto a tantas misérias.

3. As condições de vida nas esferas superiores à Terra são diferentes das nossas?

Sim. Nas esferas superiores o império da matéria é menor. Lá se desconhecem as guerras, carecendo de objeto os ódios e as discórdias, porque ninguém – devido ao estado de adiantamento da sociedade ali encarnada – pensa em causar dano ao seu semelhante.

4. Que razões há para um Espírito encarnar em um mundo inferior àquele em que viveu em sua última existência corpórea?

A encarnação de um Espírito em um mundo inferior àquele em que viveu em sua última existência corpórea pode ocorrer como missão, com o objetivo de auxiliar o progresso, caso em que aceita alegre as tribulações de tal existência, por lhe proporcionar meio de se adiantar, ou como expiação, porque há casos em que os Espíritos devem recomeçar, no meio conveniente à sua natureza, as existências mal empregadas.

5. A forma humana é encontrada também nos mundos superiores à Terra?

Sim. Nos mundos superiores à Terra a forma corpórea é sempre a humana, porém muito mais bela, aperfeiçoada e sobretudo purificada.

Bibliografia

- DELANNE, Gabriel. *A Evolução Anímica*.
- DELANNE, Gabriel. *A Reencarnação*.
- DELANNE, Gabriel. *O Fenômeno Espírita*.
- DENIS, Léon. *Depois da Morte*.
- DENIS, Léon. *O Grande Enigma*.
- DENIS, Léon. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*.
- DUARTE, José Coimbra. *Ciências Físicas e Biológicas*, 26ª ed., pp. 17 a 19.
- FLAMMARION, Camille. *Deus na Natureza*.
- FLAMMARION, Camille. *Sonhos Estelares*.
- FROST JR., S. E. *Ensinos Básicos dos Grandes Filósofos*, tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho.
- GAMA, Zilda. *Por Espíritos diversos. Diário dos Invisíveis*.
- GELEY, Gustave. *Resumo da Doutrina Espírita*.
- JOÃO, apóstolo. *Evangelho segundo João*.
- JOLIVET, Régis. *Vocabulário de Filosofia*, tradução de Geraldo Dantas Barreto.
- KARDEC, Allan. *A Gênese*.
- KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*.
- KARDEC, Allan. *O Que é o Espiritismo*.
- MARCOS, evangelista. *Evangelho segundo Marcos*.
- MATEUS, apóstolo. *O Evangelho segundo Mateus*.
- MIRANDA, Hermínio C. *A Memória e o Tempo*.

MIRANDA, Hermínio C. *Reencarnação e Imortalidade.*

MIRADOR, *Enciclopédia Mirador Internacional.*

PERALVA, Martins. *O Pensamento de Emmanuel.*

STEVENSON, Ian. *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação.*

XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Por André Luiz. *Evolução em dois mundos.*

XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. Por Espíritos diversos. *O Espírito da Verdade.*

XAVIER, Francisco Cândido. Por André Luiz. *Entre a Terra e o Céu.*

XAVIER, Francisco Cândido. Por André Luiz. *Missionários da luz.*

XAVIER, Francisco Cândido. Por André Luiz. *No Mundo Maior.*

XAVIER, Francisco Cândido. Por André Luiz. *Os Mensageiros.*

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *A Caminho da Luz.*

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Caminho, Verdade e Vida.*

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Encontro Marcado.*

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *O Consolador.*

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Renúncia.*

XAVIER, Francisco Cândido. Por Emmanuel. *Roteiro.*

XAVIER, Francisco Cândido. Por Espíritos diversos. *Palavras do Infinito.*